

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



**IDENTIDADE SEXUAL E IMAGOS PARENTAIS NA PRÉ-
ADOLESCÊNCIA FEMININA**

Ana Catarina Campina de Bettencourt Rodrigues

12496

Orientador de Dissertação:

Prof. Doutora Ângela Vila-Real

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Clínica

2009

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professora Doutora Ângela Vila-Real, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673 / 2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à Prof. Doutora Ângela Vila-Real por todo o apoio e paciência ao longo deste dois anos, pelas inúmeras clarificações, pelo incentivo e pela crença de que de facto resultaria daqui um bom trabalho; sobretudo pela aprendizagem.

Como não poderia deixar de ser, quero agradecer aos meus pais e ao meu irmão, por todo o amparo. Por me terem proporcionado todas as condições físicas e emocionais necessárias durante toda esta caminhada. Pela constante disponibilidade e compreensão, e por ter sempre podido contar com eles.

À Filipa, à Rita e à Sara. Por se terem tornado os meus alicerces durante este percurso. O que sou hoje reflecte-se em tudo o que vivemos, partilhámos, criámos, rimos e chorámos. Este momento só se tornou possível por terem estado sempre do meu lado.

Ao Carlos, por tudo. À Carolina, por toda uma séria de partilhas que esta tese proporcionou, motivação e disponibilidade; e a todos os meus amigos e colegas que de algum modo foram preenchendo a minha vida pessoal e académica ao longo destes anos.

A todos o meu sincero Obrigado.

*Para nascer nasci,
para encerrar o passo de quanto se aproxima,
de quanto a meu peito golpeia como um novo
coração que bate estremecido.*

De *Para nacer he nacido*, por Pablo Neruda

Resumo

Identidade Sexual e Imagos Parentais na Pré-Adolescência Feminina

O problema deste trabalho diz respeito à ligação que existe entre o modo como se dá a organização sexual e a relação com as imagos parentais. Assim sendo, pretende-se com este estudo compreender como surge esta ligação (entre imagos parentais e identidade sexual) na pré-adolescência feminina. E em que medida é feita a evolução de ambas estas questões dos dez para os doze anos.

Neste sentido esta investigação foi realizada através da aplicação do teste projectivo T.A.T. a uma amostra de dez meninas de dez anos (que não tenham tido a menarca) e a dez pré-adolescentes de doze anos (que já tenham tido o aparecimento da menarca), de modo a que possamos entender de forma mais clara as mudanças que emergem com as imagos parentais e o modo como a organização sexual se dá, de uma idade para a outra.

No que concerne aos resultados concluímos que com o eclodir da pré-adolescência, e consequente puberdade, encontramos diferenças em termos do desenvolvimento ao nível da identidade sexual sustentada nas mudanças/desenvolvimento nas relações com as imagos parentais. Isto, através do modo como aparecem representadas a identificação ao feminino, à função materna, às imagos parentais, e ao modo como são representadas as relações libidinais e de sedução.

Palavras-Chave: Identidade Sexual, Imagos Parentais, Pré-Adolescência Feminina, T.A.T.

ABSTRACT

Sexual Identity and Parental Imagos in the Feminine Preadolescence

The problem of this investigation is concern with the existing link between the way that the sexual organization forms itself and the relation with the parental imagos. In this way, the goal of this study is to understand how this link (between parental imagos and the sexual identification) appears in feminine preadolescents. And in which way this evolution happens from ten to twelve years old.

In this sense, this investigation was made by the application of the projective test – T.A.T. to a sample of ten girls with ten years old (that haven't had yet the menarche) and ten preadolescent girls (that have had already the menarche), so we can clearly understand the changes that emerge with the parental imagos and the way that the sexual organization forms itself, from an age to another.

In concern to the results we concluded that with the outbreak of the preadolescence, and consequent puberty, there are differences in terms of development at sexual identity sustained in the changes and development in the relations with the parental imagos. This is shown by the way how the female and maternal function identification appears, and by the way how the parental imagos, and the libidinal and seduction relations are represented.

Key-words: Sexual Identity, Parental Imagos, Feminine Preadolescence, T.A.T.

Índice

I. INTRODUÇÃO.....	8
II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	11
O Conceito de Identidade na Pré-Adolescência e Adolescência.....	11
Identidade Sexual.....	12
O Conceito de Imagos Parentais.....	15
Pré-Adolescência.....	16
Pré-Adolescência e Identidade no Feminino.....	18
O Corpo Feminino.....	18
Relação da Rapariga com a Mãe.....	22
III. MÉTODO.....	29
Hipóteses.....	29
Delineamento.....	29
Participantes.....	29
Instrumento.....	29
Procedimento.....	34
IV. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	36
V. DISCUSSÃO.....	53
VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61
ANEXOS	
Anexo A (carta de consentimento aos encarregados de educação)	66
Anexo B (interpretação das respostas T.A.T para os dez anos)	67
Anexo C (interpretação das respostas T.A.T para os doze anos)	103
Anexo D (tabelas referentes aos procedimento para ambos os grupos)	137

I. Introdução

Na pré-adolescência, o desenvolvimento e a maturação sexual, bem como a própria identidade tornam-se fulcrais, uma vez que nela ocorrem mudanças físicas e psicológicas que vão provocar um impacto na vida de cada pré-adolescente. Segundo Atger (2004), assistimos nesta fase a uma alteração das relações de vinculação às figuras primárias; a uma formação de novos laços de vinculação a outras figuras; a um aparecimento de sistemas comportamentais sexuais e, posteriormente, a um desenvolvimento de competências para que cada pré-adolescente se torne, mais tarde, uma figura de vinculação como cuidador. A pré-adolescência surge então, num contexto de mudanças somáticas e psicológicas, durante a qual, ocorrem reestruturações nucleares que vão instituir as matrizes da personalidade a consolidar ao longo da adolescência (Malpique, 2003).

Consideramos, neste seguimento, que será a maturação sexual que conduzirá o pré-adolescente a uma organização sexual definitiva, com escolha do masculino ou feminino, à transição de uma pulsão auto-erótica para uma função de reprodução e para a escolha de um objecto heterossexual (Marques, 1999). Esta maturação impõe transformações corporais que provocam alterações nas relações do sujeito consigo próprio e com os outros, principalmente com as figuras parentais, que vão reactivar a problemática edipiana e a importância das relações com o mundo exterior e com o grupo de pares. Surge a necessidade de abandonar os investimentos e representações das imagos parentais infantis e do corpo de criança e, neste sentido, a adolescência é considerada como um período de vários lutos e perdas, premiado pela emergência de um corpo sexuado, do ideal do eu e pelas novas identificações (Marques, 1999).

Segundo Marques (1990), a adolescência inicia-se com as modificações corporais da puberdade, que são vividas com extrema intensidade. Encaramos a adolescência como um tempo de construção de um corpo que, progressivamente, se torna sexualmente identificável, e como um tempo de criação de uma representação de si diferenciada que vai conduzir à escolha do masculino/feminino (Marques, 1990). O processo adolescentil ocorrerá de forma diferente no sexo feminino e masculino – uma vez que, as experiências de vínculo, proximidade e ligação às imagos parentais dependem do sexo (Marques, 1990). Parece-nos pertinente perceber como de facto este processo se dá na pré-adolescência feminina. Neste sentido, pretende-se com este estudo compreender, devido às modificações ocorridas com a maturação sexual e evolução da identidade sexual, de que modo se processa esta evolução no

sexo feminino, tendo sempre em linha de conta a relação estabelecida com as imagos parentais.

Na literatura dominante sobre a pré-adolescência e adolescência procuram-se delimitar os seus processos nas suas dimensões externas e internas, e partindo do pressuposto que muitas dessas dimensões externas serão influenciadas pelas dimensões internas (Marques, 1999), pareceu-nos relevante neste estudo focar algumas das dimensões internas que a autora valoriza. A adolescência, é aqui encarada como um período de transformação/construção em que o que é da ordem do passado e infantil é mobilizado para que novos objectos e objectivos, impostos pela maturação, possam ser recriados, e assim, a adolescência é entendida como uma ponte que liga o infantil ao adulto (Marques, 1999). Deste modo, iremos debruçar-nos sobre as ideias de ruptura em relação à infância, procurando-se estabelecer o espaço e tempo reais em que vive e como vive o adolescente, em alguns dos diferentes períodos/processos que atravessa, nomeadamente, no que respeita aos processos de construção da identidade sexual e a relação com as imagos parentais.

Este estudo surge no seguimento de um trabalho realizado por Marques (1990), em que analisa a expressão do masculino e do feminino transcritos no Rorschach, na pré-adolescência (aos treze anos) e adolescência (aos dezassete anos). Neste sentido, pareceu-nos relevante perceber como se dão alguns desses processos de identificação e identidade sexual, desta vez em meninas de dez anos e pré-adolescentes de doze anos, uma vez que não foram encontrados quaisquer estudos neste âmbito.

Malpique (2003), através da “Alice” fala-nos na menina de dez anos curiosa e activa no final da latência, que vivencia uma sexualidade fálica, confronta a mãe pré-genital, começa a surpreender-se com as mudanças do seu corpo e sente a sua identidade abalada. Através da “Bela”, numa fase um pouco mais avançada, percebemos a menina movida pela curiosidade que transgride as proibições paternas, para depois incarnar simbolicamente a imagem da passividade, emerge no narcisismo corporal que a menarca suscita e investe na espera da maturidade sexual. Representando cada uma delas, “Alice” e “Bela”, ambos os grupos da amostra que pretendemos estudar, caracterizando diferentes fases do desenvolvimento da identidade feminina.

O objectivo principal deste trabalho é então compreender como se processa a evolução da pré-adolescência feminina, tendo em conta as modificações ocorridas com a puberdade, relativamente à evolução da identidade sexual e concomitantemente, evolução da relação com as imagos parentais.

O instrumento utilizado nesta investigação foi o *Teste de Apercepção Temática* (T.A.T.), uma vez que a interpretação psicanalítica de provas projectivas como o T.A.T., permite promover a sua utilização como instrumento de investigação/avaliação, na tentativa de se chegar a um diagnóstico, e como ferramenta metapsicológica de pesquisa em psicologia clínica (Chabert, 1993). Esta prova, permite descobrir e analisar o funcionamento psíquico individual, graças ao escutar e decifrar de um discurso circunscrito por uma situação original e singular (Chabert, 1993). Segundo Santos (1989), pela solicitação das provas projectivas tornam-se evidentes os processos de individuação e preservação narcísica e as relações objectais. O T.A.T. permite, neste sentido, revelar o modo como a estrutura edipiana foi integrada, pelo modo como as identificações e relações objectais são expressas. Na situação projectiva, proporcionada pela aplicação do T.A.T., cada sujeito reage e expressa o seu nível de conflitualização, de integração e de construção face ao materno e ao paterno, feminino e masculino (Marques, 1996), assumindo-se desta forma como instrumento fulcral nesta investigação.

Começaremos num primeiro capítulo por relacionar a identidade e a identidade sexual na pré-adolescência, e por oferecer uma definição do conceito de imagos parentais. De seguida iremos focar estas questões mais especificamente no sexo feminino, abordando posteriormente as mudanças pubertárias na pré-adolescente e consequentes mudanças na relação com as imagos parentais, terminando assim o nosso enquadramento teórico. De seguida, apresentaremos o nosso método e apresentação dos resultados da nossa investigação, terminando então este trabalho com a discussão dos resultados e suas conclusões.

II. Enquadramento Teórico

O Conceito de Identidade na Pré-Adolescência e Adolescência

O termo identidade, apesar de poder ser visto por diferentes prismas e ter diferentes significados conforme os autores e correntes associadas, acaba por estar sempre ligado aos movimentos de identificação e relacionado, portanto, com uma construção pessoal. De qualquer modo, não podemos falar em identidade sem referirmos Erikson (1968). O autor define a identidade como o conceito que possuímos do eu – o modo como nos vemos a nós próprios e o modo como os outros nos vêem, e que constitui a base da nossa personalidade.

Ao admitir a adolescência como fase fulcral do processo de formação da identidade, Erikson (1968) encara esta (formação da identidade) como um processo integrador das transformações pessoais, das exigências da sociedade e das expectativas em relação ao futuro. A formação identitária envolve ainda “a criação de um sentido de unicidade” (Erikson, 1981, p.11) em que a personalidade é sentida, pelo próprio e pelos outros, como oferecendo uma certa consistência ao longo do tempo. Deste modo, o termo identidade aponta para o conjunto dos processos psíquicos pelos quais o indivíduo acede a uma representação da sua continuidade (Shentoub, 1991), sendo que a construção da identidade apoia-se numa imagem do corpo relativamente consistente e na eficácia dos processos de individuação e diferenciação em relação ao outro e ao meio.

Erikson (1980) revolucionou o pensamento contemporâneo ao afirmar que a adolescência está intimamente ligada a todo o ciclo de vida, dando-nos assim a noção de continuidade do ego. Também Milheiro (2001) defende esta continuidade vinculativa do próprio indivíduo com o seu passado, presente e futuro, sublinhando também a importância da sociedade e cultura envolvente, que inclui o sujeito como seu elemento integrante, fazendo com que nela se reconheça e que por ela seja reconhecido. É neste sentido que Erikson (1980) defende que a formação da identidade depende do modo como a sociedade identifica o jovem indivíduo.

Assumindo a identidade como produto do processo de identificação: “processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa”, a personalidade “constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações” (Laplanche e Pontalis, 1990,

p.295). Um sujeito não só se constrói, reconstruindo-se, mas constrói-se também graças ao papel desempenhado pelo outro, pelas possibilidades de o integrar nas suas características e de se apoiar nas suas qualidades continentais e suficientemente boas (Marques, 1999). Neste sentido, a identidade constrói-se na flutuação entre o investimento objectal e narcísico, no aproximar do outro e no assumir das suas qualidades (Coimbra de Matos, 2002). Torna-se fundamental o encontro com figuras válidas de identificação, uma vez que consideramos as relações de objecto como a base da construção identificativa que formam e transformam o indivíduo, sendo este porém também activo e livre na identidade que o define. Assim, os alicerces da identificação encontram-se nas aquisições decorrentes das relações precoces com os pais, bem como na constituição das respectivas imagos, que serão também fundadores da singularidade e individualidade de cada um. Deste modo, tornam-se fulcrais as relações que são estabelecidas com o objecto primário – materno, bem como a sua importância no estabelecimento do eu e na constituição da identidade sexual, acrescentando que serão também estabelecidos o destino e percurso de cada sujeito nas relações objectais que conduzem à realização e identificação (Marques, 1996).

Podemos, por fim, dizer que parece haver uma concordância entre os diferentes autores no sentido em que o sentimento de identidade se adquire de forma evolutiva e progressiva no desenvolvimento, e que a juventude será o período de consolidação da identidade (Coimbra de Matos, 2001).

A Identidade Sexual

De acordo com Milheiro (2001), os processos de criação de identidade implicam a formação de consciência de si – self, como indivíduo único e sexualmente definido, juntamente com a capacidade de criar relações objectais estáveis. Aliás, o autor (2001) considera mesmo que a identidade sexual (ou a consciência de si como indivíduo sexualmente definido), representa o aspecto mais íntimo e profundo da identidade pessoal. Tal como defende Coimbra de Matos (2002) a construção desta identidade sexual dá-se no decurso da evolução da psicosexualidade – sexualidade psicológica organizada (Milheiro, 2001), através dos processos de identificação às pessoas significativas, num meio familiar e cultural que lhe confirmam ou não essa identidade, uma vez que ela é vivenciada pelo próprio mas também pelos outros. A confirmação da identidade, do género masculino ou feminino, alicerça-se

nesta espécie de aprendizagem no homem e na mulher, já que, como defende Blos (1974), as crianças sabem, sem qualquer dúvida, se são raparigas ou rapazes, uma vez que o ambiente confirma a sua identidade de género de variadas formas, que se fazem suportar pelas próprias observações da criança. Contudo, esta confirmação da identidade, proporcionada pela aprovação ou reprovação das figuras parentais e do meio envolvente, apesar de fulcral, não é suficiente para enraizar a identidade sexual, já que a criança pode posicionar-se ou identificar-se de forma oposta à que o seu ambiente pretende (Milheiro, 2001).

De acordo com Coimbra de Matos (2002), a psicosexualidade faz-se seguir por fases, sendo que ao nível da identidade sexual tudo começa pelo conhecimento geral do próprio corpo e do corpo da mãe, passando depois ao conhecimento das insígnias sexuais e por último ao conhecimento da coisa sexual.

A fase genital infantil (fálica – dos 3 aos 5/6 anos) será a fase em que a psicosexualidade atinge a zona genital, embora os respectivos órgãos só atinjam maturidade biológica mais tarde na puberdade. Domina já um conhecimento dos dois sexos e das suas diferenças e uma curiosidade primordial em saber o que o pai e a mãe farão com essas diferenças. Fantasias e desejos assentam no mundo triangular, da criança, pai e mãe, com todas as emoções e vicissitudes, contradições e ansiedades que o Complexo de Édipo implica. O que acaba por consistir numa afirmação, por um lado, e numa exclusão por outro – torna-se obrigatório escolher a identidade sexual que se vai instalar definitivamente nessa altura (Coimbra de Matos, 2002).

Segundo Coimbra de Matos (2002), nesta fase predomina a identificação alotriomórfica – em que o sujeito procura adoptar o comportamento do modelo. Só neste período podemos falar de uma verdadeira identidade sexual, em que a curiosidade se foca na compreensão do acto sexual e a criança começa a imaginar que quando for crescida vai ocupar a posição de mulher ou de homem. O recalçamento obrigatório do Complexo de Édipo propicia tabus e proibições, e passamos a estar perante uma consciência moral que marca o início do período da latência (Freud, 1905; Milheiro, 2001).

No período de latência (dos 6/7 até à puberdade), a criança sai do período quente edipiano (Golse, 2005) e segundo Freud (1905), constituem-se nesta fase as forças psíquicas que mais tarde serão um obstáculo aos impulsos sexuais – o desgosto, o pudor e a moral, e o superego. No entanto, as tendências sexuais da criança continuam a existir neste período, são porém, desviadas e aplicadas a outros fins. Freud (1905), tal como Coimbra de Matos (2007),

defende que a sexualidade não é nem posta de parte nem fica em latência, porém, simplesmente já se sabe e aprendeu quase tudo sobre a mesma, no entanto é cedo para a realizar e é necessário e interessante conhecer outras coisas. A criança passa do vínculo filial de dependência e necessidade de protecção ao vínculo social de interdependência, colaboração/competição e companheirismo. É o grande período da razão, da socialização e do desenvolvimento das funções do eu. Os sentimentos de pertença, de tolerância e respeito pelo diferente e confiança em si mesmo organizam-se e consolidam-se, acabando por haver uma conjugação do que é individual e social (Coimbra de Matos, 2007), sendo também neste plano de socialização que se verificam a emergência dos jogos de regras (Golse, 2005).

No período de latência, a identidade sexual afirma-se e confirma-se pela aprendizagem e experimentação dos papéis sociais do homem e da mulher na cultura em que a criança vive (Coimbra de Matos, 2007). Nesta idade, a criança também já percebeu que são as mulheres as melhores avaliadoras dos homens e os homens os melhores avaliadores das mulheres e por isso, dão mais significado à avaliação feita pelas pessoas do sexo oposto, nomeadamente a mais considerada por si – a mãe para o rapaz e o pai para a rapariga (Coimbra de Matos, 2007). Segundo Blos (1974) a emergência de uma identidade sexual durante a pré-adolescência será pré-condição para a progressão da posição heterossexual na adolescência.

De acordo com Marques (1996) é na adolescência que a identidade sexual se firma e afirma, recriando-se nas relações estabelecidas com o materno e o paterno. A identidade sexual é então confirmada, reforçada e orientada pela fantasia sexual central – e estamos então perante a época da experiência afectivo-sexual com o par amoroso (Coimbra de Matos, 2002). Até ao período de latência os impulsos e desejos que a criança sentia eram eficazmente combatidos, porém, perante a re-emergência das pulsões sexuais e agressivas isso deixa de acontecer (Waddel, 1989). A pulsão sexual é modulada sob o primado da genitalidade e o adolescente terá de efectuar o trabalho de renúncia em que “estar destinado a não ter senão um sexo é renunciar ao outro” (Kestenberg cit. por Golse, 2005, p.305). Do mesmo modo Grinberg & Grinberg (1973) sublinham que o estabelecimento da identidade sexual implica uma renúncia ao sexo que não se tem, sendo que então que se obriga à elaboração do luto pelo que não se é. Assistimos então a uma reorganização e reforço da identidade pessoal e de género com maior estabilidade, consistência da auto-estima e confirmação do próprio valor humano e sexual, a capacidade de atrair e poder satisfazer o objecto do sexo complementar está no cerne de todas as questões narcísicas do adolescente (Coimbra de Matos, 2007). Pelo

fim da adolescência, emerge uma representação do self sexual duradoura, estruturada e conceptualizada como identidade sexual (Blos, 1974).

Por fim, a identidade sexual não se segue simplesmente pelo conhecimento do próprio género, sendo decididamente afectada pelas ideias sobre o género oposto (Blos, 1974), uma vez que, na adolescência, a experiência narcísica da identidade de género será função essencialmente dos colegas do sexo oposto: o ser apreciado pelas raparigas para o rapaz e o ser apreciado pelos rapazes para a rapariga; e ainda, o ser invejado pelos colegas do mesmo sexo (Coimbra de Matos, 2007).

O Conceito de Imagos Parentais

Imago diz respeito ao “protótipo inconsciente de personagens que orienta” o modo como apreendemos o outro. Este protótipo forma-se “a partir das primeiras relações intersubjectivas reais e fantasmáticas com o meio familiar”, e portanto, não representa muitas vezes “um reflexo do real” (Laplanche & Pontalis, 1995, pp. 305). Neste sentido as imagos parentais surgem ligadas à noção de objectos internos e do mundo imaginário da criança pequena, e uma vez que a mãe é o primeiro objecto de relação do bebé, será na relação criada com ela, que se alicerça o mundo interno da criança (Klein, 1929). Segundo a autora, este mundo interno será habitado por objectos parciais – uma vez que o bebé não é ainda capaz de conhecer e introjectar um objecto na sua totalidade. Assim as suas experiências seriam clivadas em boas (as de satisfação) e más (as de frustração), o que ao ser introjectado constitui a base do bom e do mau seio. Será com estes primeiros objectos parciais que a criança irá recriar uma profusão de fantasias no seu mundo interno.

Segundo Kristeva (2001), na posição esquizóparanóide, o bebé incapaz de vivenciar a ausência, experiência a ausência do bom objecto como um equivalente a um ataque pelo mau objecto. Assim, o bebé entraria num processo de clivagem do objecto numa parte boa e noutra má, negando tanto a frustração como o afecto persecutório.

De acordo com Klein (1929) esta formação das imagos internas será o representante do Superego (numa primeira instância), uma vez que se sobrepõe à formação do superego primitivo. A autora defende que, a presença de imagos com características boas e más representam estágios intermediários entre um superego ameaçador, dissociado da realidade, e as identificações que se aproximam mais da realidade. E neste seguimento, quanto mais o

desenvolvimento do superego e libidinal avançam em direcção a um nível genital, mais as identificações se vão aproximando dos pais reais.

Pré-Adolescência

Segundo Blos (1962, 1967) temos de reconhecer uma componente na reestruturação psíquica que se manifesta com extrema importância na pré-adolescência: o segundo processo de individuação – tendo o primeiro ocorrido no terceiro ano de vida (Mahler, 1972). A principal tarefa do pré-adolescente nesta segunda individuação é a de se diferenciar e distanciar dos pais internalizados (Josselson, 1980). O que na infância seria uma preparação da criança, em fase simbiótica, para se tornar um indivíduo independente ao nível da locomoção (Mahler, 1972), torna-se na adolescência o desprender das dependências da família – o largar os vínculos dos objectos infantis (Blos, 1967). Também Marques (1999) sublinha a transformação das relações com as figuras parentais na adolescência, em que a necessidade de desinvestimento das imagos parentais – dos primeiros objectos de amor e identificação edipiana, é vista como fulcral para o investimento em novos objectos.

Como referimos anteriormente, a puberdade instala-se num desenvolvimento psicológico contínuo, e neste sentido o período de latência representa uma importância extrema para a preparação da adolescência, uma vez que nele se estabelecem novos caminhos para a gratificação e domínio do ambiente, através do desenvolvimento de competências sociais, físicas e mentais. Além disso, a latência aumenta a tolerância à tensão e traz um novo leque de aprendizagens, de relações objectais mais estáveis e novos modos para a sustentação da auto-estima (Blos, 1962). Durante este período de latência as estruturas psíquicas estão em relativa harmonia, o superego é internalizado e o ego aumenta o seu controlo de impulsos. A criança por esta altura é realística e emocionalmente dependente dos seus pais e a auto-estima deriva da aprovação parental e do aumento de capacidades, estando assim, nesta fase, intacta a onipotência parental (Josselson, 1980). Assim sendo, a fraqueza do ego na adolescência deve-se não só à crescente força das pulsões mas em grande parte, também à separação do ego parental de apoio (Blos, 1967). Neste sentido, e segundo Dias Cordeiro (1988) para restabelecer o equilíbrio narcísico e reorganizar um sistema relacional face às imagos parentais, torna-se obrigatório o afastamento das imagos parentais, numa tentativa de se afirmar, tendo em conta a necessidade de o adolescente se tornar autónomo em relação aos pais.

Quando a criança começa a atingir a puberdade já criou uma barreira contra as influências contaminantes das fantasias parentais, além de que, a crescente faculdade de avaliação crítica faz diminuir a sua supremacia e prestígio não desafiado (Blos, 1974). O papel parental que anteriormente servia a criança dependente tem de ser abandonado, e a gratificação parental, resultante da dependência da criança, tem de encontrar novos objectivos (Blos, 1974). Surge o sentimento de separação e autonomia, o desejo de agir como se não houvesse pais, contrariando tudo o que for contra a sua liberdade, o que Josselson (1980) descreve como um segundo estágio de onipotência. Segundo a autora, quando a pré-adolescência fornece um sentido suficiente de autonomia e protecção das necessidades regressivas infantis, o pré-adolescente poderá então permitir-se a experimentar a sua realiação ao ego parental. Até porque, o pré-adolescente anseia pelo amor dos objectos parentais do qual tem sido separado. Até à adolescência, o ego parental mostra-se disponível à criança, a adolescência vem assim acabar com esta aliança (Blos, 1974).

O desligamento emocional dos objectos internalizados – objecto de amor e ódio, abre as portas na adolescência para a procura de novos objectos fora da família (Blos, 1967). Como também explica Dias Cordeiro (1988), é no seguimento da liquidação das imagos parentais que surge a possibilidade de estabelecer relações amorosas fora da família, caso contrário os novos objectos arriscar-se-iam a representar uma simples repetição dos antigos laços familiares. Assim, torna-se necessário o luto das imagos parentais para que possa ser possível o acesso a novas relações e identificações. Esta elaboração será extremamente defensiva e vai resgatar os seus recursos aos investimentos narcísicos da infância, às relações pré-edípicas e à organização do período de latência (Malpique, 2003). O superego edípico perde neste processo alguma da sua rigidez, enquanto a instituição narcísica do ideal do ego adquire mais poder. Estas mudanças estruturais permitem a constância da auto-estima, uma vez que esta se torna cada vez mais independente de fontes externas, ou então, dependente de fontes externas que o próprio escolhe (Blos, 1967), e é neste sentido que o grupo de pares se torna essencial.

O adolescente anseia pelo conforto da gratificação pulsional mas receia voltar a envolver-se nas relações objectais infantis, paradoxalmente, só através da regressão (da pulsão e do ego) é que a tarefa do adolescente pode ser completada. Sendo que, de facto, a adolescência será o único período da vida em que a regressão do ego e da pulsão se torna uma componente obrigatória ao desenvolvimento, operando portanto ao seu serviço, apesar da ansiedade que causa. O período de latência deve no entanto, ter preparado a criança para que consiga resistir contra a regressão à relação com os objectos parentais infantis (Blos, 1974). Importa ainda mencionar que esta necessidade de regressão e de fazer o luto das imagos

parentais deve-se na adolescência à maturação dos órgãos genitais, à intensidade com que surgem os instintos sexuais e às restrições morais superegóicas face a pais sexualizados (Dias Cordeiro, 1988)

As repercussões do desligamento das relações objectais infantis interinternalizadas, são materializadas no que Blos (1967) descreveu como fome de objecto e empobrecimento do ego no adolescente. Segundo o autor, ambas as condições encontram um alívio compensatório no grupo de pares, sendo a formação social muitas vezes, e literalmente uma substituta da família do adolescente. O grupo permite identificações, e experimentação de papéis sem nenhum compromisso permanente, e além disso, partilha e alivia os sentimentos de culpa que acompanham a emancipação das dependências infantis (Blos, 1967). De um modo geral, o adolescente nesta tarefa de individuação do ego adolescente não consegue suportar sozinho o peso de manter a auto-estima, e portanto, acaba por escolher fontes externas que assegurem a sua auto-estima, não surpreendendo que as suas escolhas sejam o mais semelhante possível ao seu próprio superego (Josselson, 1980).

No entanto podemos observar algumas diferenças no que respeita ao sexo do pré-adolescente. Segundo Blos (1974), a regressão no rapaz é mais maciça que na rapariga, mais orientada para a acção e mais concreta. Nos primeiros passos na puberdade o rapaz ‘foge’ do sexo oposto, enquanto a rapariga, pelo contrário, coloca os seus desejos e fantasias heterossexuais em primeiro plano. Conforme o autor (1974), as fugas regressivas da rapariga permanecem sempre contra-balançadas com o seu movimento para o sexo oposto. E de facto, desde o início da adolescência a rapariga está de longe bem mais preocupada com as vicissitudes das relações objectais, enquanto as energias do rapaz estão mais direccionadas para o exterior.

Pré-Adolescência e Identidade no Feminino.

O Corpo Feminino

Como temos vindo a discutir, a pré-adolescência é uma fase de grandes mudanças corporais e psicológicas, durante a qual se operam reestruturações fulcrais ao nível do desenvolvimento da personalidade. Assumimos mesmo que os factores genéticos que desencadeiam a puberdade impulsionam mudanças psicológicas, influenciam o modo de gerir

o reforço pulsional e a integração da nova representação do corpo sexuado, a qual constituirá a matriz sobre a qual se vai organizar a futura sexualidade (Malpique, 2003). Tal como defende Marques (1999), será a partir do corpo que os processos de identidade e identificação serão mobilizados. A este propósito, consideramos ainda, que são as questões que se colocam ao nível das identificações femininas e masculinas que conduzem a uma crise de identidade. Desta forma, será a aquisição do feminino/masculino que faz renunciar a imago sexual ambígua infantil e que conduz à constituição do ideal do ego (Marques, 1999). Segundo a autora, o fundamental na adolescência, à parte das transformações com as relações parentais, são as transformações corporais iniciadas com a puberdade, já que passamos a estar perante um corpo dificilmente representável porque é vivido como desconhecido, e porque passa a ser portador de forças, desejos e capacidades novas, e é precisamente este novo corpo que provoca a maior turbulência na adolescência. Assim, segundo Deutsch (1991) é com o aparecimento da puberdade que surge o período de maior libertação em relação à sexualidade infantil, que se faz acompanhar de uma inclinação para a realidade e de um processo intensivo de adaptação à realidade com recurso ao agir.

Relembremos, então, que a puberdade feminina se inicia entre os 10 e os 11 anos, o que se torna evidente com o desenvolvimento dos seios e dos pêlos públicos. Pelos 12 anos há um evidente crescimento físico, um aumento do peso, desenvolvimento das ancas, nádegas e coxas (Malpique, 2003). Os contornos do corpo de menina mudam e desenvolve-se o peito como uma nova parte do seu corpo. Não só a rapariga muda em tamanho e forma, como o crescimento do peito e a menarca podem surgir num tempo que não vá de encontro ao sentido precoce que a rapariga tem do seu corpo (Notman, 2003).

Mesmo quando bem informada, o aparecimento da menstruação representa sempre uma experiência chocante para a pré-adolescente (Hägglund, 1981). A menarca pode despertar fantasias e angústias – já que o sangue pode muitas vezes ser interpretado como “ferida” evocando fantasmas de dilaceração interna, no que esta pode significar de castração e de violação (Malpique, 2003). Também Laufer (in Golse, 2005) nos fala dum traumatismo na puberdade, no momento em que se gera um desconhecimento inconsciente de um corpo fisicamente marcado por uma especificidade feminina – o facto de poder trazer uma criança no ventre. Algumas pré-adolescentes recusam inconscientemente esta compreensão e rejeitam a integração de uma nova imagem de si mesmas como indivíduos sexuados. De acordo com Kestenberg (1991), o sentir-se doente pelo sangue pode também fazer com que não anseie essa espécie de feminilidade. No entanto, pode muitas vezes acontecer que no próprio grupo

de amigas seja premiada aquela que tiver primeiro a menarca e fazendo referência aos clichés populares do “agora já és mulher”, podemos compreender também a ambição da pré-adolescente pela sua própria maturação (Kestenberg, 1991).

Segundo Notman (2003), as mudanças no corpo adolescente feminino aproximam a rapariga da forma do corpo da sua mãe, fazendo também surgir fantasias e expectativas em relação à maturação do seu próprio corpo feminino – a rapariga pré-adolescente espera que os seus seios cresçam, comparando-os sempre com os da sua mãe, por exemplo. A autora (2003) acrescenta, ainda, a importância que a percepção social do crescimento do peito pode ter, uma vez que se reconhece o peito como parte da transição da adolescente para se tornar mulher, além de confirmar a feminilidade e a identificação com a mãe. Paradoxalmente, a relação com a mãe torna-se mais persistente e perigosa, isto porque, a inibição que a pré-adolescente encontra ao voltar-se para a realidade, direcciona-a de volta para a mãe, por um período marcado por exigências amorosas mais intensas e infantis (Deutsch, 1991). De acordo com a autora, uma tentativa por parte da pré-adolescente de libertação da mãe que falha ou que seja demasiado fraca, pode inibir o crescimento psicológico futuro e deixar uma marca infantil em toda a personalidade da mulher.

De acordo com Klockars e Sirola (2001), a mudança na forma do corpo da pré-adolescente é, por um lado, fonte de alegria e de orgulho e por outro, motivo de vergonha e confusão. Após a menarca a vida da rapariga muda, tornando-se mulher e herdeira do estilo de vida da sua mãe em muitos aspectos. Segundo Hägglund (1981), é com o aparecimento da menstruação que a vagina da rapariga é “despertada” e, neste sentido, que também Chasseguet-Smirgel (1976) defende a inexistência da vagina, no inconsciente da menina, até atingir a puberdade e a menarca. Por esta altura, surge a necessidade de formar uma imagem dos seus órgãos genitais internos – o que trata um aspecto urgente e manifesto na rapariga. Segundo Notman (2003), este carácter interno do órgão genital “não visto” e “mal-definido”, das pré-adolescentes dá azo a lutas particulares em torno das definições e limites: a rapariga tem de compreender, integrar e localizar o que está além da vista, toque e controlo, podendo ser-lhe difícil obter uma imagem clara dos seus órgãos internos femininos.

Um outro aspecto, específico e determinante do corpo e anatomia feminina, que determina o desenvolvimento e influência o estado psicológico das pré-adolescentes é a capacidade de reprodução. A percepção de que existe uma estrutura interna feminina que não pode ser observada, mas com funções a executar mais tarde forma uma importante parte da sua imagem corporal feminina (Notman, 2003). Dá-lhe a fantasia de alguma coisa especial ou

“misteriosa” (que advém da sua localização e do timing do aparecimento da menarca) que lhe confere um sentimento de receptividade (Kestenberg, 1991) e a ideia de que terá a capacidade de ter bebés (Notman, 2003). De acordo com a autora (2003), esta ideia de que completará a sua identidade de género “mais tarde”, forma também, uma parte importante do seu sentido de self e trata a componente da orientação da mulher para “esperar”. Notman (2003), sublinha ainda que a possibilidade latente de engravidar e de ter crianças faz parte da identidade de género, auto-conceito e auto-imagem feminina, uma vez que a possibilidade reprodutora é parte fundamental do self feminino. Do mesmo modo, Kestenberg (1991) defende que é a afirmação do útero e da vagina como órgãos de contenção que conduz a pré-adolescente na sua identificação feminina.

O desenvolvimento de todo o corpo da rapariga contribui para algumas das suas experiências internas, experiências estas que incluem não só a percepção dos seus órgãos genitais, como também os seus sentimentos sobre o seu corpo actual, e o modo como este é julgado pela sua família e mundo envolvente. Desta forma, a representação mental do seu corpo engloba também aspectos do modo como o seu corpo afecta os outros - se é fruto de aprovação, amor, crítica e/ou medo; incorporando, deste modo, as suas próprias fantasias sobre o modo como os outros a vêem (Notman, 2003). Estas respostas são eventualmente incorporadas na imagem que a pré-adolescente tem de si própria, e neste sentido, a autora (2003) defende que os sentimentos e fantasias que a rapariga tem acerca do seu corpo são afectados pelos valores da sua família e contexto social.

Do ponto de vista psicológico complica-se o trabalho de luto na adolescência, já que é na puberdade que isto é sentido com mais intensidade, uma vez que as transformações são abruptas. A rapariga na puberdade assiste perplexa às mudanças do seu corpo e à violência dos impulsos, sem poder ainda integrá-los nem encontrar na sua vida relacional um objecto adequado – a rapariga fica face a um corpo de desejo, estranho e imprevisível (Malpique, 2003). Obviamente nem sempre se trata de um processo dramático, se a puberdade surgir numa evolução normal – apoiada em expectativas positivas que estimulem o desejo de crescer, a menina pode orgulhar-se da sua nova imagem, nova estatura e corpo de mulher. Não recusando esta nova imagem, e às vezes tornando-se até exuberante, escondendo no entanto uma intimidade sexual que não sabendo bem porquê, sente como “vergonhosa” (Malpique, 2003). De qualquer modo, a vida fantasmática da púbere mostra-nos que a tomada de consciência do seu órgão genital – oculto, a leva a satisfazer imaginariamente o desejo e a

vivenciar a culpabilidade edipiana. Fantasias de violação e de rapto, de um filho do pai edipiano são frequentes e ajudam a elaborar o acesso à genitalidade (Malpique, 2003). A resolução do Édipo é mais demorada e menos definida e a menina fica por muito mais tempo dependente, resultando daí um superego menos autónomo. A rapariga não só tem de mudar de objecto sexual – da mãe para o pai e deste para outro homem, como de zona erógena – da zona de excitação do clítoris (activa-masculina) para a vaginal (passiva-feminina) (Malpique, 2003).

Relação da Rapariga com a Mãe

Na menina, a mudança de objecto libidinal torna particularmente difícil e ambivalente a sua relação com a mãe, sendo que o grande conflito que a menina terá de resolver, segundo Malpique (2003), para aceder à sua feminilidade será em grande parte com ela. A identificação e competição da rapariga com a mãe pode ser assustadora e estimular uma regressão em direcção à mesma (Notman, 2003). Assim, na puberdade, por um mecanismo defensivo, estabelece-se uma grande tendência regressiva para a mãe pré-edipiana, restabelecendo com ela a relação ambivalente da infância – a menina tanto sente necessidade de se aproximar e de se tornar dependente da mãe, negando a separação que o crescimento implica, como fica agressiva e rebelde. Não se trata, porém, de uma rivalidade edipiana com aproximação à figura materna porque as fantasias incestuosas são culpabilizantes, trata-se antes, da procura de protecção junto da mãe (Malpique, 2003). E é também neste sentido que Deutsch defende que, com a puberdade, a relação da menina com a mãe torna-se com frequência mais intensa e perigosa. A tarefa normal da rapariga pré-adolescente, segundo Blos (1974) consiste deste modo, na resistência bem sucedida a esta regressão em direcção à mãe pré-edipiana, na renúncia às gratificações das pulsões pré-genitais, e, como refere Deutsch (1991) na libertação em relação à mãe.

A genitalização na mulher fica sempre marcada pelo modelo de relação maternal. A erogeneidade, o investimento narcísico de todo o corpo que caracteriza a mulher, torna-o atractivo e receptivo ao homem, mas é também invólucro de um espaço interior a preservar. A relação maternal será protótipo dessa relação, em que “a erogeneidade difusa do corpo da mulher é simultaneamente uma dádiva ao homem e ao filho, e talvez por isso a mulher viva a perda e a castração, em termos de abandono e de vazio” (Malpique, 2003, p. 33). Do mesmo modo, também Grinberg & Grinberg (1976) defendem que a relação com a mãe proporciona a base essencial à constituição e desenvolvimento da identidade sexual, já que será através do

vínculo simbiótico mãe-filha, que a menina se identifica com a feminilidade que a imagem materna representa. Por outro lado, o papel desempenhado pelo pai será igualmente importante, uma vez que facilita a identificação da filha com o objecto que ama e deseja.

Neste sentido, a relação entre mãe e filha é aqui entendida como base para todas as relações de amor futuras, isto, tendo em conta que a mãe é geralmente o primeiro objecto de amor, e assumindo que as emoções mais desenvolvidas têm uma certa qualidade feminina e maternal (Klockars e Sirola, 2001). Assim, a mãe é objecto de amor e identificação, e a rapariga nunca abandona nenhuma destas relações, apesar de a sua qualidade variar conforme a fase do desenvolvimento em que se encontra. O desejo sexual (e a sexualidade em si) será o sentimento que separa mãe e filha e muda a qualidade da sua relação amorosa. A identificação com a mãe providencia um sentido do que é ser feminino, como mãe e com órgãos genitais femininos (Furman, 1996). A rapariga constrói o seu self espelhando-se a si própria nos olhos da sua mãe e na interacção com o corpo da mãe (Coimbra de Matos 2002). As primeiras experiências do seu self e as suas primeiras impressões sobre o seu corpo feminino e feminilidade estão totalmente dependentes da qualidade da relação mãe-filha. Sendo ainda, que a primeira realidade da rapariga será a mente inconsciente da sua mãe (Klockars e Sirola, 2001).

Na fase pré-edipiana a criança acredita que tudo é recebido da mãe onipotente. Somente mais tarde, quando a mãe é diferenciada como indivíduo, é que passa a ser objecto de amor e desejo, sendo que a rapariga reconhece primeiramente a sua mãe como mãe, gratificadora de necessidades, e só mais tarde como mulher (Klockars e Sirola, 2001). A mãe – no seu papel maternal, é o primeiro objecto de identificação, tanto que as pré-adolescentes desejam ser “mamãs” muito antes de desejarem ser “mulheres”. Referem-se às suas bonecas como “bebés” mesmo antes de lhe darem nome, e os sentimentos conscientes e inconscientes do ser ou não mãe permanecem uma parte crucial do ser mulher por todo o processo de vida (Furman, 1996). Também Hägglund (1981) se refere às brincadeiras com bonecas como representantes de diversas tendências psicosexuais e necessidades – tal como a “criação” de espaços internos. O comportamento da menina ao identificar-se com a mãe, faz avançar o seu desenvolvimento feminino, se isto tiver lugar em completa compreensão com a mãe e o ambiente, ajudando, deste modo, a construir um jogo especial maternal que vai reforçar a sua feminilidade antes de entrar na fase fálica-edipiana.

Segundo Klockars e Sirola (2001), a relação com a mãe entra em crise no momento em que a menina sente que o objecto de desejo da sua mãe é outra pessoa que não ela. O sonho pré-edipiano fica destroçado, e um homem entra no anterior paraíso self contentor da relação mãe-filha. Até agora, a mãe era um objecto de amor, quando a filha se identifica com a mãe, o objecto de amor muda. Havendo problemas na identificação com a mãe também vão surgir problemas na mudança do objecto de amor, ou seja, se a identificação não permitir um sentimento suficientemente bom de identidade, independente, a rapariga permanece presa ao seu amor primário pela mãe. Se por outro lado, a sexualidade do corpo da rapariga tiver lugar muito cedo, os objectos de identificação e de amor não podem ser diferenciados (Klockars e Sirola, 2001).

Com o decorrer do desenvolvimento, a mãe tem então de abdicar do seu amor pela filha, e é neste sentido que Furman (1982, 1996) descreve que a função das mães é “estarem lá para serem deixadas para trás”. Chasseguet-Smirgel (1993) refere também que, por outro lado, as próprias raparigas desejam muito cedo libertar-se do poder da mãe onipotente e castrador, para ficarem elas próprias encarregues do seu próprio corpo – inconscientemente equiparado ao das suas mães.

Na sua solução edipiana Hägglund (1981) e Klockars e Sirola (2001) descrevem que a rapariga sente-se traída pela mãe, percebe que não é o objecto mais importante do amor da mãe e que este objecto primeiro de amor da mãe é o seu pai, e que o amor e desejo físico do seu pai se dirige à sua mãe. O pai/homem tem algo que a mãe prefere ter e é o seu objecto de amor que a gratifica, a rapariga sente-se, então, frustrada no seu desejo de amar por não ter nada que a mãe precise e a que se possa ligar. Quando a menina não se consegue mais experienciar como desejada e amada pela sua mãe, o seu desejo de ter a mãe/mulher exclusivamente para si torna-se num desejo de ser mulher, o que por sua vez acaba por evocar na rapariga o desejo de ser amada pelo outro sexo e de ser mãe no futuro. Assim, ao identificar-se com a mãe, o objecto de amor da mãe torna-se no objecto central e organizador do desejo da filha (Hägglund, 1981).

Nesta fase edipiana, o pai é, deste modo o objecto dos aspectos libidinais da criança e o herói das suas fantasias, e a mãe será portanto sua rival pela aprovação do pai. A identificação ao espaço interno edipiano com a mãe faz surgir o desenvolvimento de uma atitude materna-feminina na rapariga. A rapariga identifica-se com a mãe-rival edipiana que tem uma relação sexual com o pai, e esta é a matriz da heterossexualidade feminina, o que permite à criança perceber que são necessários dois sexos para produzir um bebé. Nesta

altura, a menina vira a sua atenção para o pai e começa a desejar ter um filho seu, surgindo o desejo de cuidar e apreciar o sexo oposto (Hägglund, 1981). Assim, a rapariga tem de sobreviver fora da díade, abdicar da tríade, e encontrar os seus objectos fora da família. Se a rapariga experimentou os pais como bons e “amorosos” será mais fácil aceitar a sua relação e sentir-se aliviada e contente pelo seu amor (Klockars e Sirola, 2001). Neste sentido, também Kestenberg (1991) defende que a presença de um pai gentil, capaz de ser afectuoso sem ser invasivo, e de uma mãe que admire verdadeiramente o pai sem se subordinar a ele, criam as bases para uma relação heterossexual adulta.

Ogden (1987) descreve a reorganização dos desejos da idade edipiana como um fenómeno transitivo. A mãe, que tem sido gradualmente reconhecida como uma pessoa separada, com desejos que a filha não pode mais gratificar acaba por decepcionar a filha. O pai/homem torna-se o representativo fulcral do “outro”, do objecto externo.

O amor heterossexual da mãe baseia-se no seu amor pelo seu próprio pai, e na fantasia suficientemente boa de uma relação amorosa entre ela e o seu pai – fantasia esta que acaba por exercer uma influência inconsciente nas fantasias da filha. A rapariga apaixonou-se primeiro pelo homem da fantasia da sua mãe, o homem na mente da mãe, o pai na mãe. Se a imagem que a mãe tem da sua relação com o seu próprio pai for boa suficiente, ela vai permitir que a sua filha se apaixone pelo seu pai (Ogden, 1987). Deste modo, a mãe torna-se unificadora do amor materno e paterno, e um agente no desenvolvimento do Édipo na sua filha. Se por outro lado a fantasia da mãe pelo seu pai contém desapontamentos, desvalorização e inveja, estas emoções vão ser transferidas para o mundo da filha, influenciando negativamente as suas relações amorosas. Na solução do Édipo negativo, a rapariga não encontra na mãe a fantasia de um pai bom e desejado, mantendo-se a mãe o objecto de amor, e o pai, um rival pelo amor da mãe. Sendo que, idealmente, a mãe deveria conduzir a sua filha para o mundo heterossexual e complementar (Ogden, 1987).

A mãe e o pai como objectos de amor da filha tornam-se diferenciados no decorrer do desenvolvimento edipiano, e o amor que a filha sente em relação a eles recebe diferentes tonalidades. É esta diversidade de sentimentos de amor que forma a base para um desenvolvimento, em que mais tarde, diferentes pessoas podem surgir como diferentes objectos de amor (Klockars e Sirola, 2001).

Apesar de Freud (1905), considerar a latência como um período de estagnação, muitos autores defendem que faz parte da fase de maturação psicosssexual, em que a rapariga elabora o seu desgosto de perda da infância e a impossibilidade de retornar ao espaço interno da mãe e

de voltar a ter a mãe como sua. A separação obrigatória dos pais leva a uma reorganização das defesas, ao desenvolvimento do ego e superego e à elaboração de problemas edípicos (Klockars e Sirola, 2001). Segundo Hägglund (1981), a repressão das fantasias sexuais e da própria masturbação no período de latência não significa que o desenvolvimento do espaço interno da menina chegue a um fim, continua antes a proceder-se em áreas mais sublimadas da sexualidade – sublimação contínua da pulsão do espaço interno ou da pulsão dos órgãos genitais internos ajudam a criança a integrar na sua personalidade os ideais relacionados com a maternidade e com o bebé ideal. Estes ideais são integrados no superego da rapariga em latência. Apesar da rapariga em latência ter aparentemente abandonado o seu desejo sexual pelos pais, a sexualidade não foi banida da sua mente – curiosidade sobre o seu corpo e dos outros e masturbação são comuns, porém são considerados proibidos e vergonhosos. Uma vez que a resolução da situação edípica e as proibições sexuais influenciam significativamente o desenvolvimento do superego, o aumento da moralidade e sentimentos de vergonha e culpa – funções centrais do período de latência (Klockars e Sirola, 2001).

Neste sentido, a latência é um período de reparação e reconstrução psíquica, aparte do trabalho de luto, a menina aprende a tolerar a perda e adquire mecanismos de defesa mais desenvolvidos. A sua relação com os seus pais, principalmente com a mãe, melhora e torna-se mais íntima. Os amigos, novos interesses e a escola fazem com que o “desmame” da família se dê num círculo de amigos, já que após se ter decepcionado com os seus pais a rapariga tem de encontrar uma identidade separada, aumentando a importância dos pares. Todavia, a presença dos pais permanece crucial ao desenvolvimento identitário, e apesar da decepção na sua relação amorosa com os pais, a capacidade e vontade de identificação aos mesmos persiste. A latência é, então, um período de clarificações internas, em que toda a personalidade se tem vindo desenvolver, que irá sofrer uma enorme mudança com a puberdade e o seu desenvolvimento sexual (Klockars e Sirola, 2001).

Na adolescência, a crise de identidade atinge o seu auge e a luta pela independência torna-se mais intensa. Após a fase pacífica da latência, a rapariga muda externa e internamente. A rapariga tem de abandonar a sua proximidade e desejo de estar íntima com a mãe de um modo regressivo e passa então a rejeitá-la, opondo-se, exigindo, acusando e atacando-a (Klockars e Sirola, 2001). As fantasias sexuais passam a ser organizadas à volta do objecto, isto é, de outra pessoa – especificamente característico do adolescente é que, em primeiro lugar, os objectos são os pais depois os seus substitutos e por último novas e verdadeiras relações (Hägglund, 1981).

Na adolescência, a situação edipiana é reactivada e a rapariga tem de ser capaz de abandonar o objecto de amor pré-edipiano – a mãe interna, e virar-se em direcção ao pai-homem interno. Se a rapariga não foi capaz de se identificar com a sua mãe, regride para um estágio mais precoce na sua relação, e a mãe (mulher) volta a ser um objecto de amor (Klockars e Sirola, 2001). A habilidade e desejo da mãe em contribuir para a mudança e crescimento da sua filha, nesta fase, é crucial ao desenvolvimento da relação entre mãe e filha. A capacidade de dar apoio sem ser invasiva, próxima mas não demasiado íntima, promove o crescimento da filha. Gradualmente a rapariga percebe que a sua personalidade e estilo de vida da mãe são diferentes dos dela (Klockars e Sirola, 2001). Do mesmo modo, a forma como a mãe responde à sexualidade da filha torna-se fulcral para as suas relações futuras. As fantasias e experiências da mãe em relação aos homens, a sua própria sexualidade, e a vida sexual dos seus pais são revividas na mãe, uma vez que observa a sua filha com namorados e com parentes/amigos do sexo masculino. A sexualidade da rapariga desenvolve-se parcialmente ao identificar-se com o mundo mental da mãe. Mais tarde, a mãe deverá ter a habilidade e vontade de permitir que a sua filha viva a sua própria vida sexual. A força motivacional central da adolescência foca-se então na necessidade sexual, que aumenta na puberdade e exige um objecto (Klockars e Sirola, 2001).

Durante a adolescência, a rapariga redescobre a sua mãe, agora numa base mais realista – a mãe está, pelo menos parcialmente, diferenciada da mãe internalizada da infância e a rapariga entretanto também já conheceu outras mulheres. As suas fantasias de mulher, da situação da mulher, da feminilidade e maternidade tornam-se mais variadas e permitem novos objectos de admiração e identificação. Neste sentido torna-se menos dependente da mãe uma vez que constrói a sua própria identidade feminina. Da mesma forma, a rapariga abandona o seu pai e a imagem de pai/homem. Mãe e filha já não partilham o mesmo homem (nem nas suas fantasias), e neste aspecto tornam-se diferenciadas, porém, a identificação com a maternidade dá-lhes uma oportunidade de continuarem o seu compromisso e amor, e neste sentido mãe e filha nunca se tornam completamente diferenciadas uma da outra (Klockars e Sirola, 2001).

O amor da filha, que primeiramente se direccionava para a mãe, torna-se num amor para um homem fora da família. A vida da rapariga passa a ser dominada por homem que ela própria escolhe e que é desconhecido da mãe. Nesta situação, a mãe pode sentir-se uma estranha, forçada a abdicar da filha que foi uma parte de si, podendo então sentir-se abandonada e rejeitada. Por outro lado, pode ficar orgulhosa do facto da sua vida continuar em certa medida na da sua filha, e pela possibilidade de um dia poder vir a ter netos.

Necessidade de Fantasia na Rapariga Pré-Adolescente

Torna-se evidente que as raparigas embarcam nas fantasias românticas acerca dos objectos heterossexuais e no elaborar fantasias de completude no futuro, muito mais prontamente que os rapazes (Slansky, 1984).

Segundo Bettelheim (2006) a necessidade de fantasiar na pré-adolescente surge porque os contos de fadas vão de acordo com a sua maneira de pensar e com as suas vivências, e é por isso que acabam por lhe ser tão convincentes. Os contos de fadas acabam por ser mais confortantes que os esforços intelectuais e racionais dos adultos para a tranquilizarem, já que a criança acredita nos contos de fadas uma vez que estes se encontram de acordo com o seu mundo. Isto, torna-se particularmente verdade para as pré-adolescentes de dez anos, até porque, como demonstrou Piaget (cit. Bettelheim, 2006), o pensamento da criança permanece animista até à puberdade.

Como pudemos verificar, através do que temos vindo a discutir até agora, o adolescente atravessa vários períodos e processos, em que surge a ruptura em relação à infância e a perda de continuidade e coerência psíquica. Encaramos a adolescência como um período de transformação e construção em que o que estaria ao nível do infantil é mobilizado para que novos objectivos e objectos possam ser recriados (Marques, 1999). A pré-adolescência surge num contexto de mudanças somáticas e psicológicas, que vão impulsionar as reestruturações necessárias à instituição das matrizes da personalidade, a consolidar ao longo da adolescência (Malpique, 2003). Este conjunto de mudanças, provoca alterações nas relações do sujeito consigo próprio e com o outro e, especialmente com as imagos parentais (Marques, 1999).

Uma vez que as relações de vínculo com as imagos parentais dependem do sexo da criança, o processo adolescente ocorrerá obviamente de forma diferente em ambos os sexos (Marques, 1999). Pretende-se com este estudo compreender como se processa a evolução da pré-adolescência feminina, tendo em linha de conta as modificações ocorridas com as mudanças ao nível corporal, evolução da identidade sexual e evolução da própria relação com as imagos parentais.

III. Método

Hipóteses: Com o eclodir da pré-adolescência vamos notar uma diferença em termos de desenvolvimento ao nível da identidade sexual sustentada nas mudanças/desenvolvimento nas relações com as imagos parentais.

Delineamento: O presente trabalho tem um carácter qualitativo e exploratório e é um estudo de um grupo de pré-adolescentes do sexo feminino de dez e doze anos, em que se pretende observar o modo como se expressa e se desenvolve a identidade sexual, e o modo como esta se relaciona com as imagos parentais, de uma idade para a outra.

Participantes: A amostra deste estudo é composta por um grupo de vinte raparigas pré-adolescentes, de dez anos (que ainda não tenham tido a menarca) e doze anos (que já tenham tido o aparecimento da menarca) de uma escola pública da Região Autónoma dos Açores. O instrumento terá sido então aplicado a pré-adolescentes com as características acima descritas, que se tenham predisposto a responder ao mesmo, e que não tenham apresentando na escola quaisquer comportamentos disruptivos e/ou dificuldades escolares. Neste sentido, trata-se portanto de uma amostra por conveniência (Bispo & Maroco, 2003).

Instrumento: O instrumento utilizado neste estudo foram alguns cartões do T.A.T. (Teste de Apercepção Temática) criado em 1935 por Henry Murray. Esta prova tem como objectivo explorar a personalidade estudando o sentido dinâmico das diferenças individuais na percepção de um estímulo normalizado (Murray, 2001), e a escolha dos cartões a serem utilizados neste estudo estará obviamente de acordo com os objectivos do mesmo. Os cartões do T.A.T. representam situações humanas clássicas ou situações de conflito universais, e possibilitam-nos o acesso às dimensões relacionais do funcionamento mental. Com efeito em cada cartão existe uma referência permanente ao que especifica a condição humana - face a um material objectivo, mas que reenvia para conflitos universais, existe um conteúdo manifesto e um conteúdo latente, susceptível de reactivar um ou outro nível de problemática. Apesar de figurativas, as imagens são suficientemente ambíguas para remeterem para diferentes interpretações; o sentido conferido a cada imagem estará ligado a memórias – especialmente do tipo afectivo, de situações semelhantes pelas quais o sujeito tenha passado (Shentoub, 1999).

Neste sentido “toda a resposta e todo o comportamento podem sem ser entendidos como projecção, i.e., como manifestações de modos próprios de se aproximar do mundo e de o interpretar”, podendo-se dizer que os sujeitos se apropriam do material e transformam-no (Fernandes, 1994). Neste seguimento, e segundo Marques (1994), podemos dizer que através do contar uma história no T.A.T. o sujeito passa por um processo de “separação-ligação-separação” – em que o sujeito para interpretar tem de identificar as características manifestas do material e o contexto em que o próprio material é apresentado, para depois poder avivar essas características com elementos da sua realidade interna, mas não deixando no entanto, de manter separadas as características provenientes do externo e do interno, para que possa ser possível uma ligação entre elas. É este processo que, segundo a autora (1994) possibilita a emergência de um “novo objecto” com características desses dois mundos, esperando-se um equilíbrio entre ambos – a história que o sujeito contar será o resultado do compromisso existente entre a pressão dos conteúdos inconscientes e os mecanismos de defesa mobilizados. Podemos ainda acrescentar que quando estamos perante um mundo interno que domina o externo, temos a desrealização e a recusa da realidade; por outro lado quando o mundo externo domina o interno temos presente o empobrecimento da fantasmização (Marques, 1994).

Ou seja, na situação projectiva, o sujeito tem de falar e associar a partir de um material ambíguo mas cujas características perceptivas e latentes reactivam um campo de experiências sensoriais e representativas, que se traduzem pelas formulações das respostas: o discurso do sujeito - se inscrito num sistema mobiliza a emergência de representações internas na expressão associativa autorizada pelo declínio de vigilância e o apelo fantasmático do teste, mas ao mesmo tempo deve ter em conta uma realidade externa que deve ser respeitada, e assim sendo a situação projectiva impõe um duplo constrangimento (Chabert, 1993). Boekholt (2000), sublinha ainda que o T.A.T na criança em período de latência remete para um conjunto de situações contraditórias mais fortes ainda que no adulto, tais como:

- 1) O apelo à percepção e projecção simultaneamente (situação comum também ao adulto) – em que a criança tem de dar um sentido pessoal ao material manifesto de cada cartão, tendo então de criar uma relação entre o real e o “fantasma”.

- 2) O facto de a latência ser considerado um período em que a sexualidade infantil se encontra adormecida, e em que no entanto o conteúdo latente de alguns cartões suscita uma série de questões supostamente adormecidas que exigem a desconflitualização de solicitações conflituais.

3) O último paradoxo está ligado ao aparecimento da latência no declínio do complexo de Édipo, em que são mostrados contudo cartões com cenas entre adultos, o que poderá reactivar a cena primitiva.

Chabert (1993) vem ainda acrescentar duas problemáticas primordiais ao momento adolescente: a reactivação dos processos de separação/individuação e os seus esforços na manutenção de uma identidade subjectiva estável; e a reactivação da problemática edipiana e as suas consequências no colocar em lugar as identificações sexuais e escolhas de objectais.

Como já foi referido, cada cartão apresenta uma temática em especial, já que cada imagem reenvia para um tema específico (depressão, agressão, triangulação...). A análise da narrativa será sempre referente ao conflito latente que o cartão propõe e à ressonância emocional que este provoca no sujeito. Segundo Shentoub (1999), as problemáticas do T.A.T prendem-se com a:

a) *Identidade e Identificação* – a existência ou não de estabilidade da identidade; a diferenciação das personagens; e as identificações que são ou não colocadas e as referências sexuais que são ou não estabelecidas.

b) *Relação de Objecto* – na representação de si e da relação; nos movimentos libidinais e agressivos; na possível ligação entre eles ou nos processos de desligamento predominantes; e nas relações que traduzem um conflito de ambivalência ou uma tendência para a desintração pulsional.

A escolha dos cartões teve em linha de conta que o impacto da problemática edipiana é fortemente mobilizada pelos cartões figuradas de relações inscritas na diferença de sexos e/ou geracional – C2, C4, C6, C7 e C10. Estes mostram com clareza as modalidades de investimento e tratamento das relações para as imagos parentais, e provocam nos adolescentes uma considerável excitação, devido à proximidade com os fantasmas incestuosos e ao seu impacto pulsional (Chabert, 1993). E sendo que o que se pretende observar com este estudo trata a identidade sexual e a relação com as imagos parentais foram seleccionadas o C2, C4, C6GF, C7GF, C10 e o C16:

- **C2**

No que concerne ao conteúdo manifesto do cartão temos representada uma «cena campestre» com dois planos. No primeiro temos uma rapariga com uns livros, e no segundo um homem com um cavalo e uma mulher (possivelmente grávida) encostada a uma árvore. Não existe uma clara diferenciação geracional sendo que a diferenciação sexual é evidente.

Em relação ao conteúdo latente do cartão torna-se eminente a questão da triangulação edipiana: atracção em direcção à personagem do sexo oposto, rivalidade com o parente do mesmo sexo, causando perturbações pulsionais face ao interdito e ao tabu do incesto (Chabert, 1993), joga-se então a relação da criança com o casal parental e a questão do interdito, se a criança for capaz de a abordar (Boekholt, 2000). Este cartão é fundamental na medida em que nos permite perceber em que medida o conflito edipiano é estruturado (Chabert, 1993).

- **C4**

Manifestamente trata-se de um casal jovem, uma mulher junto de um homem que se afasta. Ao nível latente o cartão remete para o conflito pulsional numa relação heterossexual, sendo que cada uma das personagens pode ser portadora de movimentos pulsionais – agressividade e/ou libido. Na criança, remete também para a “diferenciação das imagos parentais num contexto conflitual” (Boekholt, 2000, p.158). É frequente depararmo-nos com uma instabilidade nas identificações, visível pela alternância de escolhas de posições masculinas e femininas.

- **C6GF**

Temos no que respeita ao conteúdo manifesto um casal heterossexual, uma jovem sentada voltada para um homem que se encontra inclinado na sua direcção com um cachimbo na boca. Não existe uma diferença de gerações percebida. As solicitações latentes deste cartão remetem para o fantasma da sedução, e põe à prova a capacidade de integrar a identificação feminina no seio de uma relação de desejo, já que podemos observar uma espécie de convite ou apelo à relação libidinal. Nas raparigas, pode também, neste sentido evocar o casal parental (Boekholt, 2000). Quando predomina a problemática narcísica observamos um sobre investimento no corpo, da aparência ou da postura das personagens, a sua idealização ou depreciação, sem a possibilidade de elaboração do conflito pulsional.

- **C7GF**

Ao nível do material manifesto vemos uma mulher com um livro na mão, inclinada para uma menina que segura um boneco ou um bebé nos braços. A diferença de gerações é marcada. No que respeita ao latente, este cartão pode reactivar a problemática das relações mãe-filha na sua dupla dimensão, de rivalidade e identificações (identificação com mulher e com o materno), e de interacções precoces mãe-criança. É a qualidade dos laços “mãe-filha”

que é aqui solicitada, e que se traduz pelo modo como o boneco é agarrado pela criança, estando então à prova a relação entre mãe e filha num contexto de *holding* (Boekholt, 2000). A reactivação das relações precoces mãe-filha arrasta movimentos de projecção e deslocamento sobre a relação “menina-boneco”. O que está em jogo aqui é a capacidade de representar uma “mãe suficientemente boa”.

• **C10**

No que concerne ao material manifesto temos a proximidade de um casal, em que apenas são ilustrados os rostos. Não há diferenciação de gerações, porém devido a ambiguidade do cartão, a imagem pode suscitar diferentes interpretações quanto à idade e sexo, que determina a identificação do sujeito a um casal heterossexual ou homossexual, podendo também surgir relações especulares ou de suporte. No que respeita às solicitações latentes podemos ainda dizer que o conteúdo do cartão evoca claramente uma proximidade do tipo libidinal progenitor/filho ou do casal parental, para além da problemática da identidade (Boekholt, 2000) devida à representação apenas dos rostos, que implica uma representação integra da imagem do corpo.

• **C16**

Este cartão é totalmente branco e o último a ser apresentado com uma nova instrução. No que concerne ao nível latente este cartão reenvia à forma como o indivíduo estrutura os seus objectos privilegiados e às relações que estabelece com os mesmos, servindo também como uma espécie de síntese da totalidade dos cartões apresentados. Reenvia também para a “capacidade de estruturar um objecto interno e de negociar a separação com o clínico” (Boekholt, 2000). Não podemos pôr de parte a importância deste cartão, devido à dificuldade que apresenta mas sobretudo devido à variedade de solicitações que implica, motivo pelo qual decidimos incluí-lo nesta investigação.

O método de análise dos protocolos T.A.T. assentará essencialmente, no estudo dos procedimentos e legibilidade do discurso utilizados pelas pré-adolescentes na elaboração das suas narrativas e das articulações com as problemáticas que elas abordam. O método de análise comporta dois tempos, num primeiro tempo procede-se à análise cartão a cartão (Shentoub, 1999) que compreende a codificação dos procedimentos e as referências às problemáticas abordadas pelo sujeito face aos cartões – estes dois movimentos têm como objectivo apreender o trabalho psíquico, do qual são testemunhos os procedimentos de

elaboração do discurso face às solicitações do material e da situação T.A.T. Num segundo momento, procedemos a uma síntese das informações obtidas (Shentoub, 1999), que passará por um reagrupamento dos diferentes procedimentos utilizados, e que permitirá apreciar a qualidade do processo associativo, tendo em conta as relações entre representações, afectos, e mecanismos de defesa, e o que implicará também o destaque das modalidades de funcionamento psíquico em jogo na experiência T.A.T. e propor hipóteses referentes à organização psíquica de toda a amostra.

Procedimento: Através de uma reunião com os membros executivos de uma escola básica e secundária da Região Autónoma dos Açores, foi requerida a autorização para a realização deste trabalho onde foi apresentado o objectivo do mesmo e clarificadas todas as dúvidas existentes. Após concedida a autorização, procurámos junto dos membros da respectiva instituição a sua colaboração nesta investigação. Uma vez que a amostra deste estudo é de menor de idade, foi pedido o consentimento a todos os encarregados de educação (através da carta de consentimento – Anexo A), e mais uma vez foram clarificadas todas e quaisquer dúvidas dos encarregados de educação e da amostra.

No que respeita ao *setting*, foi-nos facultado, pela instituição, um gabinete (apenas com uma secretária, duas cadeiras, e um sofá) que pudesse preencher os requisitos de aplicação da prova T.A.T., e de modo a que o contexto de aplicação fosse o mais próximo possível do clínico.

A prova projectiva terá sido aplicada a todas as pré-adolescentes da mesma forma, no sentido de uniformizar as condições de aplicação do teste e de proteger o não enviesamento dos resultados. Foi também tida em conta a necessidade do investigador manter uma atitude neutra e assegurar o anonimato e confidencialidade de cada pré-adolescente e das suas respostas - tendo-se em vista a captação do funcionamento mental da nossa amostra respeitando ao máximo a lógica interna desses funcionamentos (Marques, 1994).

A instrução da prova foi dada no início e não foi repetida, sendo que face a uma pré-adolescente muito inibida se possam ter colocado algumas questões, a instrução dada foi então a seguinte: “Imagina uma história a partir de cada uma das imagens que te vou mostrar”. O último cartão a ser mostrado terá sido sempre o 16 (em branco) com uma instrução adicional “Agora constrói a história que quiseres” (Boekholt, 2000).

Durante a aplicação tornou-se fundamental ter em conta o tempo de latência – tempo que decorreu desde o momento de apresentação do cartão até ao momento em que o sujeito começou a falar (Shentoub, 1999). A anotação do relato foi integral, respeitando todas as suas

características (abreviações, reconstruções e interpretações), uma vez que o trabalho sobre o T.A.T. se iria efectuar a partir da análise formal do relato tornou-se essencial transcrever o discurso o mais fielmente possível (Shentoub, 1999).

IV. Apresentação de Resultados

Após a aplicação de todos os cartões T.A.T. à nossa amostra, procedemos à análise dos procedimentos utilizados, dos tipos de legibilidade encontrados, e à interpretação das respostas dadas de modo a que pudéssemos obter algumas conclusões (Anexo B e C).

De modo a facilitar a compreensão dos resultados e consequentes comparações, após a análise de todas as respostas (Anexo B e C) foram também elaboradas duas tabelas (tabela 1 e 2 – Anexo D). Estas tabelas surgem com o objectivo de englobar todos os procedimentos e tipos de legibilidade utilizados em cada cartão, por ambos os grupos da amostra, permitindo assim uma comparação mais directa entre o grupo das meninas de dez e as pré-adolescentes de doze anos em cada um dos diferentes cartões. Será também importante referir que no sentido de se encontrar os procedimentos mais utilizados nas diferentes respostas, definiu-se que os ‘procedimentos comuns’ seriam todos aqueles utilizados pelo menos quatro vezes em cada resposta/cartão. A apresentação dos resultados será feita cartão a cartão para cada um dos grupos da amostra.

C2 aos 10 anos

Procedimentos: Como podemos ver através da *tabela 1* (Anexo D) os mecanismos proeminentes nas meninas de dez anos a este cartão são: A2 13; A2 15; CFo1; CFo2; CFo3; CFo4 e CN1.

Legibilidade: Em relação aos tipos de legibilidade encontrados torna-se evidente o predomínio da legibilidade tipo 2 (surgindo apenas uma resposta com legibilidade tipo 1).

Triângulo edipiano: No que respeita ao conteúdo latente do cartão, podemos dizer que apenas duas meninas jogam o conflito edipiano nas suas respostas e apenas uma delas é capaz de encenar uma solução ao conflito – “Acho que ela vai estudar e os pais ‘tão a trabalhar nas terras, e acho que ela ‘tá triste, mas a mãe está feliz. Ela ‘tá a pensar que se não estudar vai ter de trabalhar para as terras.” (IV. Anabela). Sendo assim, torna-se evidente o evitamento da maioria das meninas à triangulação edipiana, usando como mecanismos de fuga ao conflito o recurso a um registo factual, a uma indiferenciação das personagens – que não são postas em relação – “É um homem a pastar, uma mulher a olhar para ele, e tem uma menina com os

livros na mão, mas não se conhecem por isso não há história entre eles.” (IX. Bruna), e por vezes uma escotomização de personagens, surgindo a relação dual.

Identificação: Por outro lado, se no que respeita à triangulação foram visíveis dificuldades em abordar o conflito edipiano, no que concerne à identificação essa dificuldade não foi notória, uma vez que oito das meninas deste grupo se identificaram à personagem feminina em primeiro plano do cartão – “Tão num campo, a rapariga ‘tá com livros na mão+++ e a Sr.^a a descansar+++ não sei.” (VI. Bia). Nas duas meninas em que esta identificação não foi possível, parece tratar-se de uma situação que surge no seguimento da fuga ao conflito edipiano – “Cultivar+++ eles conhecem-se mas ‘tão a trabalhar+++ é só” (I. Maria). Podemos também dizer que nas meninas em que a sua identidade é estável acaba por se tornar evidente uma diferenciação das três personagens que figuram o cartão.

C2 aos doze anos

Procedimentos: Aos doze anos, os mecanismos de defesa que mais se encontram no cartão 2 são: A1 1; A2 4; A2 15; B2 9; CFo3 e CFo4.

Legibilidade: Apesar da legibilidade tipo 2 dominar as respostas, surgem também com alguma evidência as respostas com legibilidade tipo 1.

Triângulo Edipiano: No que concerne ao grupo das pré-adolescentes de doze anos, e em relação ao conflito latente do cartão podemos dizer que metade da amostra joga a triangulação edipiana nas suas respostas deixando transparecer o duplo movimento pulsional do desejo pela personagem do sexo oposto e rivalidade com a personagem do mesmo sexo. Apesar de cinco pré-adolescentes abordarem o conflito latente do cartão, apenas uma traz na sua resposta a resolução ao mesmo – “Era uma vez duas mulheres que ‘tavam apaixonadas pelo homem que ‘tava a cavar as suas terras. Esta menina ‘tava a pensar que a outra podia estar grávida dele por isso não quis dizer-lhe que gostava dele. Mas ele depois apaixonou-se por a rapariga dos livros e acaba por namorar com ela.” (IV. Raquel).

Nas cinco pré-adolescentes em que de facto há um evitamento ao conflito edipiano, o acaba por ser visível nas respostas é o recurso a um registo factual – em que as personagens não se encontram em relação, à escotomização de uma das personagens (permanecendo-se assim na relação dual), à indiferenciação de personagens e a uma falta de identificação à figura feminina do primeiro plano do cartão – “Era uma vez uma menina que ‘tava a fazer

uma pesquisa sobre agricultura e então foi a uma quinta e falou com vários trabalhadores (...).” (X. Cláudia).

Identificação: No que respeita à questão da identificação podemos constatar que quase todo o grupo da amostra se identifica de forma notória à rapariga em primeiro plano do cartão, sendo que apenas uma das pré-adolescentes não o faz (o que nos parece vir de encontro à fuga do conflito edipiano) – “É num campo, há muito tempo, ele ‘tá a semear batatas. Esta é professora, ele vai andar de cavalo. Esta ‘tá a descansar. Mas eles não se conhecem que estão de costas viradas.” (I. Manuela).

Síntese do C2: Ao nível dos procedimentos, podemos dizer que as meninas de dez anos utilizam maioritariamente mecanismos da série A e da série C, podendo-se acrescentar assim que se encontram dominadas por mecanismos de controlo (série A) e por mecanismos de evitamento (série C). Uma vez que se encontram associadas estas duas séries, fica assinalada a natureza neurótica dos conflitos destas meninas. É também de notar a presença de CN1’s neste cartão, que é aqui entendida como um “trampolim para a evocação de um conflito dramatizado sobre um modo mais secundarizado, no qual os movimentos pulsionais são metabolizados” (Shentoub, 1999, p.88). Aos doze anos apesar de continuarmos a assistir à presença de mecanismos de controlo (série A1 1), podemos também notar uma diminuição dos mecanismos de evitamento (série C), e um aumento dos mecanismos da série B – que se fazem sentir pelo acento inscrito nas relações interpessoais entre as personagens dando conta da ambivalência do desejo (B2 3), e pela representação da curiosidade sexual e da cena primitiva, que aos dez anos não se evidenciava. Podemos também reparar que os procedimentos A2 15; CFo3 e CFo4 aparecem em ambos os grupos da amostra, sublinhando assim a necessidade de ambos os grupos da amostra, em evitar a relação entre as personagens e o conflito latente do cartão. E assim sendo, podemos dizer que aos doze anos passa a haver um maior domínio pelo conflito latente que passa pela “encenação das relações interpessoais que vêm figurar o confronto entre as instâncias” (Shentoub, 1999, p.87). Concluindo, podemos notar que o grupo de dez anos utiliza maioritariamente mecanismos da série C, que se fazem acompanhar por mecanismos da série A. Aos doze anos a situação inverte-se já que os mecanismos mais utilizados foram os da série C seguindo-se os da série B, notando-se ainda também a presença de mecanismos da série A.

No que concerne ao conteúdo latente do cartão – à identificação com a rapariga, à presença da imago feminina e masculina, tal como no que respeita à escotomização de

personagens não foram encontradas diferenças notórias entre ambos os grupos da amostra. No entanto será talvez curioso reparar que enquanto aos dez anos nenhuma das meninas considerou a hipótese da imago feminina estar grávida, aos doze anos esse facto foi contemplado por três pré-adolescentes. Importa neste cartão constatar que no grupo das meninas de dez anos há uma maior dificuldade em entrar na triangulação edipiana e no próprio conflito do cartão em relação ao grupo das pré-adolescentes de doze anos. No entanto, aos doze anos evidencia-se uma dificuldade em encontrar soluções para os mesmos conflitos evocados.

C4 aos 10 anos

Procedimentos: No cartão 4, no que respeita ao grupo dos dez anos, podemos ver que se distinguem os procedimentos A1 1; B2 9; CFo3 e CN4.

Legibilidade: No que concerne à legibilidade das respostas encontramos os tipos de legibilidade 2 e 1.

Ambivalência na relação libidinal e agressiva: Neste cartão a maioria das meninas vai de facto de encontro ao tema banal na medida em que percebem (todas elas) a relação libidinal num contexto de agressividade, rivalidade, ou rejeição. Tornando-se este contexto de rejeição o mais representado neste grupo – “São casados, ela ‘tá a olhar para ele, e ele ‘tá a olhar para outra coisa, não quer saber+++ não sei.” (VI. Bia).

Identificação: No que respeita à identificação fica claro o modo como estas meninas se identificam a esta figura feminina mais passiva e muitas vezes rejeitada e traída – “Acho que a mulher está a tentar que ele preste mais atenção a ela, mas ele ‘tá a olhar pa outro lado. Ele não se interessa mais, ela ‘tá a tentar ter uma conversa com ele mas ele não a quer ouvir.” (IV. Anabela). Será também relevante referirmos que apesar do tema da traição e rejeição surgir com alguma frequência apenas uma das meninas inclui na sua história uma segunda personagem feminina como justificação à traição – “Tão os dois, o homem vê outra mulher, sai dos braços da mulher e vai ter com a outra.” (IX. Bruna), acentuando esta terceira personagem o impacto edipiano da fantasmática – rivalidade com a personagem do mesmo sexo e atracção pela personagem do sexo oposto. Podemos também reparar que apesar da eminência do conflito se tornar evidente nas respostas a este cartão, apenas três meninas

devolvem uma solução para o mesmo – “São namorados, mas zangaram-se+++ ele traiu-a, e eles vão-se separar” (I. Maria).

C4 aos 12 anos

Procedimentos: Aos doze anos, notamos uma diferença nos procedimentos utilizados onde é visível o domínio da série B e neste sentido encontramos os seguintes procedimentos: B2 1; B2 3; B2 8; B2 9 e CFo3.

Legibilidade: Evidencia-se aos doze anos o tipo de legibilidade 2.

Ambivalência na relação libidinal e agressiva: Neste cartão, a ambivalência na relação libidinal é percebida por praticamente todas as pré-adolescentes, excepto por três em que apenas uma das variantes é tida em conta: a agressiva – “Parece que ele quer bater em alguém e ela tá a segurá-lo++ mas não aguenta muito tempo” (VI. Andreia); ou a libidinal – “Um homem abraçado a uma mulher, são namorados, vão-se casar” (II. Débora).

Identificação: A identificação à personagem feminina torna-se evidente em toda a amostra, estando esta representada de um modo passivo e um tanto masoquista – “Um homem e uma mulher, são casados, mas ele não deve gostar muito dela, e ela tá a fazer os possíveis para se reconciliarem, mas não vai conseguir.” (VII. Lisandra). Podemos também dizer que a segunda personagem feminina é aqui evocada por duas pré-adolescentes – “A mulher brigou com o marido, ou ele com ela, ele andou a beber, e brigaram por causa desta outra mulher.” (IX. Tânia) sublinhando assim a dupla conflitualidade da problemática edipiana, o desejo pela personagem masculina e a rivalidade com a segunda personagem feminina do cartão. No que respeita ao conflito, apesar de ser jogado em praticamente todas as respostas, nenhuma das pré-adolescentes parece encontrar uma resolução para o mesmo.

Síntese do C4: No que respeita ao grupo de dez anos, importa reparar na dominância do procedimento A1 1 que vem evidenciar um mecanismo de controlo que se prende com o tema banal do cartão, ficando assim o conflito “confinado a um quadro socialmente permitido e ao senso comum” (Shentoub, 1999, p. 92). Juntamente com o CFo3, este procedimento vem impermeabilizar a entrada no conteúdo latente do cartão. Além destes dois procedimentos encontramos ainda o B2 9 – representada pela erotização das relações; e o CN1 – pela encenação de uma personagem que elas investem como uma representação de si próprias

(positivas ou negativas). Aos doze anos, notamos uma diferença nos procedimentos utilizados onde é visível o domínio da série B, evidenciando-se assim uma maior labilidade nas respostas ao cartão 4 que não se encontra presente nas meninas de dez anos. Esta maior labilidade traduz-se pela entrada directa na expressão (B2 1), pelo acento inscrito nas relações interpessoais entre as personagens dando conta da ambivalência do desejo (B2 3), pelas apreciações pessoais (B2 8), e pela tónica posta de modo privilegiado na sexualidade e erotismo (B2 9). Em todo o caso, esta labilidade faz-se acompanhar por procedimentos de evitamento – CFo3, que permanecem uma constante em ambos os grupos da amostra.

No que respeita ao conteúdo latente não foram observadas diferenças consideráveis em ambos os grupos da amostra para nenhum dos conteúdos. Ambos os grupos percebem uma relação com possível ligação libidinal e agressiva, sendo que apenas uma menina em cada um dos grupos entende a relação somente como agressiva. Também no que respeita à possibilidade de uma terceira personagem feminina no cartão, também não encontramos diferenças consideráveis, uma vez que esta foi percebida por uma menina no grupo dos dez anos, e por duas no grupo dos doze, podemos também dizer que esta terceira personagem pode acentuar o impacto edípico da fantasmática. Também ao nível do conflito e da sua resolução ambos os grupos se encontram equiparados tendo em conta a proximidade dos seus resultados.

C6GF aos 10 anos

Procedimentos: No que respeita ao cartão 6GF e ao grupo dos dez anos, encontramos nas suas respostas procedimentos de controlo – A1 1, e labilidade – B2 1, e E14, tornando-se no entanto, dominantes os procedimentos CFo1 e CFo3.

Legibilidade: Em relação à legibilidade das narrativas podemos notar a predominância do tipo 3 e 1.

Relação de sedução: Neste cartão a relação de sedução (e/ou libidinal) é percebida por metade da amostra – “Ele tá a perguntar qualquer coisa e ela ficou surpreendida por ele perguntar isso, se ela gosta dele, mas ela diz que não.” (IV. Anabela). As restantes meninas da amostra jogam por sua vez uma relação agressiva na relação – “É um caso de violência doméstica, ele chega-se para ela e ela tem medo dele.” (V. Lídia); “+++Ele violou-a, não sei” (I. Maria). A ambivalência entre a sedução e agressividade é apenas representada por duas meninas neste grupo – “Chegou um homem de repente e viu aquela mulher sentada e foi ter

com ela, depois ela olhou para ele e conheceu-o, era o ex-namorado dela, e depois ela disse pa ele desaparecer e ele disse que ia ficar ali, sentou-se ao pé dela e ela foi-se embora.” (IX. Bruna). O conflito é no entanto resolvido apenas por três das meninas (IX. Bruna).

Identificação: Em todo o grupo de dez anos podemos observar a identificação à personagem feminina – “Depois o pai dela quando ela veio para casa descobriu que ela teve a namorar e começou a dar-lhe um sermão.” (X. Inês), não sendo no entanto visível em nenhuma delas a capacidade de integrar a identificação feminina no seio de uma relação de desejo. A imago masculina será portanto a personagem portadora do desejo libidinal e agressividade patente nas respostas como também se pode verificar pelos exemplos apresentados em cima.

C6GF aos 12 anos

Procedimentos: No grupo das pré-adolescentes de doze anos encontramos a presença de mecanismos de evitamento CFo1 e CFo3, tal como os procedimentos lábeis B2 9 e B2 13 e os procedimentos da série E – E8 e o E14.

Legibilidade: O tipo de legibilidade dominante neste cartão foi o tipo 2.

Relação de Sedução: Esta relação de sedução e a sua vertente libidinal é representada neste grupo por quatro pré-adolescentes – “A Sr.^a estava sentada num banco e por trás dela um Sr. Com um charuto e ele olha para ela, ela ficou um pouco assustada mas ele só está a pensar em namorá-la” (III. Carlota). Por outro lado a vertente da relação agressiva foi contemplada pela maioria – “Um homem a ameaçar uma mulher, ela ´tá assustada+++ depois tenta fugir e não consegue” (II. Débora). A ambivalência entre estas duas componentes é demonstrada por apenas duas das pré-adolescentes – “Aqui tem uma menina com 14 anos e que está a conversar com o Sr. atrás dela, e ele começou-lhe a perguntar se que ela vá para casa dele, e ela diz que não! E o Sr. começou a bater-lhe, e depois ela pegou no telemóvel e ligou para a polícia.” (IV. Raquel). O conflito acaba também por ser resolvido apenas por três das pré-adolescentes.

Identificação: A identificação à imago feminina acaba por ser uma constante uma vez que todo o grupo da amostra se identifica à personagem feminina do cartão – “Ela+++ ela ´tá assustada com o pai+++ É só.” (VI. Andreia), também neste grupo a capacidade de integrar uma identificação feminina numa relação de sedução e desejo parece estar comprometida. A

imago masculina é no entanto investida de todo o desejo de sedução, agressividade e violência eminente como podemos ver pelos exemplos apresentados.

Síntese do C6GF: No que concerne aos procedimentos utilizados, e ao grupo dos dez anos, encontramos os procedimentos de controlo (A1 1) e de labilidade (B2 1), porém os mecanismos dominantes neste cartão são os de evitamento (CFo1 e CFo3). Sendo que encontramos também mecanismos que deixam transparecer em certa medida alguns “fantasmas primários” relacionados com a percepção do mau objecto e com temas de perseguição – E14. No grupo das pré-adolescentes de doze anos encontramos a presença dos mecanismos de evitamento CFo1 e CFo3, que vem evidenciar a necessidade de fuga ao conflito latente do cartão por ambos os grupos da amostra. Temos também aos doze anos presente os procedimentos lábeis B2 9 e B2 13, revelando aqui a erotização das relações e sexualidade, como também a presença de temas de medo e catástrofe que neste cartão se encontram bastante associados. Do mesmo modo que as meninas de dez anos, também as de doze apresentaram procedimentos da série E – E8 e o E14, o que vem sublinhar o “fantasma primário” da percepção do mau objecto e dos temas de perseguição que este cartão suscitou em ambos os grupos da amostra. No entanto, este sentimento, no grupo de doze anos, ficou marcado pela presença de expressões cruas ligadas a temáticas sexuais e/ou agressivas (E8). Podemos dizer ainda que as diferenças continuam a fazer-se notar no que respeita aos mecanismos da labilidade, mais presentes no grupo das pré-adolescentes de doze anos.

Em relação ao conteúdo latente deste cartão podemos constatar algumas diferenças no que respeita ao modo como a relação das personagens é percebida: aos dez anos, a maioria das meninas divide-se entre a relação de sedução e a relação agressiva, porém, aos doze, a maioria (oito das pré-adolescentes), percebe a relação como agressiva podendo ou não dar-lhe também um carácter de sedução/libidinal. Havendo no entanto em ambos os grupos a possibilidade eminente de elaboração do conflito pulsional. Podemos também dizer que apesar de aos dez anos, a maioria das meninas colocar um conflito na história, aos doze não há excepção. Apesar de tudo, a resolução do conflito parece permanecer difícil para ambos os grupos.

C7GF aos 10 anos

Procedimentos: Constatamos a presença dos seguintes procedimentos: A1 1; B2 1; CFo1; CFo4 e E1.

Legibilidade: No que concerne ao tipo de legibilidade das respostas a este cartão podemos dizer que ambos os grupos da amostra demonstram maioritariamente o tipo 2.

Identificação a rapariga: Em todo o grupo da amostra é notória uma identificação à “menina” que figura o cartão – “É a mãe que não lhe deixou fazer o que ela queria e ela tá zangada.” (I. Maria).

Identificação à mãe: Torna-se também visível a identificação à imago materna na maioria das respostas dadas em que se observa um apelo à questão da rivalidade, e/ou um apelo ao nível das interações precoces mãe-criança – “Uma mãe e as crianças, e as crianças muitas vezes não ouvem os pais, e as nossas mães já passaram por isso. A filha ‘tá a rejeitar a mãe porque ela ‘tá a falar de alguma coisa que ela ‘tá a fazer mal sem pensar nas consequências.” (VII. Fátima). Encontrando-se também muitas vezes presente o desejo de saber e a defesa contra essa mesma curiosidade – “ (...) uma Sr.^a a contar uma história, mas a rapariga não parece ‘tar muito contente. (int.) A história chateia-a.” (II. Dânia). No entanto, importa também referir que esta imago materna acaba por ser escotomizada por duas meninas, o que parece ser justificado pelo facto destas mesmas duas meninas apelarem o bebé como seu filho – “Depois ela ficou grávida e teve uma filha+++ depois a filha cresceu+++ é só” (X. Inês).

Identificação ao materno: A identificação ao materno torna-se evidente em apenas quatro das meninas – “Parece que é uma menina muito nova que teve um filho e a mãe da menina ‘tá a olhar pó filho+++ não sei mais nada” (III. Cátia).

Bebé/boneco: O bebé deste cartão foi representado por sete meninas acabando então por ser escotomizado por três delas – “Uma Sr.^a a falar com uma menina+++ isto é um livro? +++ a contar-lhe uma história.” (VIII. Elsa). Este bebé, apesar de percepcionado pela maioria, apenas três delas clarificam a sua relação com o bebé – como filho da “rapariga/menina” – “Acho que a menina teve um filho muito rápido (...)” (IV. Anabela). No entanto, nenhuma das meninas representa este bebé como “irmão” ou como boneco. Nas respostas dadas podemos também reparar que na sua maioria (oito) estão representadas apenas duas gerações, e assim sendo, as três gerações foram apenas representadas por duas meninas.

C7GF aos 12 anos:

Procedimentos: Aos doze anos encontramos predominantemente os procedimentos: A1 1; B2 1; CFo3; CFo4 e CN1.

Legibilidade: Como já foi mencionado neste cartão, ambos os grupos da amostra apresentaram maioritariamente tipo de legibilidade 2.

Identificação à rapariga: Esta identificação à rapariga parece tornar-se bastante clara em todo o grupo da amostra – “A mãe e uma rapariga a falar com ela sobre quando ela for maior, e a conversa corre bem.” (II. Débora).

Identificação à mãe: A identificação à imago materna torna-se visível em sete das pré-adolescentes, não havendo no entanto qualquer escotomização desta figura. Encontramos também presente o desejo pelo conhecimento e a defesa contra essa mesma curiosidade – “Parece que a mãe tá a ler para a filha que está a brincar com a boneca.” (VI. Andreia). Surgindo também a problemática da rivalidade, e o nível das interações precoces mãe-criança.

Identificação ao materno: A identificação ao materno aparece claramente em apenas duas das pré-adolescentes, que complementarmente apresentam uma identificação à mãe – “Esta (rapariga) é filha desta, esta (rapariga) teve um filho daquele homem mau. Esta tá a ler e a filha com o bebé (...)” (VIII. Luísa).

Bebé/boneco: O bebé nestas respostas é claramente representado por seis pré-adolescentes, sendo representado como boneco por duas das delas, e escotomizado por outras duas. Das seis pré-adolescentes que de facto percebem este bebé apenas uma delas o relaciona claramente como filho da “rapariga” representando assim as três gerações na sua resposta. Encontramos também neste grupo o bebé como “irmão” por três das pré-adolescentes – “A irmã está ciumenta da mais pequena. (...)” (IX. Tânia). Nas restantes respostas (duas) no entanto, não se torna clara que relação o bebé vincula com as restantes personagens – “Ela tá a ler uma história à rapariga, mas ela não gostou da história e está furiosa e parece tá a segurar um boneco ou um bebé, e ela prefere brincar com o bebé do ouvir a história.” (V. Júlia). O conflito apesar de surgir em seis pré-adolescentes, apenas numa delas se torna claro a resolução do mesmo.

Síntese do C7GF: Ao nível dos procedimentos, este parece ser o único cartão em que o grupo de doze anos não apresenta mais procedimentos da série B, aliás o que se nota mesmo é um aumento dos mecanismos de evitamento neste cartão, em relação às meninas de dez anos. Outra diferença notória é a presença de procedimentos da série E (E1) no grupo das meninas de dez anos. Podemos constatar que neste cartão, aos dez anos acabam por estar representadas todas as séries. Da série A (A1 1), temos a proximidade ao tema banal que permite um distanciamento do conteúdo latente do cartão. Da série B (B2 1), temos a precipitação no contar a situação percebida e os sentimentos suscitados pelo cartão. Da série C temos o CFo1 – os silêncios que “prejudicam consideravelmente a construção da narrativa (Shentoub, 1999, p.116), e o CFo4 – em que os motivos dos conflitos não são representados tornando-se as narrativas muitas vezes demasiado banalizadas. E por último, da série E (E1), temos a escotomização de objectos manifestos que se apresenta “com fins defensivos” e que pode nuns casos ser entendida como um “movimento de recusa e, noutros casos, sustentar o recalçamento” (Shentoub, 1999, p.132). Aos doze anos, verificamos que os mecanismos da série A e B mantêm-se os mesmos do grupo de dez anos, porém, aos doze acabamos por observar um aumento dos procedimentos da série C. Através dos procedimentos CFo’s, as pré-adolescentes de doze anos evitam a “evocação de representações de relações demasiado precisas, porque demasiado carregadas do plano pulsional, libidinal e/ou agressivo” (Shentoub, 1999, p.118), além de não indicarem o motivo dos conflitos e de banalizarem as suas ‘histórias’ a todo o custo. Através do CN1, a tónica do discurso foi dada à experiência subjectiva – não relacional.

Em relação ao conteúdo latente podemos começar por constatar que não se encontram diferenças relevantes no que respeito às gerações percebidas, sendo que 17 pré-adolescentes da amostra agruparam as personagens em duas gerações. Podemos também dizer que o número de meninas a escotomizar o bebé/boneco foi aproximadamente o mesmo (3 no grupo dos dez anos, e 2 no grupo das doze anos). No entanto, aos dez anos, nenhuma menina pôs a possibilidade de não se tratar de um bebé mas sim de um boneco, enquanto aos doze anos duas pré-adolescentes contemplaram esta hipótese. O número de pré-adolescentes que colocou o bebé nas suas respostas também praticamente não difere entre ambos os grupos. Porém, aos dez anos este bebé é visto mais como um filho enquanto aos doze é visto mais como um irmão. Em relação à identificação com a mãe não encontramos diferenças, o mesmo não se pode dizer em relação à identificação ao materno – superior no grupo dos dez anos. No que concerne ao conflito e à sua resolução os valores também foram bastante semelhantes entre ambos os grupos.

C10 aos 10 anos

Procedimentos: Neste cartão temos a presença dos procedimentos A e B, fazendo-se sentir no entanto, sobretudo os mecanismos de evitamento e fuga – CFo1; CFo3; e CFo4, em ambos os grupos da amostra. Acrescentando-se também que o procedimento B2 9 é encontrado em ambos os grupos. Especificamente neste grupo surgem os procedimentos A1 1 e o B2 3.

Legibilidade: Tal como no cartão anterior, no que respeita à legibilidade das histórias, em ambos os grupos da nossa amostra domina o tipo 2.

Relação Libidinal: A relação libidinal latente do cartão é contemplada pela maioria das pré-adolescentes (oito) – “Apaixonaram-se e começaram a namorar+++ acho que é isso.” (I. Maria), sendo que duas delas representaram juntamente uma relação de suporte – “Uma mulher e um homem que se estão a agarrar e ela mete a cabeça no seu ombro. São namorados, parece que ela tá triste e ele dá-lhe carinho e mimos para animá-la.” (II. Dânia), apenas uma delas representa a relação de suporte – “São duas pessoas agarradas uma à outra em compaixão uma com a outra.” (V. Lúcia), e uma recusou completamente o cartão – “+++ Não consigo+++ não sou capaz.” (VIII. Elsa).

Diferença de sexos: Neste seguimento podemos dizer que as mesmas que representam uma relação libidinal serão as mesmas que percebem as diferenças de sexos jogando assim com o casal heterossexual, e a que representa unicamente a relação de suporte aquela que não clarifica a diferença sexual (exemplo V. Lúcia).

Diferença de idades: A diferença geracional é percebida apenas por uma das participantes do grupo da amostra – “A mãe encontrou um homem e ele perguntou porque é que ela andava por ai sozinha à noite+++ não sei mais.” (X. Inês).

O conflito torna-se visível em três meninas, no entanto apenas parece dar solução ao mesmo.

C10 aos 12 anos

Procedimentos: Neste cartão evidenciamos que ambos os grupos da amostra apresentavam em comum os seguintes procedimentos: B2 9; CFo1; CFo3; e CFo4. Além destes, surgem os procedimentos A2 15 e CN4 no grupo das pré-adolescentes de doze anos.

Legibilidade: Como também já referimos, em ambos os grupos da amostra evidencia-se o tipo de legibilidade 2.

Relação Libidinal: A relação libidinal neste grupo de pré-adolescentes é representada por nove pré-adolescentes –“+++ Não sei, é um Sr. e uma Sr.^a. É um Sr. e uma Sr.^a e são namorados, e estão a planear o casamento, e vai correr bem (sorri).” (VII. Lisandra). A relação de suporte e amizade acaba por ser representada por uma das participantes deste grupo da amostra – “Ele sofreu uma desilusão amorosa e este ‘tá a tentar ajudar e dar apoio, este ‘tá triste, e este apoia, ele não quer lembrar mais o que aconteceu, e o outro consola-o e diz-lhe que ele vai encontrar outro amor.” (V. Júlia).

Diferença de sexos: A diferença de sexos é percebida por praticamente todo o grupo, com excepção da pré-adolescente que jogou neste cartão a tal relação de suporte (V. Júlia), e que representa então uma relação homossexual. Sendo assim, nas restantes nove, é visível um casal heterossexual.

Diferença de idades: A diferença geracional não é no entanto tida em conta por nenhuma das pré-adolescentes.

No que respeita ao conflito, podemos reparar uma certa dificuldade em representar neste cartão um conflito uma vez que apenas três das participantes o fizeram, e apenas uma apresentou solução ao mesmo, sendo que esta foi a mesma que representou a relação de suporte e não a libidinal.

Síntese do C10: Apesar de na nossa amostra observarmos procedimentos do nível mais neurótico (A e B), fazem-se sentir sobretudo no C10 os mecanismos de evitamento e fuga (CFo1; CFo3; e CFo4) em ambos os grupos da amostra. Também o procedimento B2 9 é encontrado em ambos os grupos, reenviando assim para a erotização das relações e sexualidade que este cartão suscita tanto no grupo dos dez anos como no grupo dos doze. As diferenças ao nível da idade encontram-se no procedimento A1 1 (proximidade ao tema banal) e B2 3 (pelas relações interpessoais entre as personagens que dão conta da ambivalência do desejo) utilizado pelo grupo dos dez anos. E pela utilização dos procedimentos A2 15 (isolamento de elementos e/ou personagens) e CN4 (pela justificação dos afectos através de posturas manifestas do cartão) pelo grupo dos doze anos.

No que concerne ao conteúdo latente do cartão, em toda a amostra, temos presente uma representação íntegra da imagem do corpo e uma identificação, pela maioria, a um casal heterossexual, sendo que tanto aos dez como aos doze anos a maioria das pré-adolescentes dá conta de uma relação libidinal entre as personagens, podemos ainda acrescentar neste sentido que a ligação entre o afecto e a sexualidade sublinha a elaboração e o declínio do conflito edipiano. Aliás, tanto aos dez como aos doze anos, apenas uma das meninas em cada grupo entende a relação presente como sendo de suporte, em que o outro acaba por ser investido como apoio indispensável. Neste sentido também, nove das pré-adolescentes de doze anos e oito das de dez anos dão conta de uma relação heterossexual. Temos também presente o conflito a “quente” na evocação da curiosidade sexual, cenários sustentados por fantasmas da cena primitiva presente em três pré-adolescentes. A diferença geracional no entanto, ao contrário do que acontece em relação à diferença sexual, parece não ser contemplada por nenhum dos grupos da amostra. Em relação ao conflito e à resolução do mesmo também não foram encontradas quaisquer diferenças, sendo que se tornou notória a dificuldade em entrar no conflito do cartão. Aliás, apenas três pré-adolescentes em cada grupo da amostra o evocou, e apenas uma em cada grupo apresentou resolução para o mesmo.

C16 aos 10 anos:

Procedimentos: O procedimento B1 1 foi nesse cartão o mais utilizado por ambos os grupos da amostra, uma vez que se trata de uma história construída em torno de uma fantasia pessoal. Aos dez anos no entanto, encontramos também os seguintes procedimentos: A1 1, B2 9, CFo4 e CM2+.

Legibilidade: Ao nível da legibilidade surge pela primeira vez o domínio da legibilidade tipo 1 em ambos os grupos, surgindo ainda no entanto, aos dez anos, em conjunto com o tipo 2.

Fantasia pessoal: Neste cartão torna-se clara a eminência da fantasia pessoal em todo o grupo das meninas de dez anos, surgindo mesmo em várias respostas o prenome pessoal – “Sou eu com o rapaz com quem eu ‘tou interessada também interessado por mim (...).” (II. Dânia). Esta fantasia faz-se acompanhar pelo sonho amoroso, projecção no futuro, aventura, e vivências com os amigos.

Sonho amoroso: Assim sendo, o sonho amoroso torna-se evidente em seis das meninas, estando presente o romance à luz dos contos de fadas – com o príncipe em busca da princesa

(elas mesmas) e com o tão desejado final feliz (“felizes para sempre”) – “Está uma mulher que conhece um homem e que se apaixona por ele e eles casam e ficam muito felizes e têm filhos.” (III. Cátia). A madrasta acaba por ser representada pelas imagens parentais, como único obstáculo à realização do sonho amoroso (a aprovação) – “(...) A mãe pô-la de castigo porque a mãe pensava que tinha alguma coisa a passar-se (...) Chegou a casa e disse à mãe e ao pai se eles aceitavam o rapaz casar com ela. A mãe e o pai aceitaram, depois casaram-se e viveram felizes para sempre.” (IX. Bruna).

Projeção no futuro: A projeção no futuro torna-se evidente uma vez que as respostas a este cartão se encontram repletas de idealizações e sonhos amorosos, o que se torna claro em oito das pré-adolescentes, encontramos também no entanto o desejo pela autonomia e independência “Sou eu no continente (...)” (I. Maria).

O conflito surge em apenas uma das meninas que nos dá também uma resolução ao mesmo (IX. Bruna).

C16 aos 12 anos:

Procedimentos: Tal como já foi mencionado, o procedimento B1 1 foi, neste cartão, o mais utilizado por ambos os grupos da amostra, surgindo aos doze anos além do procedimento B1 1, os seguintes procedimentos: B2 3; B2 8; CN1; CN2 e CN10.

Legibilidade: Ao nível da legibilidade surge pela primeira vez o domínio da legibilidade tipo 1 em ambos os grupos

Fantasia pessoal: A eminência da fantasia pessoal torna-se manifesta, surgindo em todas as pré-adolescentes, excepto numa delas que recusou o cartão (ex). Torna-se notório o desejo de crescer e de autonomia face à vida adulta – “Ah isto é um dia em que eu chego à escola e ‘tava tudo diferente, os professores são os alunos e os alunos são os professores (...)” (I. Manuela).

Sonho amoroso: O sonho romanceado é representado por seis das pré-adolescentes – “Eles ao fim de uns dias casaram-se e foram passar a lua-de-mel ao Brasil, tiveram um filho que se chamava Tomás e ficaram lá para sempre.” (III. Carlota); “Aqui estou eu a olhar para um rapaz que eu gosto muito, não sei se ele gosta de mim mas eu gosto dele (...) e ele depois foi

atrás de mim e perguntou se eu queria namorar com ele, eu disse logo que sim com certeza! E acabou tudo bem.” (IV. Raquel).

No entanto surgem também duas respostas que apesar de girarem em torno do projecto amoroso não encerram com o final feliz que tem vindo a ser habitual – “Sou eu a passear na praia, vejo um rapaz e fico apaixonada por ele (...) passados dois anos casamos, fizemos uma casa no Algarve e tivemos uma filha. Dez anos depois o casamento não estava a correr bem. Divórcio. Fiquei com a custódia e arranjei outro.” (VII. Lisandra).

Projecção no futuro: o projecto no futuro é encenado por quatro das participantes da amostra – “Sou eu, vaidosa, educadora de infância ou cabeleireira, vou-me namorar e casar como as outras pessoas, com filhos como as outras pessoas e acho que vou ser feliz.” (VIII. Luísa).

O conflito surge claramente em sete, sendo que seis delas devolvem uma solução para o mesmo.

Síntese do C16: No que respeita ao C16 podemos dizer que no grupo das pré-adolescentes de doze anos voltamos a encontrar mais procedimentos da série B e procedimentos da série CN, que no grupo das meninas de dez anos. Tendo em conta que este cartão reenvia “à forma como o sujeito estrutura os seus objectivos privilegiados e às relações que com eles estabelece” (Shentoub, 1999, p.81), não admira que o procedimento B1 1 tenha sido o mais utilizado por ambos os grupos da amostra, uma vez que se trata de uma história construída em torno de uma fantasia pessoal. Aos dez anos no entanto, encontramos também os seguintes procedimentos: A1 1; B2 9, CFo4, e CM2+. Revelando-se assim histórias construídas à volta do tema banal, que neste cartão será portanto a fantasia pessoal, muito em torno das relações libidinais, com uma idealização do objecto com valência positiva, sem serem relatados quaisquer conflitos ou motivos para os mesmos. Aos doze anos além do procedimento B1 1, encontramos também: B2 3; B2 8; CN1; CN2 e CN10. Havendo então um acento inscrito nas relações interpessoais, em que as histórias acabam por estar inundadas de apreciações pessoais e até mesmo de referências pessoais e autobiográficas, com pormenores narcísicos e idealização de si, havendo também muitas vezes um acento inscrito na vivência subjectiva. No que respeita ao conteúdo latente reparamos como a fantasia pessoal parece ser banal e uma constante sendo este o conteúdo predominante em ambos os grupos da amostra. Ao nível do ‘sonho amoroso’ também não foram encontradas diferenças entre os grupos, sendo que ambos responderam em mesmo número a este conteúdo. A diferença mais óbvia encontra-se no que concerne à projecção no futuro, já que nas meninas de dez anos este conteúdo encontra-se

presente na maioria (oito) das histórias, enquanto aos doze anos menos de metade das meninas (quatro) o incorpora nas suas histórias. Outra diferença relevante encontra-se no que concerne ao conflito e à sua resolução. Isto, tendo em conta que no grupo das pré-adolescentes de dez anos o conflito e a sua consequente resolução só foram evocados por apenas uma menina. Já aos doze anos o conflito surgiu em sete pré-adolescentes, e a sua solução em seis.

V. Discussão

Neste último capítulo, serão destacados os resultados obtidos para cada um dos grupos da amostra e para cada cartão, de forma a analisar a nossa hipótese: com o eclodir da pré-adolescência existem diferenças ao nível do desenvolvimento da identidade sexual, sustentada nas mudanças/desenvolvimento das relações com as imagos parentais. Por último, iremos analisar as implicações clínicas deste estudo, as suas limitações e sugestões para futuros estudos dentro deste âmbito.

No final da nossa introdução ficou colocada a hipótese de que com o desenvolvimento e evoluir de uma identidade sexual cada vez mais estável, a relação com as imagos parentais iria também diferir. Apesar de ter sido notória a alteração da relação com as imagos parentais e, concomitantemente, do desenvolvimento da identidade sexual – o que se verificou tanto ao nível dos procedimentos, quanto à forma de elaboração do conteúdo latente dos cartões, é que estas diferenças não foram salientes em todos os casos. Constatámos que nalgumas pré-adolescentes essas diferenças eram mais acentuadas do que noutras, o que se justifica pelo facto de, apesar de a adolescência ser um período marcado por várias etapas, estas não são alcançadas ao mesmo tempo, ou na mesma faixa etária (Notman, 2003).

Após a análise detalhada de cada cartão, foi possível observar algumas diferenças no que diz respeito aos procedimentos e à forma como o conteúdo latente foi elaborado, nas respostas dadas entre ambos os grupos da nossa amostra, a cada cartão. Ao nível dos procedimentos, podemos constatar que, de um modo geral, aos dez anos os procedimentos que predominam são o A1 1, CFo1, CFo3 e o CFo4. Deste modo, constatamos que as narrativas destas meninas são profundas em mecanismos de evitamento, fazendo-se seguir pelos mecanismos de controlo, transparecendo assim um controlo das pulsões e maior rigidez. Esta presença de mecanismos de controlo justifica-se pelo poder das pulsões neste período, e por um empobrecimento fantasmático face à pressão para manter os fantasmas edipianos a um nível inconsciente.

Por outro lado, nas pré-adolescentes de doze anos, observa-se uma maior prevalência do procedimento lábil B2 9 e do procedimento de evitamento CFo3, reflectindo assim o predomínio das representações de relações erotizadas e pelo acento inscrito na sexualidade e erotismo, juntamente com o procedimento de evitamento de conflito, que se refere ao anonimato das personagens. A emergência de mecanismos de labilidade nesta idade justifica-

se por um arranjo mais diferenciado e uma maior integração das pulsões, num novo sistema de relações de objecto. Estas narrativas mais lábeis prendem-se também com a mudança da vivência do self corporal destas pré-adolescentes, devido à puberdade, ao consequente aparecimento da menarca e das questões em torno da sexualidade que emergem nesta fase.

Esta diferença, relativamente aos mecanismos de controlo mais vigentes aos dez anos e aos mecanismos mais lábeis aos doze anos, também se compreende se tivermos em conta a importância que o grupo de pares ganha na pré-adolescência. Sendo que a auto-estima das meninas de dez anos depende da aprovação parental, e que aos doze o grupo de pares apresenta uma maior preponderância, isto permite também um maior afastamento das imagens parentais, permitindo também o deslocamento e projecção dos conflitos para o exterior.

Ao nível da legibilidade, as diferenças não se fizeram sentir de forma considerável, sendo que ambos os grupos da amostra apresentam na sua maioria legibilidade tipo 2 (+-). Este tipo de legibilidade vem atestar o predomínio dos procedimentos A2 e B2, bem como o predomínio dos procedimentos C. Falamos em narrativas que supõem um impacto fantasmático, em que o conteúdo latente dos cartões desperta fantasias e emoções que a nossa amostra percebe de alguma forma, como perigosas, despoletando mecanismos de defesa.

No que concerne ao conteúdo latente, podemos dizer que aos dez anos a problemática relacionada com a triangulação edipiana surge com maior intensidade no C2 e C4. No C2, as narrativas giram sobretudo em torno da rivalidade com a mãe, na maioria das vezes representada como uma imago superegógica, controladora e persecutória que representa o interdito. No C4, e ainda no que respeita ao conflito de rivalidade com a mãe, este surge por intermédio da introdução de uma terceira personagem. Deste modo, emerge com bastante frequência a identificação destas meninas a uma personagem feminina traída, rejeitada, e algo passiva, que vem de alguma forma reflectir o modo como estas meninas se sentem face ao conflito edipiano. Em relação a esta questão da traição, bastante eminente, importa lembrar que a relação mãe-filha entra em crise, no momento em que a menina sente que não é o objecto de amor da sua mãe e entra um homem no anterior paraíso self contentor da relação mãe-filha. Até agora, a mãe era um objecto de amor, mas quando a menina se identifica com a mãe o objecto de amor muda (Klockars e Sirola, 2001). Assim sendo, na sua solução edipiana a menina sente-se traída pela mãe porque percebe que o objecto mais importante de amor da sua mãe é o seu pai, e que o amor e desejo físico do seu pai dirigem-se à sua mãe. Quando a menina não se consegue mais experienciar como desejada e amada pela sua mãe, o seu desejo de ter a mãe/mulher só para si torna-se num desejo de ser mulher, evocando também o desejo

de ser amada pelo outro sexo e de ser mãe no futuro (Hägglund, 1981). O pai torna-se no objecto dos aspectos libidinais da menina, e a sua mãe será portanto sua rival, pela aprovação do pai. A rapariga identifica-se com a mãe-rival edipiana que tem uma relação sexual com o pai, sendo esta, a matriz da heterossexualidade feminina (Klockars e Sirola, 2001).

O conflito e identificação com a mãe e função materna, tornam-se especialmente representados no cartão 7GF. O conflito com a mãe surge na medida em que mãe e filha são portadoras de desejos opostos, ou então porque a mãe permanece representada num papel passivo e não se dá como modelo de identificação. A identificação à mãe, transmissora de conhecimentos, é feita maioritariamente sem a evocação do conflito com a mesma, o que se torna notório pela indiferenciação e isolamento das personagens, pela escotomização da figura materna ou pela evasão do conflito, através do recurso à fantasia. Parece-nos que este modo de abordar o conflito permite que estas meninas possam assumir a maternidade e “ter um bebé” (bebé edipiano), sem o peso da culpabilidade inerente à questão da sexualidade e rivalidade edipiana com a mãe. Esta formulação é corroborada porque, nos casos em que a representação das relações se inscreve num domínio mais próximo do real (nas narrativas em que o princípio da realidade se sobrepõe ao princípio do prazer), transparece uma imaturidade e dificuldade destas meninas em se identificarem à função materna, marcada pela culpabilidade e nostalgia da infância.

Como vemos, dentro do mesmo grupo, são representadas duas formas distintas de abordar o conflito com a mãe e a sexualidade que, apesar de diferentes, emanam da mesma problemática. Estas formas distintas de abordar este problema parecem ir ao encontro da ideia de, apesar de estas meninas se encontrarem em período de latência da sexualidade, o desenvolvimento do seu espaço interno e imaginário materno não está estagnado. Como defende Hägglund (1981), este desenvolvimento continua a proceder-se em áreas mais sublimadas da sexualidade. Assim, a sublimação contínua da pulsão do espaço interno e dos órgãos sexuais internos ajudam a menina a integrar na sua personalidade as ideias relacionadas com a maternidade e com o bebé ideal. A sua relação com os pais, em especial com a mãe, melhora e torna-se mais íntima (Klockars e Sirola, 2001), donde resulta a dificuldade em entrar em conflito com a mesma.

Em relação à representação da imago masculina, ainda através das respostas ao C2 e C4, vemos representada na maioria das vezes uma figura masculina que trai e abandona; sendo projectada, portanto, uma imagem negativa do masculino. Através do C6GF, damos ainda conta do carácter agressivo e violento da imago masculina, de uma figura masculina sedutora e persistente. Deste modo, podemos observar como as questões da sedução e da

sexualidade são tratadas como algo violento, uma vez que são representadas de um modo muito cru nas suas histórias. Parece-nos que esta dificuldade se deve, em parte, ao facto das pulsões nesta idade serem pouco diferenciadas, tornando-se difícil para estas meninas representar uma relação de sedução na qual não exista uma invasão agressiva do espaço interno/continente feminino. Quanto mais difícil parece ser integrar a libido e agressividade na relação, isto é, a ambivalência, mais complicado se torna conceber a sedução sem uma conotação agressiva. Acresce o facto de na maioria das vezes, neste cartão, a personagem masculina ser investida como uma imago parental edipiana, portanto, incestuosa, à qual pelo imperativo do desenvolvimento, têm de renunciar.

A questão da autonomia e independência face aos pais, o ressentimento face à sua autoridade e o desejo de ter uma relação libidinal extra-familiar permitida, bem como o sonho amoroso surgem representadas no C2 e C16, nos quais emerge o conflito com os pais que necessitam de autorizá-las a crescer e a ser autónomas. O que nos faz sentido, se tivermos em conta que nesta fase – aos dez anos, a menina é realística e emocionalmente dependente dos seus pais, sendo que a sua auto-estima deriva da aprovação parental e estando, portanto, intacta a onnipotência parental (Josselson, 1980). No entanto, o que predomina nas narrativas destas meninas no C16, e também no C10, é o sonho amoroso com final feliz, surgindo também o pensamento mágico e o sonho como forma de realização da fantasia ou desejo interno segundo o princípio do prazer. Esta necessidade de fantasiar, próxima do que encontramos nos contos de fadas e histórias infantis, vai ao encontro da forma de pensar e vivenciar destas meninas. O que, do ponto de vista dinâmico, lhes é reconfortante e tranquilizador, já que vão ao encontro do seu mundo, e por isso acreditam neles. Além disso, permite-lhes deslocar o seu desejo no tempo e no espaço, minimizando as dificuldades e constrangimentos do presente, oferecendo ainda, tal como nos contos infantis, uma solução aos conflitos do desenvolvimento (Bettelheim, 2006). Através destes dois cartões, é também notória a identificação às figuras parentais e à função materna, já que as suas histórias andam em torno da relação amorosa e dos filhos que terão no futuro. Esta projecção no tempo dá-se precisamente pela impossibilidade de os poderem ter no presente, devido a todas as vicissitudes da relação actual com a imago materna (e também à paterna). Este facto vai ao encontro do que preconiza Hägglund (1981), na medida em que estas meninas por terem a sua atenção virada para o pai e pelo desejo de terem um filho seu, desejam cuidar e apreciar o sexo oposto.

No grupo dos doze anos, no que respeita à questão edipiana (especialmente expressa no C2), assistimos a uma defesa contra a triangulação e ao conflito. No entanto, torna-se notória a questão da rivalidade feminina com realização do projecto amoroso – realização do Édipo como fantasia. Assiste-se também à presença de uma mãe que castra e impede o acesso à figura masculina e à relação amorosa, e de toda uma culpabilidade inerente a esta questão. Além disso, será relevante acrescentar que, mesmo quando a relação entre as personagens é negada, isto é, evitada a triangulação edipiana, transparece o desejo e pulsão libidinal que é projectada na figura masculina. Entendemos este facto se tivermos em conta que, na pré-adolescência, a situação edipiana é reactivada e a rapariga tem de ser capaz de abandonar o objecto de amor pré-edipiano, a mãe interna e virar-se em direcção ao pai, homem interno (Klockars e Sirola, 2001). Esta questão da rivalidade feminina e triangulação aparece também no C4, em que o conflito surge devido à introdução de uma terceira personagem feminina nas suas narrativas. Esta questão também nos reenvia para o que Blos (1962) nos diz em relação à renúncia dos objectos infantis perante a ameaça de um retorno regressivo à relação pré-genital com a mãe, isto é, a atracção fusional, que o autor relaciona à delinquência feminina.

A partir do C4, verificamos também a realização da história de acordo com o desejo, um vez que a relação libidinal só é representada num registo positivo, parecendo haver uma dificuldade em integrar a agressividade e os afectos que lhe estão associados. Sendo este facto consequência da dificuldade em representar a ambivalência da relação. A este propósito, Josselson (1980) diz-nos que as pré-adolescentes encontram-se numa fase em que se deliciam no seu sentimento de separação/autonomia, negando o que vai contra a sua liberdade – o que a autora define como um segundo estágio de onipotência, relacionando-o com a fase de prática de Mahler (1963). Quando a pré-adolescência fornecer um sentimento de autonomia suficiente, para que a pré-adolescente se sinta protegida das suas necessidades regressivas infantis, ela poderá então permitir-se experimentar a sua re-aliança ao ego parental, até porque ela deseja o amor dos objectos parentais do qual se tem distanciado. A questão da imago masculina rejeitante e abandonante, tão presente no grupo dos dez anos, surge neste grupo, apenas em dois casos, o que também se justifica pelo facto de nem todas as pré-adolescentes atingirem a mesma fase de desenvolvimento ao mesmo tempo, como já tínhamos referido anteriormente.

A relação e conflito com a imago materna (representada especialmente no C7GF), surge ligado à perda de amor do objecto e à rivalidade pelo amor materno. No entanto, o que prevalece nestas pré-adolescentes é a relação mãe-filha sem conflito, com uma identificação à mãe e uma integração no imaginário materno, apesar da dificuldade em assumir a

maternidade e o bebé nas suas narrativas. O que se compreende, se tivermos em linha de conta, que algumas pré-adolescentes recusam, inconscientemente, o facto de poderem trazer uma criança no ventre e rejeitam a integração de uma nova imagem de si mesmas como indivíduos sexuados (Laufer, in Golse, 2005). Desta forma, assistimos também nalguns casos à manutenção da relação mãe-filha da infância para evitar a sexualidade e a maternidade. Este facto, faz-nos sentido, uma vez que pelo início da puberdade, por intermédio de um mecanismo defensivo, estabelece-se uma grande tendência para a relação com a mãe pré-edipiana, tal como defende Notman (2003). Este movimento psíquico está por trás do comportamento paradoxal das pré-adolescentes, que tanto sentem necessidade de se aproximar e de se tornarem dependentes da mãe, procurando a sua protecção e negando a separação que o crescimento implica, como ficam agressivas e rebeldes (Malpique, 2003). Deste modo, a identificação à função materna, que é uma das solicitações latentes do cartão 7GF, não é viável porque estando numa relação regressiva/infantil com a mãe torna-se mais complicado representarem-se como mães. Valerá também a pena acrescentar que, nalguns casos, o bebé não pode ser representado, não só pela questão da identidade feminina e das imagos parentais – a questão de as perder enquanto objecto infantil, mas também, por causa de algo muito importante que tem a ver com a rivalidade e culpa edipiana. Isto é, para a menina ter um bebé seria rivalizar com a mãe, daí que as pré-adolescentes se defendam, uma vez que, como vimos, esse é também um dos conflitos eminentes na pré-adolescência, pelo receio de perder a mãe como objecto contentor, primitivo, e passar para uma relação de conflito. Até porque, como já vimos a agressividade torna-se nesta fase, algo com a qual as pré-adolescentes apresentam grande dificuldade em lidar. Cruzando assim estas respostas, relativamente ao C7GF, com as repostas do C2 encontramos alguma consistência no que respeita ao difícil acesso ao conflito edipiano e à relação com a mãe.

A partir do C6GF é sublinhada a dificuldade em abordar a libido e agressividade. Há uma dificuldade em integrar a sedução, surgindo então a relação de sedução agressiva que se reflecte numa representação da sexualidade como perigosa e violenta, o que por sua vez é projectado na imago masculina – neste homem sedutor e perigoso, violento e agressivo. Acabamos por estar perante a fantasia persecutória, da violação ou trauma, e perante o desejo e fantasia do masculino violento (projectado e transformado). Temos também neste sentido o pai violento e agressivo numa relação de sedução num contexto incestuoso, que por lhes ser assustador, obriga à evocação de um superego externo (ex: “mãe”, “polícia”). Não nos podemos esquecer que do ponto de vista psicológico, o trabalho de luto complica-se nesta fase, já que as transformações inerentes à puberdade são abruptas. A pré-adolescente assiste

às mudanças do seu corpo e à violência dos seus impulsos, sem que possa ainda integrá-los, nem encontrar na sua vida um objecto relacional adequado. Ficando desta forma, face a um corpo de desejo, estranho e imprevisível. Estas fantasias e angústias podem ser explicadas pelo aparecimento da menarca, como explica Malpique (2003) – o sangue pode ser interpretado como “ferida” evocando fantasmas de dilaceração interna, no que esta pode significar de castração e violação. Além de que, segundo a autora, a tomada de consciência do seu órgão sexual interno, leva a pré-adolescente a satisfazer o desejo no imaginário, e a vivenciar a culpabilidade edipiana, tornando-se então frequentes as fantasias de violação e de rapto e de um filho do pai edipiano (que ajudam também a elaborar o acesso à genitalidade).

As relações libidinais, recheadas de erotismo e sexualidade, continuam a ser representadas no C10. Estas relações, pela culpabilidade e vergonha que causam, aparecem integradas de um modo contendor no projecto amoroso e no casamento (porque são socialmente aceitáveis). Já que apesar da violência com que a pré-adolescente sente os impulsos sexuais, e apesar de não os recusar, há toda uma intimidade sexual que a pré-adolescente sente como “vergonhosa” (Malpique, 2003). E assim, perante um cartão que reenvia para a sexualidade, assistimos à substituição de algo que estaria ao nível do manifesto/conflitual – a aproximação libidinal, por algo simbólico – ao nível do pensamento, que contém e obedece ao superego (como o casamento). Desta forma, a resolução do Édipo na rapariga é mais demorada e menos definida, uma vez que fica dependente por mais tempo, resultando daí um superego menos autónomo (Malpique, 2003).

A ânsia em ser crescida e o desejo pela autonomia é retratado nas respostas ao C16. São representados o desejo de viver as aventuras e as relações amorosas/libidinais do mundo adulto que se faz acompanhar, no entanto, por uma dependência de um objecto externo, à imagem dos pais, ou de uma instância superegógica não interna. Este desejo pela autonomia também se justifica pela transformação das relações com as imagos parentais na pré-adolescência e necessidade de desinvestimento das imagos parentais, já que é este desligamento dos primeiros objectos de amor e identificação edipiana que permite o investimento em novos objectos (Marques, 1999). Segundo Dias Cordeiro (1988) este afastamento das imagos parentais torna-se obrigatório para restabelecer o equilíbrio narcísico e reorganizar um sistema relacional face às imagos parentais, numa tentativa de se afirmar e de se tornar autónomo. É também visível que o sonho amoroso surge lado a lado com um certo pessimismo em relação à representação das relações privilegiadas e por uma instabilidade das relações objectais que se justifica pelo facto de que, quanto maior a angústia de separação maior a instabilidade nas relações objectais. Isto porque, o papel parental que

anteriormente servia a menina dependente tem de ser abandonado e a gratificação parental resultante da dependência da criança tem de encontrar novos objetivos (Blos, 1974). Desta forma, torna-se então necessário o luto das imagos parentais para que possam ser possíveis novas relações e identificações. Porém, é por esta elaboração ser extremamente defensiva que vai resgatar os seus recursos de investimento narcísico da infância, às relações pré-edipianas e à organização do período de latência (Malpique, 2003).

Por fim, gostaríamos ainda de sublinhar a importância e pertinência deste estudo, tendo em conta a relevância da compreensão do modo como se desenvolve a identidade sexual na pré-adolescência, paralelamente com o evoluir da relação com as imagos parentais, no sexo feminino. Em primeiro porque de facto existe uma escassez de trabalhos sobre este tema, e em segundo porque se torna fundamental à prática clínica o bom entendimento destes processos.

É também importante referir que este estudo foi aplicado a pré-adolescentes de uma escola pública da Região Autónoma dos Açores, e nesse sentido temos de ter em linha de conta a influência que o factor sociocultural apresenta nas manifestações da adolescência, porém, considerando a existência de características psicobiológicas universais na adolescência (Aberastury & Knobel, 1988), a relevância deste estudo não se perde.

Como proposta a estudos futuros, pensamos que seria pertinente a realização de uma investigação com os mesmos parâmetros numa amostra maior, e que conseguisse abranger um maior leque de idades na amostra. Seria também pertinente a realização de um estudo longitudinal que permitisse dar conta de como efectivamente estas problemáticas surgem e evoluem em cada sujeito.

VI. Referências

- Aberastury, A. & Knobel, M. (1988). *Adolescência Normal: Um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Atger, F. (2004). Vinculação e Adolescência. In N. Guedeney & A. Guedeney (Orgs.), *Vinculação: Conceitos e aplicações* (pp. 147-156). Lisboa: Climepsi.
- Bettelheim, B. (2006). *Psicanálise dos Contos de Fadas*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Bispo, R. & Maroco, J. (2003). *Estatística Aplicada às Ciências Sociais e Humanas*. Lisboa: Climepsi
- Blos, P. (1962). *On Adolescence*. New York: The Free Press.
- Blos, P. (1967). The Second Individuation Process of Adolescence. *Psychoanalytic Study of the Child*, 22:162-186.
- Blos, P. (1974). *The Young Adolescent – Clinical Studies*. New York: The Free Press.
- Boekholt, M. (2000). *Provas Temáticas na Clínica Infantil*. Lisboa: Climepsi.
- Chabert, C. (1993). Narcissisme et Relations d’Object a l’Adolescence: Apports des Epreuves Projectives. *Bulletin de la Société du Rorschach et des Méthodes Projectives de Langue Française*, 37:183-194.
- Chasseguet-Smirgel, J. (1976). Freud and Female Sexuality: The consideration of some blind spots in the exploration of the dark continent. *International Journal of Psycho-analysis*, 57/3:275-286.
- Chasseguet-Smirgel, J. (1993). Woman’s Social Status as a Reflection of the Internal Relationship to Mother and Father in Both Sexes. *International Forum of Psychoanalysis*, 2:24-30.

- Deutsch, H. (1991). *Psychoanalysis of the Sexual Functions of Women*. London: Karnac Books.
- Dias Cordeiro, J. (1988). *Os Adolescentes por Dentro*. Lisboa: Edições Salamandra, Lda.
- Erikson, E. (1980). Identity and the life cycle, *Psychological Issues*, 1959 (1:55).
- Erikson, E. (1968). *Identity: Youth and crisis*. New York: Norton (22-23).
- Erikson, E. (1981). *Youth: Change and challenge*. New York: Basic Books.
- Erikson, E. (1976). Feminilidade e Espaço Interno. *Identidade - Juventude e Crise*.
- Fernandes, I. B. (1994). O Conceito de Projecção e as Técnicas Projectivas: A sua Tradução no Rorschach e também no TAT. *Análise Psicológica*, 4(XII):441-445.
- Freud, S. (2001). *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Furman, E. (1996). On Motherhood. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 44S:429-448.
- Golse, B. (2005). *O desenvolvimento Afectivo e Intelectual da Criança*. Lisboa: Climepsi. 1985.
- Grinberg, L. & Grinberg R. (1976). *Identidade e Mudança*. Lisboa: Climepsi.
- Hägglund, V. (1981). Feminine Sexuality and its Development. *Scandinavian Psychoanalytic Review*, 4:127-150.
- Josselson, R. (1980). Ego development in adolescence. *New Directions on the Study of Ego Development*, 6:188-210.

- Kestenberg, J. (1991). Eleven, Twelve, Thirteen: Years of Transition from the Barrenness of Childhood to the Fertility of Adolescence. *Course of Life. Adolescence*, 4:17-62. Madison: Int. Univ. Press.
- Klein, M. (1929). Personification in the Play of Children. *International Journal of Psychologie Analysis*, 10:193-204.
- Klockars, L. & Sirola, R. (2001). The Mother-Daughter Love Affair Across the Generations. *Psychoanalytic Study of the Child*, 56:219-238.
- Kristeva, J. (2001). *Melanie Klein*. New York: Columbia University Press.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1990). *Vocabulário da Psicanálise*. Lisboa: Moraes.
- Mahler, M.S. (1972). On the First Three Subphases of the Separation-Individuation Process. *The International Journal of Psychoanalysis*, 53:333-338.
- Mahler, M. S. (1963). Thoughts about Development and Individuation. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 18:307-324.
- Malpique, C. (2003). *O Fantástico Mundo de Alice*, Lisboa: Climepsi.
- Marques, M. E. (1994). A Metodologia Projectiva e a Avaliação Psicológica na(s) Adolescência(s): O(s) sentido(s) do(s) sentido(s). *Análise Psicológica*, 4(XII):473-479.
- Marques, M. E. (1990). A Transcrição no Rorschach das Expressões Masculina e Feminina da Pré-Adolescência e da Adolescência. *Actas de Psicologia Clínica*, 10:171-181.
- Marques, M. E. (1999). *A Psicologia Clínica e o Rorschach*, Lisboa: Climepsi.
- Matos, A. C. (2002). *A Adolescência*, Lisboa: Climepsi.
- Matos, A. C. (2007). *Vária. Existo porque fui amado*, Lisboa: Climepsi.

- Milheiro, J. (2001). *Sexualidade e Psicossomática*, Coimbra: Almedina.
- Murray, H. A., & Col. (1988). *Manual TAT, CAT, SAT – Técnicas Projectivas*, Madrid: TEA Ediciones, 2001.
- Notman, M. T. (2003). The Female Body and It's Meanings. *Psychoanalytic Inquiry*, 23:572-592.
- Ogden, T. (1987). The transitional oedipal relationship in female development. *International Journal of Psycho-Analysis*, 68(4):485-498.
- Santos, M. G. (1989). Utilização de Testes Projectivos em Investigação – Um exemplo de construção de indicadores. *Análise Psicológica*, VII:341-352.
- Shentoub, V., & Col. (1999). *Manual de Utilização do TAT*, Lisboa: Climepsi.
- Slansky, M. (1984). The Pubescent Years: Eleven to Fourteen. *Psychoanalytic Quarterly*. II:63-97.
- Sprinthall, N. & Collins, W. A. (2003). *Psicologia do Adolescente – Uma Abordagem Desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Waddel, M.G. (1989). *Vida Interior – Psicanálise e desenvolvimento da realidade*. Lisboa: Moraes.

Anexos

Anexo A

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu _____, Encarregado de Educação da aluna _____, certifico que permito a participação da minha educanda no trabalho que Ana Catarina Bettencourt Rodrigues se encontra a efectuar no âmbito de Mestrado Integrado em Psicologia Clínica, no Instituto Superior de Psicologia Aplicada – Lisboa.

O problema do meu trabalho diz respeito à identidade sexual em raparigas pré-adolescentes, e ao modo como estas se identificam e relacionam com as imagens parentais. Este estudo vai ser realizado através da aplicação da prova projectiva T.A.T a uma amostra de dez meninas de 10 anos, e a mais dez pré-adolescentes de 12 anos. No que concerne aos resultados espera-se perceber que tipo de imagem as pré-adolescentes têm dos seus pais, e paralelamente, como se dá a organização da sua identidade sexual.

.....

O trabalho, assim como a participação da minha educanda, foi-me definida e inteiramente explicada.

Percebo que os procedimentos desta investigação não têm qualquer risco.

A minha educanda é livre de responder às questões desta investigação, e eu posso, a qualquer altura, retirar o meu consentimento, terminando assim a sua participação na investigação sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo.

Data: ___ de _____ 2008

(o/a encarregado de educação)

Data: ___ de _____ 2008

(o investigador)

Anexo B

Interpretação dos Resultados das meninas de dez anos

I. Maria

C2

Cultivar+++ eles conhecem-se mas ‘tão a trabalhar+++ é só.

Procedimentos: A2 13; A2 15; CFo1; CFo2; CFo3; CFo4; CFa2; E11.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-)

Triângulo Edipiano: Podemos começar por dizer que a Maria evita o conflito edipiano por se manter num registo factual, por não dar qualquer relação às personagens – apenas a função laboral, que serve de isolamento à relação entre as personagens, sendo que nem as evoca, reflectindo assim também uma tendência para a imobilização dos movimentos pulsionais, embora o “cultivar” reenvie para algo activo.

Há assim uma fuga ao tema banal e ao conflito.

Identificação: Pela ausência de qualquer tipo de relação entre as personagens, por as manter apenas num plano factual e por não haver qualquer tipo de diferenciação entre as mesmas, concluímos que a Maria não se chega a identificar com nenhuma das personagens, porque identificar-se seria abordar o conflito edipiano. Apesar de não haver escotomização das personagens a Maria também não foi capaz de as pôr em relação, provavelmente por o conflito latente do cartão ser demasiado angustiante para ela, sendo assim o que se nota nitidamente na sua resposta é uma utilização de todos os mecanismos possíveis para não entrar no conflito edipiano. Não há escotomização, mas há contudo uma única representação – uma amálgama que permite à Maria confundir as personagens, não os provindo de identidade.

C4

São namorados, mas zangaram-se+++ ele traiu-a, e eles vão-se separar.

Procedimentos: A1 1; B2 3; B2 4; B2 5; B2 9; CFo1.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Ambivalência na relação libidinal e agressiva: A Maria nesta resposta vai de facto de encontro ao tema banal do cartão sendo que dá, de imediato, conta da relação libidinal do casal num contexto agressivo. Temos presente o conflito em torno da rivalidade representado pela traição. Neste sentido, esta resposta remete-nos também para a triangulação edipiana, na medida em que “ele traiu-a”, reenviando assim para a rivalidade com outra mulher e para a inconstância da relação objectal.

A resolução do conflito será a separação, não sendo no entanto explícito quem deseja esta separação, o homem que trai e rejeita, ou a mulher traída. O que também acaba por nos sugerir o modo como a Maria se sente face ao conflito edipiano. E mostrando ainda que os mecanismos de reparação nesta resposta não são operantes.

Identificação: Neste cartão a identificação à personagem feminina torna-se evidente. Esta personagem é no entanto traída e rejeitada, trespassando uma certa passividade inerente à sua situação. A imagem do homem é representada de forma mais activa e negativa, uma vez que trai e rejeita e conduz à separação do casal.

C6GF

+++ Ele violou-a, não sei.

Procedimentos: B2 1; CFo1; CFo2; CFo3; CFo6; E8; E14.

Legibilidade: Tipo 3 (legibilidade -+).

Relação de Sedução: Podemos dizer que não encontramos nesta resposta a relação sedutora, na medida em que claramente o que existe é uma intromissão/agressão por parte da personagem masculina. No entanto, o que é fortemente sublinhado na resposta é o carácter agressivo e violento com que esta investe a personagem masculina. Esta representação é expressa de um modo extremamente cru, na violação. Não há conflito porque a crueza da representação não permite a elaboração do conflito, por ser evocado um tema extremamente ansiogénico. Podemos ainda justificar este facto por as pulsões se encontrarem pouco diferenciadas, e neste sentido torna-se difícil representar uma relação de sedução, ainda mais

aos dez anos. Há uma invasão do espaço/continente feminino, para o qual a pré-adolescente ainda não está preparada.

Identificação: A imagem feminina surge-nos de uma forma passiva e como não tendo qualquer desejo. A Maria coloca-se numa posição masoquista-passiva surgindo aqui o fantasma da violação, em que ela é invadida pela sexualidade do outro.

C7GF

+++ É a mãe que não lhe deixou fazer o que ela queria e ela ‘tá zangada.

Procedimentos: A1 1; B2 1; B2 3; CFo1; E1.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +)

Conflito e identificação com a Mãe: Nesta resposta, e de acordo com o tema banal do cartão, temos presente o conflito entre mãe e filha, em que cada uma delas é portadora de desejos opostos. Tal como na resposta ao cartão anterior a Maria dá conta do conflito latente porém, sem qualquer resolução para o mesmo, esta falta de resolução ao conflito remete para uma falta do funcionamento dos mecanismos de reparação, característico do funcionamento pré-genital.

Identificação à Rapariga: É visível também uma clara identificação à rapariga que entra em conflito com a mãe “que não lhe deixou fazer o que ela queria”.

Identificação ao Materno: Podemos dizer que a identificação à função maternal é negada, não sendo feita qualquer referência a este respeito. A rapariga põe-se numa posição infantil face à mãe, o que vem reflectir uma forma de evitar a descontinuidade na relação. Neste sentido é evitada a separação (e conseqüente angústia), por um lado, e a sexualidade por outro (bebé). Surge-nos o estar “zangada” que nos parece equivaler a um conflito com a imago materna, embora a Maria se coloque numa posição infantil.

Bebé: A Maria escotomiza totalmente o bebé na sua resposta, sendo que nem a possibilidade do ‘boneco’ é dada. Este escotoma é entendido como movimento de recusa e como

sustentamento do recalçamento. Podemos também dizer a este respeito, que provavelmente a Maria se sente ainda bastante invadida pela sexualidade (e agressividade) eminente do cartão anterior, acabando por rejeitar assim o bebé e a fantasia da maternidade. O que se pode provavelmente justificar por a sexualidade só ser verdadeiramente entendida mais tarde.

C10

Apaixonaram-se e começaram a namorar+++ acho que é isso.

Procedimentos: A1 1; A2 3; B2 1; B2 9; CFo1; CFo3; CFo4; CM2+.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Diferença de sexos: A diferença de sexos é percebida, estando representado o casal heterossexual.

Diferença geracional: Não há qualquer referência à diferença geracional.

Relação Libidinal: Nesta resposta temos presente a relação amorosa, sem qualquer conflito. Podemos também referir que nos parece que o conteúdo erótico do cartão é percebido porém recusado, e sendo assim não temos qualquer conflito. Podendo-se ainda acrescentar que a coisa sexual não aparece devido aos fantasmas sexuais da cena primitiva.

C16

Sou eu no continente+++ na praia a tomar banho com uma amiga e um amigo, depois vamos passear e ver as ondas do mar+++ é isso.

Procedimentos: B1 1; A2 18; CFo1; CFa3; CN2; CM2.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Fantasia Pessoal e Projecção no Futuro: Trata-se aqui de uma fantasia pessoal em torno da autonomia e independência, de ir para longe recorrendo à fuga, no entanto, podemos dizer que a “praia” surge como uma espécie de ligação entre a ilha onde vive e o “continente”, criando

assim uma ponte. A Maria projecta-se numa situação em que é livre e está rodeada de pessoas que se encontram ao mesmo nível que ela – numa relação triangular sem qualquer conflito (nem agressivo nem libidinal). Sendo assim podemos dizer que esta resposta remete-nos para o registo pré-edipiano.

II. Dânia

C2

‘Tão a trabalhar na agricultura+++ e uma devia ser filha do patrão e ia estudar, e o escravo ‘tava a tratar da terra com um cavalo+++ e a mulher a ver.

Procedimentos: A2 15; B1 2; B2 1; CFo1; CFo4; CFa1; CN10.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Triângulo Edípiano: A Dânia nesta resposta isola as personagens remetendo-as para o mundo social, e dizendo que a menina é “filha do patrão” e não do homem que figura o cartão – “o escravo”, desvalorizado e inferiorizado. No entanto, as personagens são isoladas mas a relação não é negada. Temos a “mulher a ver” – imago controladora que representa o interdito. Há evocação do conflito edípiano por deslocamento, o escravo que aparece permite à filha do patrão (personagem com quem se identifica) evocar uma representação sustida pelo fantasma edípiano sem causar grande culpabilidade. O que é corroborado pela inferiorização da figura masculina-escravo. O escravo diferencia-se do pai pela falta de estatuto e poder. E assim ela é que está em controlo.

Identificação: A imagem feminina da mulher aparece de um modo passivo, transparecendo um certo desejo pelo poder masculino. A rapariga aparece-nos como privilegiada – “filha do patrão”, e estando portanto a um nível superior das restantes figuras.

C4

A mulher ‘tá-se a apaixonar por ele, mas ele não a quer, e ela agarra-o, e ele vai embora.

Procedimentos: A1 1; B1 4; B2 1; B2 5; B2 9; CFo3.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade 1).

Ambivalência na relação libidinal e agressiva: Nesta resposta a relação libidinal e agressiva é percebida, no entanto parece que cada uma destas características é atribuída a cada uma das personagens, a figura feminina que se está “a apaixonar” e a figura masculina que “não a quer”. Neste sentido o conflito presente acaba por ser claro – o homem que rejeitante que não a quer e a abandona. Aparece a ambivalência na relação mas não aparece solução.

Identificação: Através da história apresentada podemos dizer que há uma identificação à personagem feminina de um modo passivo que acaba por ser rejeitada, porque não consegue – ela, ligar as pulsões libidinais e agressivas. A imagem masculina é, como já foi referido a de um homem que a rejeita e abandona.

C6GF

Agora é ele que ‘tá interessado na mulher, ela ‘tá admirada com aquilo e surpreendida+++ ela não o quer.

Procedimentos: A1 1; B1 4; B2 1; B2 9; Cfo1; Cfo3; CN4; E10.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Relação de Sedução: Neste cartão a Dânia apresenta-nos a situação inversa do cartão anterior, em que agora, o homem sedutor se encontra numa posição mais passiva, e a mulher numa posição mais activa e rejeitante resolvendo assim o conflito.

Identificação: Voltamos a encontrar a identificação à figura feminina neste cartão, desta vez enquanto activa e rejeitante, porque ainda não está preparada para a “coisa” sexual, havendo no entanto uma capacidade de suster essa fantasia sexual, porque há também uma capacidade de conter o fantasma da sedução. Esta capacidade de suster um fantasma de sedução está provavelmente pode-se ligado à capacidade de representar a relação parental, no que respeita ao triângulo edipiano mas também à ambivalência na relação, porque se a agressividade e a libido fossem muito invasivas não poderia ser sustentada uma fantasia de sedução, e estaríamos perante a fantasia da violação

Encontramos também a necessidade de manter uma continuidade nos cartões, de modo a que seja possível manter uma continuidade interna, ligando-se assim ao mesmo objecto.

C7GF

Uma criança com um bebé na mão, e uma Sr.^a a contar uma história, mas a rapariga não parece ‘tar muito contente. (int.) A história chateia-a.

Procedimentos: A1 1; A2 15; B1 4; B2 1; CFo3; CFo5; CN4.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Conflito e identificação com a mãe: Apesar de não ser clara a relação da criança/menina com a “Sr.^a”, a história remete-nos obviamente para o conflito mãe-filha, em que a Sr.^a nos é apresentada como transmissora de conhecimentos, no entanto, a rapariga parece rejeita-la. O conflito entre ambas estaria portanto patente nesse afastamento e ambivalência, e na falta de contentamento da rapariga. Podemos ainda dizer que a Dânia rejeita a mãe para não assumir a maternidade. Apesar do conflito latente não nos aparece qualquer resolução para o mesmo.

Identificação à rapariga e ao materno: A “criança com um bebé” remete-nos para a imaturidade da função maternal da Dânia, não havendo no entanto algo concreto que nos leve a delinear o tipo de relação que a “criança” tem com o “bebé”. Neste sentido não se pode falar de uma identificação feminina bem delineada, uma vez que esta identificação é rejeitada – não está contente, prefere ser uma criança a ser mãe.

Bebé: A Dânia nesta resposta representa as três gerações apesar de não serem definidas e claras as suas relações. Podemos ainda sugerir que em ordem do bebé poder ser visto e evocado na história a Dânia tem de abdicar das relações que os unem.

C10

Uma mulher e um homem que se estão a agarrar e ela mete a cabeça no seu ombro. São namorados, parece que ela ‘tá triste e ele dá-lhe carinho e mimos para animá-la.

Procedimentos: A1 1; A2 3; B1 4; B2 3; CFo4; CN4; CM1; Cm2+.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Diferença de sexos: A diferença de sexos é claramente diferenciada sendo que a resposta da Dânia começa precisamente com a diferenciação sexual. Trata-se de um casal heterossexual.

Diferença geracional: Não é no entanto feita qualquer referência à geração das personagens.

Relação libidinal: Estamos perante a relação de casal. O homem é apresentado como apoio e suporte e figura contentora. O conflito (- a tristeza) é resolvido por este homem que a assegura, evacuando assim para a dimensão de identidade sexual de proximidade, na qual o outro é investido como apoio indispensável.

C16

Sou eu com o rapaz com quem eu ‘tou interessada, também interessado por mim+++ e que nunca mais nos separassem, temos a nossa casa, os nossos filhos, e damos-lhes tudo o que eles precisam, e até morrermos, depois eles continuam a sua vida.

Procedimentos: B1 1; CFo1; CFo4; CN3; CN10; CM2+.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Fantasia Pessoal Projecção no Futuro: Temos presente o sonho amoroso tipo conto de fadas com final feliz. Ela e o “príncipe encantado”. Parece também haver um receio de que alguém pudesse estragar esta fantasia e a ‘separasse’ do seu amado, tal como nos contos de fadas, geralmente representado pela madrasta má.

É também visível nesta resposta uma identificação às figuras parentais e à função maternal, já que a menina se vê no futuro como contentora dos seus próprios filhos.

Podemos ainda dizer que, embora pareça haver uma identidade feminina incipiente parece que a Dânia não tem ainda capacidade para aceder ao conflito no domínio pulsional na relação (sexualidade) daí que a relação resvale para o domínio da anáclise e para a idealização, esta situação é suportada pela indefinição da relação com a criança no cartão 7GF e rejeição do papel de mãe. Ou seja, quando as situações são muito próximas do real, do

concreto nota-se uma incapacidade em assumir uma identidade feminina, sendo apenas acessível através do sonho.

III. Cátia

C2

+++ Esta parece ‘tar a apreciar a paisagem+++ não sei mais nada.

Procedimentos: A2 3; CFo1; CFo2; CFo3; CFo4; CFo5; CN1; E1.

Legibilidade: Tipo 3 (legibilidade -).

Triângulo edipiano: Não temos nesta resposta o conflito edipiano uma vez que não há história. Há uma completa escotomização das personagens do segundo plano, defendendo-se assim contra a relação, triangulação e conflito edipiano, que é sustentado pelos mecanismos fóbicos e recalçamento.

Identificação: Há uma identificação à rapariga no primeiro plano, e única personagem evocada, que no entanto permanece apenas no factual.

C4

Estes dois parece que são namorados+++ e eles ‘tão muito bem e pode haver uma grande relação entre eles.

Procedimentos: A2 3; B2 9; CFo1; CFo4; CM2+.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Ambivalência na relação libidinal e agressiva: Nesta resposta a Cátia dá-nos a relação libidinal sem qualquer entrave. A relação agressiva é negada não havendo portanto a ambivalência na relação do casal. Com esta negação da agressividade o conflito acaba por ser posto de parte, tal como na resposta ao cartão anterior, percebemos uma dificuldade em entrar no conteúdo latente do cartão e em aceder ao conflito.

Identificação: Poderá haver uma identificação à personagem feminina do cartão, uma vez que a relação do casal é investida apenas de um modo positivo, dando a entender que a Cátia se revê na personagem, porém apenas, na medida em que nega o conflito.

C6GF

+++ ‘Tão a falar mas não sei de quê+++ porque se tão a conhecer agora.

Procedimentos: CFo1; CFo3; Cfo4; CFo5.

Legibilidade: Tipo 3 (legibilidade -).

Relação de sedução: A Cátia neste cartão volta a defender-se contra a relação uma vez que as personagens só agora se estão a conhecer. Nega assim portanto a relação de sedução/agressividade e o conflito. Talvez por serem demasiado intensos para ela, recorrendo ao recalçamento.

Identificação: Não se pode dizer que haja uma verdadeira identificação à personagem feminina na medida em que há uma fuga ao conteúdo latente do cartão e conseqüente relação entre as personagens.

C7GF

Parece que é uma menina muito nova que teve um filho e a mãe da menina ‘tá a olhar pó filho+++ não sei mais nada.

Procedimentos: A1 1; A2 3; B2 1; CFo1; CFo4; CFo5.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Identificação à rapariga e ao materno: Temos de facto uma identificação à “menina”, e uma identificação ao materno. Porém é realçada a imaturidade da função maternal da menina-mãe por ser “muito nova”.

Identificação e conflito com a mãe: Estão de facto presentes nesta resposta as três gerações (avó, mãe e filho), no entanto, o conflito com a mãe não é evocado. A mãe da menina – avó é também encarada como não sendo transmissora de conhecimentos, na medida em que olha para o neto mas não se dá como modelo de identificação materna. Esta passividade parece também tomar aqui o lugar do conflito entre mãe-filha.

Bebé: O bebé é de facto visto e assumido nesta resposta como filho da figura de identificação, apesar da imaturidade da mesma.

C10

+++ ‘Tá a haver uma relação+++ sei lá.

Procedimentos: B2 1; B2 3; CFo1; CFo2; CFo3; CFo5.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Diferença de sexos: Apesar da diferença sexual entre as personagens não ser especificada, podemos dizer que há uma diferenciação, no sentido da complementaridade da relação.

Diferença geracional: Como tem vindo a ser habitual neste cartão a diferença geracional entre as personagens não é percebida.

Relação libidinal: Neste cartão a Cátia parece dar-se conta do conteúdo erótico do cartão e por isso de algum modo acaba por não ser capaz de elaborar o seu conteúdo, acabando por se inibir perante a questão da sexualidade, o que a impede de se identificar a qualquer personagem e de as diferenciar.

C16

Está uma mulher que conhece um homem e que se apaixona por ele, e eles casam e ficam muitos felizes e têm filhos.

Procedimentos: B1 1; B2 9; CFo4; CFa4.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Fantasia Pessoa e Projecção no Futuro: Temos presente a fantasia pessoal, o sonho amoroso, e a felicidade sem quaisquer barreiras ou obstáculos. Esta resposta denota também de algum modo alguma dificuldade em libertar-se do socialmente aceite e esperado, uma vez que não deixa transparecer qualquer fantasia própria – uma vez que não encontramos na sua resposta o desejo pessoal.

Uma vez mais a identificação ao feminino é apenas concretizável/viável ao nível do sonho, no caso desta menina podemos ver que o Édipo parece não estar a ser estruturante, no domínio do pulsional parece não haver modulação, e os afectos ou são evitados ou surge uma representação da relação crua.

IV. Anabela

C2

Acho que ela vai estudar e os pais ‘tão a trabalhar nas terras, e acho que ela ‘ta triste, mas a mãe está feliz. Ela ‘tá a pensar que se não estudar vai ter de trabalhar para as terras.

Procedimentos: A1 1; A2 3; A2 17; B2 6.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Triângulo edipiano: Nesta resposta a Anabela entra no conteúdo latente do cartão, estando portanto implícito o conflito edipiano e a triangulação. O conflito da rivalidade com a mãe é posto na resposta na medida em que a tristeza da rapariga é contrabalançada com a felicidade da mãe (que possivelmente está grávida).

Identificação: Há uma nítida identificação à rapariga. Além do conflito edipiano, sentimos também a problemática que ela sente no sentido em que “se não estudar” fica presa aos pais e às suas “terras”, estando portanto em causa a sua autonomia e independência. Isto é, a resolução do Édipo passa, principalmente na infância, pela projecção no futuro, tal como nas histórias infantis, que permita ao sujeito transcender as relações infantis (incestuosas e

conflituais por ex.) e encontrar o seu espaço e relação individual – encontrar um objecto de amor fora do núcleo familiar.

C4

Acho que a mulher está a tentar que ele preste mais atenção a ela, mas ele ‘tá a olhar pa outro lado. Ele não se interessa mais, ela ‘tá a tentar ter uma conversa com ele, mas ele não a quer ouvir.

Procedimentos: A1 1; A2 3; B1 4; B2 6; CFo3; CN4.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Ambivalência na relação libidinal e agressiva: Temos nesta resposta presente a relação de casal libidinal, o conflito está presente na resposta na medida em que se trata de um homem rejeitante que “não a quer ouvir”.

Identificação: Há uma clara identificação à figura feminina, que assume um papel mais passivo e masoquista.

C6GF

Ele ‘tá a perguntar qualquer coisa e ela ficou surpreendida por ele perguntar isso. “Se ela gosta dele”, mas ela diz que não.

Procedimentos: A1 1; B2 3; CFo3; CN4.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Relação de sedução: Nesta resposta a situação da resposta anterior é invertida, temos então o homem sedutor que busca a mulher, e a mulher activa que o rejeita. A relação de sedução é claramente evocada, tal como o conflito e a sua solução.

Identificação: A identificação é feita a esta mulher desejada, activa que recusa a relação de sedução.

C7GF

Acho que a menina teve um filho muito rápido e acho que ela não consegue tomar conta dele sozinha. O namorado deixou-a e ela ‘tá a pensar “a minha vida antes era melhor”’.

Procedimentos: A2 3; B1 2; B2 1; B2 3; E1.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Conflito e identificação com a mãe: A avó é escotomizada do cartão, sendo negado assim o conflito com a mesma – dando a entender uma certa relutância em abordar o conflito com a mãe. Parece também que em ordem da Anabela ver o bebé, como seu filho, sente a necessidade de escotomizar a mãe, e o possível conflito com a mesma, talvez também devido à culpabilidade, uma vez que este bebé pode representar o bebé edipiano (alusão à gravidez da mãe no C2).

Identificação à rapariga e ao materno: Temos presente neste cartão a menina como mãe, e portanto duas gerações presentes. No entanto, e apesar de o bebé ser visto como filho, está patente uma imaturidade em relação à função maternal na medida em que esta transparece algum arrependimento, ou alguma nostalgia por abandonar o mundo infantil – “a minha vida antes era melhor”’.

Bebé: O bebé é aqui percebido como filho, e também o possível causador do desamparo da menina. Por isto, e também pela imaturidade da função materna, é trespassado o arrependimento de ser mãe.

Podemos também acrescentar que de facto a mulher precisa de ter um filho lentamente – uma vez que o filho surge primeiramente como algo integrante na rêverie de se tornar mulher. Ter um filho muito rápido é ter um filho sem desejo, sem colo mental, daí a incapacidade para tomar conta dele. O seu desamparo reflecte-se também no prescindir do objecto materno para evitar o conflito, e de o namorado não estar presente por causa da sexualidade.

C10

Aqui eles ‘tão a namorar e acho que ‘tão felizes por ‘tarem juntos. E sentem-se muito unidos e juntos.

Procedimentos: A1 1; A2 3; B2 1; B2 9; CFo4; CM2+.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Diferença de sexos: A diferença de sexos é marcada no sentido da complementaridade da relação amorosa.

Diferença geracional: A geração não é marcada.

Relação libidinal: Temos nesta resposta a relação amorosa idealizada, sem qualquer conflito, “felizes e unidos”. Esta “união” pode também suscitar algo de fusional – completude narcísica, que pode residir no facto de no cartão anterior haver um grande desamparo, e angústia de separação.

C16

Sou eu e o meu companheiro ao pé de mim. Sem ser daqueles que depois andam com outras raparigas e engana, e vamos ter um filho porque ele é um homem decente, e vai ser um menino muito saudável. E os meus pais percebem que eu gosto dele e que quero ficar unida com ele.

Procedimentos: A1 1; A1 3; B1 1; B2 8; B2 9; CM2; CN3.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Fantasia Pessoa e Projecção no Futuro: Temos novamente a fantasia pessoal em torno do sonho amoroso, no entanto podemos observar a preocupação em encontrar o homem certo “decente”, e também a preocupação em que os pais aceitem este homem. Sendo visível também uma identificação ao materno. Obviamente que segundo a história, a Anabela não entra em conflito na medida em que o homem é o certo e os pais percebem, estando também aqui sublinhada a fantasia da Anabela.

Podemos também acrescentar que este homem sendo encarado como “companheiro vem de algum modo reflectir um distanciamento libidinal. Sendo que por outro lado este “ficar unida com ele”, de acordo com o seu quadro de referência interno, remete-nos para a relação amorosa que vai de encontro a uma relação mais do tipo fusional que libidinal, provavelmente porque nesta fase a angústia de separação intensifica-se. Há uma mudança do espaço da relação, dos pais para o companheiro, porém continua a ser uma relação que se coloca ao nível do infantil. Desune-se dos pais e une-se ao companheiro.

Neste sentido reparar na dificuldade em representar a relação no domínio da ambivalência, na dificuldade em representar a maternidade, e no sonho como forma de realização da fantasia ou do desejo interno e segundo o princípio do prazer.

V. Lídia

C2

‘Tão a cultivar as terras, e ‘tá aqui uma Sr.^a que deve ‘tar a estudar por causa dos livros, e vivem no campo. É a vida campestre!

Procedimentos: A2 2; A2 13; A2 15; CFo3; CFo4; CN1; CN8.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-)

Triângulo Edipiano: A Lídia nesta resposta permanece num registo factual e descritivo, o cartão é abordado como se tratasse de um retrato havendo assim um distanciamento espacial e temporal, podendo-se dizer que esta abordagem serve o evitamento da triangulação e do conflito edipiano e toda a relação entre as personagens.

Identificação: Há uma identificação com a rapariga dos livros apesar de ser feita com um certo afastamento já que é a “Sr.^a”, e uma vez que não há qualquer relação entre as personagens.

C4

Eles ‘tão-se a agarrar um ao outro, ela ‘tá a insistir mas ele não quer falar com ela.

Procedimentos: A1 1; CFo2; CFo3, CFo4.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Ambivalência na relação libidinal e agressiva: É descrito nesta resposta um casal em relação, a mulher que vai atrás do homem, e o homem que rejeita e abandona, e neste sentido estamos perante a ambivalência da relação libidinal em conflito.

Identificação: Podemos dizer que se trata de uma identificação ao feminino um pouco masoquista, na medida em que é rejeitada.

C6GF

É um caso de violência doméstica, ele chega-se para ela e ela tem medo dele.

Procedimentos: B2 1; B2 4; B2 13; CFo3; E14, E16.

Legibilidade: Tipo 3 (legibilidade --).

Relação de sedução: Apesar de estarmos perante a relação de um casal, não é a sedução que é aqui evocada mas sim a relação agressiva, em que mais uma vez a mulher tem um papel mais passivo e masoquista (apesar do “medo”). O homem, a sedução e sexualidade são vistos como algo de agressor e violento. Temos o conflito presente, porém não há solução.

Esta resposta vem uma vez mais sublinhar a necessidade que a Lídia tem de se distanciar do conteúdo latente dos cartões, uma vez que dá, quase invariavelmente, uma conotação social às suas respostas que funciona como um continente para ela projectar esta relação.

Identificação: A identificação é feita a esta figura feminina, passiva e masoquista, submissa ao poder do homem.

C7GF

A mãe ‘tá a ensinar a sua filha alguma coisa importante, e ela ’tá a imaginar o que a mãe ‘tá a dizer.

Procedimentos: A1 1; B2 3; CFo4; CFa1; E1.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Conflito e identificação com a mãe: Não surge na resposta o conflito com a mãe, aparecendo, a mãe, como transmissora de conhecimentos e ensinamentos, e a filha que escuta e apreende. Neste sentido podemos dizer que há uma identificação à mãe.

Identificação à Rapariga: Encontramos também a identificação à filha que se revê na relação mãe-filha descrita.

Bebé e Identificação ao Materno: Temos presente as duas gerações, mãe-filha, tendo sido o bebé/boneco escotomizado, sendo assim negada a identificação à função materna.

C10

São duas pessoas agarradas uma à outra em compaixão uma com a outra.

Procedimentos: B2 3; CFo3; CFo4; CN4.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Diferença de sexos: Não há diferenciação de género entre as personagens

Diferença geracional: Não temos a diferenciação de geração.

Relação libidinal: Também a relação que une as personagens não é especificada, temos um simples agarrar em “compaixão”, que parece remeter para uma relação de suporte e de apoio, havendo um distanciamento do conteúdo sexual. Não há conflito, nem uma identificação explícita a nenhuma das personagens, uma vez que estas não são diferenciadas.

C16

É o campo. +++ Eu rodeada de pessoas amigas com uma vida calma, serena, sem nada de mau para interromper. Uma vida boa. +++ Também imagino sem poluição e menos fábricas.

Procedimentos: CFo1; CN1; CN8.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Fantasia Pessoal e Projecção no Futuro: A Lídia começa por fugir ao mundo fantasmático dizendo que se trata do campo, depois consegue imaginar-se com amigas (relação de pares) e paz o que vem sublinhar o sonho idealizado destas pré-adolescentes (apesar de não ser sublinhado o sonho amoroso). Porém sente uma necessidade de voltar ao mundo factual e social para fugir ao seu mundo interno terminando com o desejo “sem poluição e menos fábricas”.

VI. Bia

C2

‘Tão num campo, a rapariga ‘tá com livros na mão+++ e a Sr.^a ‘tá a descansar+++ não sei.

Procedimentos: A2 15; CFo1; CFo2; CFo4; CN1; CFa1; E1.

Legibilidade: Tipo 3 (legibilidade -+).

Triângulo Edipiano: Há uma clara fuga ao conflito edipiano e triangulação que é percebida de imediato com a escotomização da personagem masculina. Além disso não é perceptível qual o tipo de relação entre a rapariga e a Sr.^a, o que pode ser entendido como uma defesa contra o conflito da rivalidade. Existe uma recusa em criar qualquer tipo de história com este cartão.

Identificação: Podemos dizer que existe uma identificação à “rapariga com os livros”, no entanto, e uma vez que as personagens não são investidas de qualquer forma, também não existe qualquer relação entre esta e a “Sr.^a”.

C4

São casados, ela ‘tá a olhar para ele, e ele ‘tá a olhar para outra coisa, não quer saber+++ não sei.

Procedimentos: A1 1; B2 8; CFo2; CFo5; CN4; CFa1.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Ambivalência na relação libidinal e agressiva: Temos presente a relação amorosa libidinal entre o casal, sendo que o facto de estarem casados justifica esta pulsão e o tipo de relação. Porém, como tem vindo a ser habitual neste cartão, temos presente a imagem masculina que rejeita e abandona. Não havendo qualquer solução ao conflito.

Identificação: Também como tem vindo a ser habitual nas respostas a este cartão, a identificação é feita à imagem de uma mulher passiva.

C6GF

Um homem 'tá a olhar para ela, e ela parece 'tar assustada+++ ou surpreendida+++ não sei.

Procedimentos: A1 1; A2 9; B2 1; CFo1; CFo3; CFo4; CFo5; CN4; E14.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Relação de Sedução: Temos presente nesta resposta o homem sedutor e agressivo que deixa a mulher numa posição vulnerável de medo. Porém ao entrar neste tema a Bia põe também a hipótese da mulher estar, afinal, surpreendida. Notamos também uma dificuldade da Bia em abordar este cartão na medida em que não consegue escolher uma das possíveis interpretações, acabando por substituir uma representação mais ansiogénica por outra mais inofensiva. Não foi possível também encontrar uma solução ao conflito.

Quanto mais difícil parece ser integrar a libido e agressividade na relação, isto é a ambivalência, mais complicado se torna conceber a sedução sem uma representação agressiva/invasiva. Assim, não havendo possibilidade de aceder à ambivalência na relação, também não a possibilidade de haver um diferenciação/integração das pulsões.

Identificação: A identificação é feita a esta mulher passiva e vulnerável face à sexualidade do homem e dela própria,

C7GF

A mãe ‘tá a falar com a filha sobre qualquer coisa+++ não sei, e não sei o que ela tem na mão+++ se calhar ‘tão a falar sobre isso.

Procedimentos: A1 1; A2 3; A2 11; CFo1; CFo2; CFo4; CFo5.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Conflito e identificação com a mãe: Objectivamente temos então aqui duas gerações – mãe-filha. A mãe que ensina e que transmite conhecimentos. Não parece haver um conflito directo com a mãe, no entanto é visível uma identificação à mãe.

Identificação à rapariga e ao materno: Porém há uma grande dificuldade em admitir que o que a filha “tem na mão” é um bebé, o que acaba por ser mais ou menos confirmado não só por esta mesma dificuldade em dar nome ao que ela tem na mão, mas por parecer também ser o tema da conversa entre mãe e filha. Esta dificuldade pode estar relacionada com alguma imaturidade e com um relutância em identificar-se à função materna.

Bebé: O bebé apesar de não ser evocado nesta história parece ser percepcionado, porém, e devido também à imaturidade da função materna acaba por ser recalcada a sua representação.

C10

O Sr. ‘tá a beijá-la, e a dar um abraço, e eles parece que ‘tão tristes.

Procedimentos: A1 1; B1 4; CFo3; CFo4; CN4; CFa1.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Diferença de sexos: Há uma distinção clara entre os sexos.

Diferença geracional: A geração apesar de não ser marcada fica posta em dúvida pelo “Sr.”.

Relação libidinal: Neste cartão temos já a figura masculina afectiva. No entanto a tristeza surge como forma de aproximar mais a representação da relação ao domínio do apoio, afastando a sexualidade.

C16

Sou eu com as minhas amigas, estamos todas a estudar. É só.

Procedimentos: A2 13; B1 1; CFo2; CFo3; CFo4; CFa4; CN1.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Fantasia Pessoal e Projecção no Futuro: Há uma dificuldade em fantasiar e entrar no mundo interno, o que acaba por ser visível na dificuldade que a Bia apresenta em projectar-se no futuro e no sonho.

VII. Fátima

C2

Isto representa que se trabalha muito, e que há pessoas que são maltratadas, que trabalham demais e não recebem nada porque depois quem recebe são os patrões, que depois não lhes pagam.

Procedimentos: A1 2; A1 3; A2 4; A2 13; A2 15; B1 2; CFo3; CN1; CN8; CFa4.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Triângulo Edipiano: Temos claramente um afastamento espacial e temporal na medida em que o cartão é descrito como se tratasse de um retrato social. Sendo que este afastamento serve a clara defesa contra o conflito edipiano e triangulação.

Identificação: Através deste afastamento espacial e temporal podemos dizer que não há qualquer identificação a nenhuma das personagens, nem uma relação entre elas – a não ser a

de trabalhadores explorados. No entanto podemos subentender um certo paralelismo entre este retrato social e a submissão que ela própria sente, na medida em que parece existir algum ressentimento deslocado, que representa o ressentimento face à autoridade dos pais.

C4

Às vezes os homens engravidam as mulheres e depois rejeitavam as mulheres e não queriam saber delas. E depois elas ficavam sozinhas e abandonadas. E depois os filhos nem sabiam quem eram os seus pais.

Procedimentos: A1 2; A2 4; A2 13; A2 15; B1 1; B1 2; B2 5; B2 9; CFo3; CM2-; CFa2; E14.

Legibilidade: Tipo 3 (legibilidade -+).

Ambivalência na relação libidinal e agressiva: Temos novamente o recurso ao afastamento temporal e ao nível social, o que permite à Fátima entrar no conflito do cartão. Assim sendo temos uma visão bastante pessimista das relações amorosas em que o homem é claramente rejeitante e abandonante. É ainda dado relevo aos futuros filhos do casal que são introduzidos nesta história, e que ainda sofreriam as consequências destas imagos rejeitantes.

Identificação: As personagens feminina e masculina são aqui vistas como representando todo o grupo do sexo correspondente, o que vem ainda mais reforçar o tal recurso ao afastamento. De qualquer modo podemos dizer que a mulher é aqui sentida como a enganada, passiva e vítima, e que há uma identificação a esta mulher, e a estes filhos, face à representação das imagos parentais.

C6GF

Esta é o princípio da outra, ele 'tá a tentar enganá-la para cair na tentação, e depois ele vai fazer-lhe maldades e até bater, e engravidá-la e depois ainda bate no filho, e se calhar até quer matá-lo. Se calhar ele é patrão dela.

Procedimentos: A2 3; A2 15; B1 2; B2 12; CFo3; CM2; E8; E14.

Legibilidade: Tipo 3 (legibilidade -+).

Relação de Sedução: Este cartão é visto como o início do anterior jogando aqui, de um modo extremamente cru, claramente o papel sedutor, agressivo e de poder do homem na relação. O filho é uma vez mais incluído nesta história, que tal como a mãe, seria rejeitado e vítima da agressão do pai que “se calhar até quer matá-lo”.

Identificação: A mulher seria novamente a traída, passiva e submissa, tal como a filha (ela) que também assumiria este papel de enganada e abandonada. O padrão surge como um deslocamento para a figura de autoridade paterna.

Temos também uma continuação das histórias como tentativa de se assegurar uma continuidade interna.

C7GF

Uma mãe e as crianças, e as crianças muitas vezes não ouvem os pais, e as nossas mães já passaram por isso. A filha ‘tá a rejeitar a mãe porque ela ‘tá a falar de alguma coisa que ela ‘tá a fazer mal sem pensar nas consequências.

Procedimentos: A1 1; A1 3; A2 13; B2 1; CN8.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Conflito e identificação com a mãe: São vistas aqui duas gerações, mãe e filha/crianças. Temos então a mãe superegórica e crítica, servindo também como transmissora de conhecimentos, que entra em conflito com a filha que a rejeita. No entanto há uma identificação à mãe e à função materna já que a filha é que se comportou “sem pensar nas consequências”.

Identificação à rapariga: Vemos aqui de facto a identificação à “filha” e ao modelo de relação mãe-filha.

Bebé: O bebé é percebido sendo no entanto aqui encarado como irmão. Porém, o facto de a filha ter feito alguma coisa mal sem pensar nas consequências, evoca em nós a possibilidade de este bebé ser de facto percebido como filho.

C10

+++ Significa que às vezes há amores impossíveis de conquistar, de realizar, e depois as pessoas ficam tristes, e às vezes são amores às escondidas, mas não devia ser assim porque depois são enganados e sofrem, e depois o enganado também fica mal visto. Devia-se dizer sempre a verdade.

Procedimentos: A1 2; A1 3; A2 13; B2 8; CFo1; CFo3; CN8; CFa4; E7.

Legibilidade: Tipo 3 (legibilidade +-).

Diferença de sexos: Neste cartão não há nenhuma indicação directa sobre as personagens, podendo-se subentender que se trata de um casal heterossexual na medida em que o tema da resposta são os “amores”.

Diferença geracional: A diferença geracional não é tida em conta.

Relação libidinal: Voltamos a ter um afastamento no sentido em que a Fátima tenta sempre dar um significado social às histórias dos cartões. Significado este que tem vindo a ser sempre colocado na injustiça e no negativo. É uma história muito vaga, subentendo-se também um falso self.

C16

Sou eu crescida, feliz. E que não acontecesse nada do que eu disse nos outros cartões. Vou ser responsável e pensar nas consequências, e que as coisas não são só do pé para a mão. E gostava de ter filhos e um marido decente. Sem pressas e vamos viver a vida com calma e um dia de cada vez e com pensamento positivo, pensar nas coisas boas porque pensar nas coisas más traz sempre coisas más. E pensar no nosso futuro.

Procedimentos: A1 1; A2 4; B1 1; CFo4; CN1; CFa2; CFa5.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Fantasia Pessoal: Temos nesta resposta apesar de com cuidado, o sonho amoroso com o “marido decente” e os filhos. Contrariamente à maioria das meninas neste cartão não temos o “final feliz” explícito, havendo todavia um pensamento cuidado no futuro, “com calma”, reflectindo também o “pensamento mágico”

Projecção no Futuro: Há uma projecção no futuro e na vida adulta, e um desejo imenso de fugir àquilo que a assusta. Temos a alusão à responsabilidade, e ao pensamento positivo, sempre com a necessidade de justificar que “pensar nas coisas más traz sempre coisas más”.

Podemos ainda acrescentar que as respostas da Fátima reflectem muita impulsividade, e ausência de um espaço interno que a permitisse funcionar numa área transitiva. Mais uma vez uma relação perturbada com as imagos faz com que haja uma grande idealização no C16.

VIII. Elsa

C2

+++ É uma rapariga a agarrar uns livros+++ o homem aguenta o cavalo pa ele não fugir+++ e a Sr.^a a olhar para eles a ver o que é que eles ‘tão a fazer+++ tão a pensar na vida (o homem e a Sr.^a dos livros).

Procedimentos: A2 1; A2 15; A2 17; CFo1; CFo3; CFo4; CN1.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Triângulo Edipiano: Parece que estamos perante a triangulação e rivalidade com a mãe, entrando assim no conflito edipiano – a Sr.^a que os olha como se os tivesse a controlar, representando assim uma mãe superegóica (persecutória), enquanto a rapariga e o homem pensam na vida.

Começamos por observar uma tentativa de isolamento das personagens, como forma de manter recalcada a representação edipiana que se faz seguir por uma falha dessa defesa surgindo a pulsão libidinal expressa pelo “homem que aguenta o cavalo”, sendo que de seguida volta a surgir o recalçamento dessa representação por intermédio da Sr.^a que representa aqui o superego.

Identificação: Temos uma identificação à rapariga com os livros. Será também interessante notar o modo subliminar como a Elsa projecta a pulsão libidinal no homem que “aguenta o cavalo”, porém, esta pulção é recalcada ao dizer que eles “tão a pensar na vida”.

C4

É uma Sr.^a a agarrar um homem, e o Sr. a virar a cara+++ não sei mais.

Procedimentos: A2 15; A2 18; CFo2; CFo3; CFo4; CFo5; CN4.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Ambivalência na relação libidinal e agressiva: Temos aqui a relação de casal libidinal, podendo-se no entanto subentender a ambivalência latente da resposta, uma vez que o conflito está presente – o homem que a ignora, embora não sejam indicados o seu motivo nem a solução.

Identificação: O homem é uma vez mais neste cartão o rejeitante, e a mulher submissa que o tenta agarrar.

C6GF

É um homem a olhar para uma mulher+++ e ela admirada+++ não sei.

Procedimentos: A2 1; A2 15; CFo1; CFo4; CFo5; CN1; CFa1.

Legibilidade: Tipo 3 (legibilidade +-).

Relação de Sedução: Há nesta resposta uma defesa contra a sedução. A Elsa permanece no conteúdo factual do cartão sem entrar no conflito latente do mesmo - temos apenas um homem que olha, e uma mulher que fica admirada.

Identificação: Uma vez que a resposta a este cartão mentem-se muito no plano manifesto do cartão, nem as relações entre as personagens nem as próprias personagens são investidas.

C7GF

Uma Sr.^a a falar com uma menina+++ isto é um livro? +++ a contar-lhe uma história.

Procedimentos: A2 15; CFo1; CFo2; CFo3; CFo4; CC2; CFa1; E1.

Legibilidade: Tipo 3 (legibilidade -+).

Conflito e identificação com a mãe: Temos presente as duas gerações, a menina e a Sr.^a, que pelo seu afastamento da história não se torna claro o tipo de relação que une com a menina. No entanto é sublinhado o livro que serve de base à transmissão de conhecimento da “Sr.^a” para a “menina”, o que acaba por nos remeter para a relação mãe-filha, e por reforçar a identificação à mãe. Em todo o caso nesta história há um isolamento das personagens, uma vez que não é definida a relação que as une, pensamos que o não reconhecimento destes laços permite manter o conflito à parte.

Identificação com a rapariga e ao materno: Podemos dizer que existe uma identificação à filha, na medida em que o que acaba por aparecer nesta história trata o modelo de relação mãe-filha.

Bebé: O bebé/boneco é escotomizado, sendo unicamente privilegiado nesta história a relação mãe-filha, como modelo de identificação.

C10

+++ Não consigo+++ não sou capaz.

Procedimentos: CFo1; CFo5; CC1.

Legibilidade: Tipo 3 (legibilidade +-).

Houve uma recusa completa ao cartão e à entrada do conteúdo manifesto e latente do cartão.

C16

Sou eu com o meu filho feliz.

Procedimentos: A1 1; B1 1; CFo2; CFo4.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Fantasia Pessoal e Projecção no Futuro: Há de facto uma identificação directa em que ela se vê com um filho, com uma grande dificuldade em aludir ao sonho amoroso ou à relação. Apenas ela com o filho, numa relação dual, nem se percebendo bem se quem está feliz é ela ou o filho.

Há uma identificação à mãe activa - no sentido materno, e não como mulher.

IX. Bruna

C2

É um homem a pastar, uma mulher olhar para ele, e tem uma menina com os livros na mão, mas não se conhecem por isso não há história entre eles.

Procedimentos: A1 1; A2 11; A2 15; CFo1; CFo2; CFo3; CFo4; CN1; CFa2.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Triângulo Edipiano: Há uma clara fuga ao conflito edipiano e triangulação uma vez que ela nos diz directamente que “não se conhecem” e que “por isso não há história entre eles”. De qualquer modo podemos aferir que se trata de uma mãe controladora uma vez que temos a mulher a “olhar para ele” – superego, a imagem masculina é dada de modo passivo, denegando assim o conteúdo latente do cartão como se constata pela sua frase final.

Identificação: Podemos dizer que apesar da Bruna se identificar com a “menina com os livros”, há um isolamento das personagens e uma falta de investimento nas mesmas, o que também vem proteger a entrada no conflito edipiano.

C4

‘Tão os dois, o homem vê outra mulher, sai dos braços da mulher e vai ter com a outra.

Procedimentos: A1 1; A2 1; A2 2; CN4; E2.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Ambivalência na relação libidinal e agressiva: Há uma relação entre casal libidinal, porém a mulher é trocada por outra, estando então presente o homem rejeitante e abandonante que trai e que a troca por outra. O que acaba por colocar também na prova o conflito da rivalidade. Neste sentido podemos ainda dizer que a Bruna não entra na rivalidade permanecendo num registo passivo.

Identificação: A identificação é feita à imagem de uma mulher traída rejeitada, como tem vindo a ser habitual neste cartão, porque provavelmente nesta idade não terão recursos para abordar a agressividade e o conflito edipiano.

C6GF

Chegou um homem de repente e viu aquela mulher sentada e foi ter com ela, depois ela olhou para ele e conheceu-o, era o ex-namorado dela, e depois ela disse pa ele desaparecer e ele disse que ia ficar ali, sentou-se ao pé dela e ela foi-se embora.

Procedimentos: A1 1; B1 4; B2 3; B2 5; B2 7; B2 13.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Relação de Sedução: Temos então aqui uma relação de casal no sentido mais sedutor, o conflito aparece na medida em que temos um homem persistente que não respeitou a vontade da mulher – de ele se ir embora. Temos então a ambivalência na relação de sedução, na

medida em que acabamos por ter presente a representação paterna incestuosa que tem de ser renunciada.

Identificação: Temos nesta resposta a identificação à mulher activa que resolve o conflito abandonando o homem persistente que a deseja. Podemos ainda dizer que o ex-namorado é investido como a imago paterna (provavelmente incestuosa) à qual ela tem de renunciar.

C7GF

‘Tão as duas sentadas, a mãe e a filha, a filha com o bebé ao colo, é um bebé não é? E a mãe ‘tava sentada e depois foi buscar um livro ao quarto e leu-o. Depois a menina começou a pensar na história do livro e depois viu uma luz lá ao fundo e a luz dizia+++ dizia para ela ouvir a história porque era parecida com o futuro dela.

Procedimentos: A1 1; A2 1; A2 16; CFo1; CC2; CN1; CM1.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Conflito e identificação com a mãe: Neste cartão estamos perante a relação geracional entre mãe e filha. Temos uma mãe transmissora de conhecimentos e ensinamentos. Não há conflito na relação na medida em que a Bruna parece dar extrema importância ao que esta mãe diz já que de algum modo prediz o seu futuro. O ir buscar o livro ao quarto pode-nos remeter para alguma intimidade na relação e identificação à função materna. A luz ao fundo pode-nos dar a entender a necessidade de algo externo que lhe confirme o que a mãe lhe diz, remetendo assim para a evasão ao conflito através do recurso à fantasia.

Identificação à rapariga: A identificação à rapariga e à relação mãe-filha torna-se evidente.

Bebé: Temos de facto um bebé que é visto com alguma dificuldade, e com uma dificuldade também em coloca-lo na relação, não se sabendo ao certo se se trata de um irmão ou filho.

C10

Eles ‘tão a namorar os dois, ‘tavam a falar e entretanto o homem disse-lhe que eles não se conheciam+++ se ela queria ser esposa dele e ela aceitou, e disse-lhe se ele nunca a ia trair e

ele disse que não. E depois casaram-se, ele pediu-a em casamento e ela aceitou. E deram um beijo.

Procedimentos: A1 1; B1 1; B2 3; CFo1; CN3, E13.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Diferença de sexos: A diferença sexual é marcada, e estamos perante a relação amorosa heterossexual.

Diferença geracional: Não é clara a geração das personagens, uma vez que não é feita qualquer referência a esse aspecto.

Relação libidinal: Neste cartão temos então presente o casal amoroso, e a relação que urge. Esta história vem de encontro ao sonho amoroso com final feliz, sem ser evidente qualquer conflito. Podemos também referir que a questão da traição/infidelidade surge muito nestas meninas, provavelmente também por já se terem sentido “traídas” duas vezes na vida, pela mãe, e pelo pai.

C16

Era uma vez uma menina que se chamava Carolina, ‘tava na Praia a passear e sentou-se à beira-mar, ah esqueci-me de dizer que era na praia de banho, e ‘tava lá a passear um homem, um menino que se chamava Diogo, ela olhou para trás e viu-o, que era o rapaz que ela gostava, depois ela levantou-se e foi a correr ter com ele, ele olha para trás e vê-a, que era a rapariga que ele gostava. Depois foram a correr um para o outro e abraçaram-se e disseram um ao outro que gostavam um do outro. E depois ele disse a ela se ela queria namorar com ele, e ela aceitou. Depois deram um beijo, depois começou a ficar de noite e a rapariga disse que tinha de ir para casa que a mãe e o pai podiam estar preocupados. Depois ela foi e a mãe perguntou onde é que ela tinha estado, ela disse que tinha estado na praia, e a mãe disse “a fazer o quê?” e a rapariga depois disse-lhe que tinha estado na praia de banho. A mãe pô-la de castigo porque a mãe pensava que tinha alguma coisa a passar-se. À medida do tempo a rapariga ia ficando maior e a mãe decidiu cortar o castigo. Ela saiu do quarto e foi até à praia de banho, sentou-se à beira-mar e começou a pensar no que tinha acontecido antes da mãe pô-

la de castigo. Pensou muito e depois queria que acontecesse o mesmo que lhe aconteceu antes da mãe pô-la de castigo. Ela depois abriu os olhos e olhou para trás e viu o rapaz de quem ela gostava. Depois o rapaz começou a correr pó pé dela e disse se ela não queria casar com ele. Ela aceitou e depois largou-se a correr para casa com ele. Chegou a casa e disse à mãe e ao pai se eles aceitavam o rapaz casar com ela. A mãe e o pai aceitaram, depois casaram-se e viveram felizes para sempre.

Procedimentos: A1 1; A2 4; A2 7; B1 1; B2 3; B2 9; B2 11; CN3; CM1; CM2.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Fantasia Pessoal Projecção no Futuro: A partir desta história temos presente o sonho amoroso no sentido mais lírico e paralelo aos contos de fadas possível. O amor incondicional que supera todos os obstáculos e conflitos (com os pais), e o achar que por pensar muito nas coisas elas acontecem. É visível o conflito com os pais que necessitam de autoriza-la a crescer e a ser autónoma, para que ela possa ser feliz com o seu “príncipe”.

X. Inês, 10 anos

C2

Esta é a mãe dela, e este é o pai a tratar da terra, e ela vai para a escola.

Procedimentos: A1 1; A2 13; CFo4; CN1; CFa1; CFa2.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +).

Triângulo Edipiano: Nesta resposta a Inês joga muita claramente os papéis da relação edipiana, no entanto, não entra no conflito da triangulação, permanecendo apenas no nível factual e remetendo para as funções sociais de cada uma das personagens.

Identificação: É clara a identificação à personagem “que vai para a escola” – filha, no entanto, e uma vez que parece difícil entrar no conflito edipiano, uma vez jogados tão claramente os papéis parentais, as personagens não são investidas em termos fantasmáticos.

C4

Ela quando ia pá escola encontrou o namorado e já não foi.

Procedimentos: B2 1; B2 3; B2 9; CFa1.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Ambivalência na relação libidinal e agressiva: Há uma continuidade nas histórias de cartão a cartão – a menina que no cartão anterior ia para a escola, acaba por, na resposta a este cartão, ficar com o namorado. Neste sentido temos presente a relação do casal libidinal, sem entrar mais no conteúdo latente do cartão e na consequente ambivalência da relação.

Identificação: A identificação é claramente feita em relação à imagem feminina, o que acaba por ser reforçado pela continuidade das histórias cartão a cartão.

C6GF

Depois o pai dela quando ela veio para casa descobriu que ela teve a namorar e começou a dar-lhe um sermão

Procedimentos: B2 1; B2 3; B2 13.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Relação de Sedução: Esta resposta aparece na continuidade dos cartões anteriores. E assim sendo, temos neste cartão o pai edipiano e autoritário que lhe dá um “sermão” por ela ter escolhido ficar com o namorado em vez de ir à escola. Ao contrário do que tem vindo a ser habitual nas respostas a este cartão, não encontramos aqui a relação libidinal entre um casal, mas sim a relação autoritária com o pai.

Identificação: Mais uma vez temos a clara identificação à personagem feminina, à filha, que vai buscar aqui o pai como figura superegóica necessária pela resposta dada ao cartão anterior.

C7GF

Depois ela ficou grávida e teve uma filha+++ depois a filha cresceu+++ é só.

Procedimentos: B2 1; B2 9; CFo1; CFo6; CN1; E1, E11.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Conflito e identificação com a mãe: Não podemos encontrar qualquer conflito com a mãe neste cartão uma vez que esta não surge na história. Esta escotomização parece surgir em ordem da Inês poder assumir a maternidade.

Identificação com a rapariga e ao materno: Nesta resposta temos duas gerações presentes, todavia ao contrário do habitual é a menina e o bebé que são vistos. Há portanto uma identificação ao materno e à função materna, porém temos de dizer que se trata de uma fraca identificação no sentido em que a mãe não nos aparece na história.

Podemos acrescentar a possibilidade da filha aparecer como uma dupla dela própria, havendo portanto uma indiferenciação narcísica.

Bebé: O bebé é de facto evocado e percebido como filho, dando assim conta da tal identificação ao materno. No entanto, parece que em ordem deste filho ser visto, a mãe tem de ser escotomizada – uma vez que seria demasiado difícil entrar em ambos os conflitos. Ou seja, a Inês aflora a sexualidade na medida em que a rapariga ficou grávida, sendo que assim também podemos aferir que ela escotomiza a figura materna para se permitir ter um bebé fruto duma relação sexual.

C10

A mãe encontrou um homem, e ele perguntou porque é que ela andava por ai sozinha à noite+++ não sei mais.

Procedimentos: A2 15; B2 3; B2 9; B2 13; CFo1; CFo5.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Diferença de sexos: A diferença de sexos é claramente percebida.

Diferença geracional: Apesar de não haver qualquer referência à geração, podemos dizer que esta é percebida uma vez que se trata da “mãe”.

Relação libidinal: Há uma clara defesa contra o conteúdo latente desta prova no sentido em que a Inês foge ao tema banal do cartão e apresenta grandes dificuldades em contar aqui uma história, no entanto podemos dizer que estamos presente a cena primitiva (uma vez que temos representada a mãe, o homem na noite).

C16

Sou eu a estudar ‘pa fora e encontrar um rapaz, e depois a gente conhece-se melhor e ficamos amigos, depois ao fim de meses a gente namoramos.

Procedimentos: A1 1; A2 4; B1 1; B2 9; CFo4.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Fantasia Pessoal e Projecção no Futuro: Tornamos a ter presente no cartão 16 o projecto futuro, a permissão de libertar o desejo de ter uma relação libidinal e o sonho amoroso.

Anexo C

Interpretação dos resultados das pré-adolescentes de 12 anos

I. Manuela

C2

É num campo, há muito tempo, ele ‘tá a semear batatas. Esta é professora, ele vai andar de cavalo. Esta ‘tá a descansar. Mas eles não se conhecem que estão de costas viradas.

Procedimentos: A2 4; A2 11; A2 15; CFo3; CFo4; CFa1; CFa2.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Triângulo Edipiano: A partir desta resposta podemos concluir que existe uma defesa contra o conflito edipiano, uma vez que a Manuela acaba por fugir ao conteúdo latente do cartão. Primeiro pelo imediato afastamento espaço-temporal, e depois pelo atribuir de funções meramente sociais a cada uma das personagens, denegando a sua relação - “não se conhecem que estão de costas viradas”. Além disso põe todas as personagens no mesmo plano geracional tentando evitar assim o conflito edipiano, no entanto a pulsão libidinal está presente no “cavalo”.

Podemos ainda acrescentar que a entrada no cartão com o “é um campo” nos remete para um continente.

Identificação: Através da resposta da Manuela não podemos dizer que haja uma identificação a qualquer uma das personagens, uma vez que são desprovidas de qualquer investimento. No entanto, podemos referir que a imagem do homem, ao longo da história, vai assumindo um papel cada vez mais poderoso e imponente já que começa por “semear batatas” mas acaba a “andar de cavalo”. Podemos ainda acrescentar que em termos dos procedimentos mentais parece haver um retorno ao “homem que está a semear batatas” que aparentemente está desprovido da pulsão libidinal, para depois o reconhecer como detentor dessa pulsão. O que corresponde ao retorno do recalcado sendo que a relação libidinal é denegada.

C4

Eles conhecem-se, ela 'tá interessada nele mas ele 'tá a fugir com olhos de desprezo, ela se 'tá agarrada a ele é porque quer qualquer coisa+++ (olha para mim e ri-se envergonhada) oh Sr.^a eu tenho vergonha de dizer (int.) ok, vai acabar na cama, e não é para dormir!

Procedimentos: B2 3; B2 8; B2 9; CFo3; CFo5; CN4; CC1/2; E8.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Ambivalência na relação libidinal e agressiva: Há uma clara relação libidinal, em que a mulher persistente procura o homem que a despreza, sendo este portanto um homem rejeitante. Há um desejo sexual explícito da figura feminina sobre o homem que acaba por ser resolvido na “cama”, assumindo portanto esta mulher um papel activo. Podemos ainda acrescentar que esta resolução do conflito na “cama” de forma mágica, deixa transparecer alguma agressividade, e uma forma de se defender contra a perda do objecto.

Identificação: A identificação à figura feminina torna-se evidente. Temos então a mulher que perante o conflito da rejeição, acaba por assumir um papel activo e resolver o conflito a favor do seu desejo libidinal.

C6GF

Aqui é ao contrário, ele 'tá interessado mas ela 'tá a evitá-lo, ela até tem medo. Ele tem cara de ser daqueles homens que fazem coisas (int.) tipo seduzir e enganar. E acaba a história no mesmo lugar.

Procedimentos: B2 3; B2 6; B2 9; B2 13; CFo5; E8; E14.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Relação de sedução: Neste cartão temos a história inversa, o homem que tenta seduzir a mulher. O homem é visto como sedutor, traidor e perigoso, porém tal como na história anterior, o desejo libidinal acaba por triunfar e ser resolvido na cama, mais uma vez aparecemos a sexualidade de uma forma crua, sem barreiras e sem superego, porém a imagem

masculina não nos aparece definida. A solução do conflito continua a remeter para uma “fuga para a frente”.

Identificação: Temos aqui a identificação à mulher que evita e receio o homem, no entanto, apesar deste conflito evidente, o desejo libidinal do homem acaba por prevalecer, transparecendo assim também uma imagem feminina passiva e masoquista.

C7GF

É uma pequena novinha com a avó ou a mãe, ela não ‘tá muito bem-disposta, a Sr.^a ‘tá-lhe a ler qualquer coisa e a rapariga tem um boneco na mão, é um boneco não é? Mas ‘tão chateadas as duas.

Procedimentos: A1 1; A2 6; A2 15; B2 11; CFo3; CFo4; CC2.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Conflito e identificação à mãe: Começamos por ter presente um afastamento da relação mãe-filha, no sentido em que nos aparece a dúvida entre mãe/avó, de qualquer modo temos presente as duas gerações. E estamos perante o conflito mãe-filha uma vez que se encontram “chateadas”.

Será também interessante repararmos que nos cartões anteriores, nota-se uma libidinização excessiva com a imago paterna. Neste cartão em que o conteúdo latente remete para a imago materna a resposta à história acaba por ser demasiado restritiva – “tão chateadas”.

Identificação com a rapariga: A identificação é feita a esta “pequena novinha” nos moldes da relação filha-mãe, em que se encontra o conflito entre ambas (apesar dos motivos do mesmo não serem indicados).

Bebé: Temos nesta resposta uma negação do bebé, dizendo que se trata de um boneco. No entanto, reparamos na necessidade de confirmar este “boneco”, o que por si só já nos remete para a possibilidade de o bebé ser visto.

C10

Esta acaba no mesmo sítio, na cama, mas aqui ninguém evita ninguém, ‘tão os dois na boa e felizes, agarrados a curtir.

Procedimentos: A2 15; B2 9; CFo3; CFo4; E8.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Diferença de sexos: A diferença de sexos é percebida, apesar de não ser mencionada, entendemos que se trata dum casal heterossexual pela complementaridade necessária à relação evocada.

Diferença geracional: Não é mencionada a diferença de gerações nesta resposta.

Relação libidinal: Este cartão parece vir equilibrar de algum modo as respostas dadas aos cartões 4 e 6GF, na medida em que ao contrário do que acontecia nos outros cartões, ambas as personagens feminina e masculina estão na relação de mútuo acordo e “felizes”, ninguém evita ninguém, nem nenhuma das personagens tenta fugir à outra. No entanto não é evocado qualquer conflito, continuando a haver uma satisfação indiscriminada da pulsão, sem qualquer interdito superegóico.

C16

Ah, isto é um dia em que eu chego à escola e ‘tava tudo diferente, os professores são os alunos e os alunos são os professores, depois a matéria da vez do Estado Novo é manicure, e são os alunos a ensinar aos professores o que eles nunca aprenderam. E depois eu, professora com certeza, só que sem nada para dizer, cheguei lá e dei as saudações e depois mandei-os embora mais cedo. Mas depois apareceu uma Sr.^a que disse que isto não podia ser assim, que os professores não podiam ser os alunos e então volta tudo ao normal.

Procedimentos: B1 1; B2 3; B2 7; B2 8; CN1; CN2; CN10.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Fantasia Pessoal e Projecção no Futuro: Neste cartão, temos presente o que se pode chamar do sonho ideal de menina. A Manuela subverte os papéis, aparece-nos a ânsia de ser crescida e ensinar aos adultos aquilo que eles não sabem, ou que lhe interessa, numa tentativa de se identificar a uma personagem adulta por colagem. No entanto, não aguenta a pressão, o caos e sentindo a falta de preparação para isso tem de ir buscar alguém que a socorre, aparecendo este alguém no feminino – tem de evocar uma instância superegóica que não é interna.

Será também curioso repararmos que na resposta dada ao C2 ela identifica a rapariga do 1º plano como professora, confirmando assim a sua identificação a ela.

II. Débora

C2

Uma mulher assustada, a pensar+++ e depois pensa que alguém a vai ameaçar+++ depois vão ameaçar+++ e ela não consegue fugir.

Procedimentos: B2 13; CFo1; CFo6; E1; E7; E8/9; E14.

Legibilidade: Tipo 3 (legibilidade -+).

Triângulo Edipiano: Nesta resposta, temos uma completa fuga ao tema banal do cartão, é negada a triangulação e conflito edipiano uma vez que as personagens que personificam o casal parental são totalmente escotomizadas.

Identificação: Podemos dizer que há uma clara identificação à “mulher assustada”, sendo também esta, a única personagem que figura na história. Torna-se evidente a presença de uma fantasia persecutória, que também pode estar “associado a fantasmas da cena primitiva, destrutivos e mortíferos” (Shentoub, 1999, pp. 67).

C4

Um homem abraçado a uma mulher. São namorados, eles vão-se casar.

Procedimentos: B2 1; B2 9; CFo2; CFo3; CFo4; E7

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Ambivalência na relação libidinal e agressiva: Temos nesta resposta um evitamento do conteúdo latente do cartão, uma vez que apenas o casal libidinal é percebido sem ser contemplada a possibilidade de conflito ou agressividade entre as personagens. Neste sentido, a ambivalência não é tomada em conta.

Identificação: Podemos dizer que o facto de a ambivalência não ter sido contemplada na história, pode sublinhar a identificação à personagem feminina, na medida em que um abandono ou rejeição possa não ser tolerável à Débora, representar o conflito de ambivalência não é possível devido à agressividade

C6GF

Um homem a ameaçar uma mulher, ela 'tá assustada+++ depois tenta fugir e não consegue.

Procedimentos: B2 13; CFo1; CFo6; E9; E14.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Relação de sedução: Mais uma vez temos presente a fantasia persecutória juntamente com as fantasias de violação e o masculino e a própria sexualidade como extremamente agressiva e perigosa. Da mesma maneira havíamos visto no C2 como a evocação da sexualidade, desta vez no contexto edipiano e da cena primitiva causou uma grande angústia persecutória.

Identificação: A identificação é feita a esta figura feminina, vítima deste homem violento e que não teria força suficiente para fugir do agressor.

C7GF

A mãe e uma rapariga a falar com ela sobre quando ela for maior, e a conversa corre bem.

Procedimentos: A1 1; B2 3; CFo4; CFa2; E1.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Conflito e identificação à mãe: A Débora mostra-nos a presença de duas gerações, mãe e filha, estando representada a ideia da mãe como transmissora de conhecimentos e ensinamentos, podendo-se dizer que se integra no imaginário materno. Neste sentido o conflito com a mãe é evitado.

Identificação com a rapariga: Podemos dizer que há uma identificação a esta “rapariga” e aos moldes da relação mãe-filha.

Bebé: Temos nesta reposta a escotomização do bebé/ boneco que é totalmente posto de parte.

C10

Um homem abraçado a uma mulher+++ e estão a pensar no casamento, que vai correr muito bem.

Procedimentos: A1 1; A2 1; CFo1; CFo3; CFo4; CN1; CN4.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Diferença de sexos: A diferença de sexos é imediatamente percebida tratando-se de uma relação entre um casal heterossexual.

Diferença geracional: Como tem vindo a ser habitual neste cartão, não há a percepção da geração das personagens.

Relação libidinal: Podemos dizer que talvez por poder haver uma diferenciação da idade do casal, a Débora os põe em relação, oferecendo assim uma maneira de não estar perante a cena primitiva. No entanto o conflito latente do cartão não aparece na resposta dada. Perante um cartão que reenvia para a cena primitiva/sexualidade, vimos como a Débora substitui algo que estaria ao nível do manifesto e conflitual, isto é, a aproximação libidinal entre as duas personagens, por algo simbólico, ao nível do pensamento – “pensar no casamento”. Ainda que se defenda da representação libidinal, forma um símbolo que a contém mas que, obedece ao superego.

C16

(fecha os olhos) não sei+++ (muito angustiada, com a respiração muito ofegante, e a estalar todos os dedos da mão) não consigo+++

Procedimentos: CFo1; CFo5; CC1.

Legibilidade: Tipo 3 (legibilidade -+).

Fantasia Pessoal e Projecção no Futuro: Perante o vazio a Débora não consegue de todo organizar-se, tornando-se esta situação visivelmente difícil há uma rejeição ao cartão.

III. Carlota

C2

Era uma vez uma menina que estava a olhar para um cerrado e dentro do cerrado tinha um homem e um cavalo, e tinha também uma Sr.^a a ver o homem. E estes dois vão-se apaixonar.

Procedimentos: A1 1; A2 4; A2 15; B2 9; CFo3; CFo4; CFa1.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Triângulo Edipiano: Estamos visivelmente perante a triangulação, conflito edipiano e cena primitiva, uma vez que temos a “menina” de fora que observa o casal “dentro do cerrado”, e que se vai apaixonar pelo homem. Podemos também dizer que a rivalidade feminina se torna clara uma vez que a menina e a Sr.^a olham para o mesmo objecto – homem. A Carlota joga aqui com o isolamento das personagens, no sentido de não se tornar clara a relação entre elas, tal como a indiferenciação entre as duas rivais, o que permite a realização do projecto amoroso entre o homem e a menina.

Identificação: Há uma clara identificação da Carlota à “menina”, que se vê fora da relação parental, transparecendo também o desejo de “entrar” nessa relação. Podemos também fazer um paralelismo entre o “cerrado”/campo, que simbolicamente representa o feminino, e neste sentido é como se o homem tivesse contido na mulher.

C4

No dia seguinte eles tiveram a falar e começaram a namorar. Marcaram o seu casamento para o Domingo dia+++ dia 14 de Setembro.

Procedimentos: A2 5; A2 13; B2 3; CFo3; CFo4; E7.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Ambivalência na relação libidinal e agressiva: Em primeiro lugar podemos aferir que há um evitamento da descontinuidade dos cartões, continuando a história cartão a cartão, vendo-se a realização da história de acordo com o desejo. Há um evitamento ao conteúdo latente do cartão, na medida em que só é vista a relação libidinal do casal sem qualquer entrave, esta fuga pode também ser vista na medida em que há um afastamento da história do cartão para a marcação da data do casamento das personagens.

Identificação: Tal como na pré-adolescente anterior (II – Débora), podemos dizer que há uma identificação à personagem feminina na medida em que o conflito é negado, sendo portanto a ambivalência da relação insuportável, tornando-se aceite apenas a relação libidinal entre o casal.

C6GF

A Sr.^a estava sentada num banco e por trás dela um Sr. com um charuto e ele olha para ela. Ela ficou um pouco assustada mas ele só está a pensar em namorá-la.

Procedimentos: A1 1; A2 1; A2 15; B2 6; B2 9; B2 13; CFo3; CN4.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Relação de sedução: A partir desta história podemos perceber uma certa ambivalência em relação ao masculino que primeiro é percebido como assustador. Este homem que aparece por trás sugere um certo sentido de perseguição, mas depois, afinal é um homem que apenas tem o desejo libidinal de a namorar. Em todo o caso estamos perante a relação libidinal e de

sedução. Parece também então que a realidade acaba por não ser tão assustadora como aparenta, ganhando então a libido.

Identificação: A figura feminina é representada como objecto de desejo, acabando por haver então uma identificação a esta personagem.

C7GF

A Sr.^a ficou sentada ao pé da menina e a ver ela com o bebé. A Sr.^a estava a ver o bebé a sorrir.

Procedimentos: A2 15; A2 17; CFo3; CFo4; CN1; CN4; CFa1.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Conflito e identificação à mãe: Apesar de termos presente as três gerações nesta história, há um enorme isolamento entre as personagens não se percebendo que tipo de relação as une.

Identificação com a rapariga e ao materno: A Carlota não assume nem a maternidade nem o conflito com a mãe.

Bebé: Este isolamento entre as personagens parece surgir de modo a que a Carlota possa incluir o bebé na sua história.

C10

No dia seguinte foram o Sr. e a Sr.^a a um baile e estiveram a dançar muito contentes.

Procedimentos: A2 15; B2 9; CFo3; CFo4; CN4.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Diferença de sexos: A diferença dos sexos é percebida, tendo-se presente a relação libidinal entre o casal heterossexual.

Diferença geracional: A idade/geração das personagens, como tem vindo a ser habitual neste cartão não é percebida.

Relação libidinal: Temos então o casal amoroso, uma história fantasiada em que não se percebe nem a identificação às personagens, nem a fantasia da Carlota da relação. Podemos também acrescentar que o baile ao nível simbólico é algo bastante erotizado, e neste sentido podemos dizer que ela consegue ver a relação libidinal recorrendo ao anonimato entre as personagens.

C16

Eles ao fim de uns dias casaram-se e foram passar a lua-de-mel ao Brasil, tiveram um filho que se chamava Tomás e ficaram lá para sempre.

Procedimentos: B1 1; B2 9; CN1; CN10.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Fantasia Pessoal e Projecção no Futuro: Temos então o sonho romanceado, típico dos contos de fadas sem qualquer conflito. Esta história parece aparecer como factor que restabelece todos os conflitos anteriores dando a ideia de “final feliz”. Ela admite a vida amorosa como uma história e fantasia. Trespessando também o desejo pela autonomia.

A única descontinuidade é a do cartão 7GF no que respeita à mãe. Aproveitando todos os cartões para projectar o seu desejo heterossexual e fugindo assim aos conflitos. Ao nível dos processos mentais podemos ainda dizer que a Carlota atesta uma capacidade de se deixar invadir pela fantasia sem se desorganizar.

IV. Raquel

C2

Era uma vez duas mulheres que ‘tavam apaixonadas pelo homem que ‘tava a cavar as suas terras. Esta menina ‘tava a pensar que a outra podia estar grávida dele por isso não quis dizer-lhe que gostava dele. Mas ele depois apaixonou-se por a rapariga dos livros e acaba por namorar com ela.

Procedimentos: A1 1; A2 2; A2 4; B1 4; B2 1; B2 3; B2 7; B2 9; B2 11; CFo3.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Triângulo Edipiano: A Raquel entra nesta resposta directamente no conflito edipiano e na triangulação. Mostra claramente a rivalidade feminina por um homem, em que ela própria ganha na rivalidade com a figura materna. Podemos também acrescentar que se trata de uma realização do Édipo como fantasia.

Identificação: Nesta resposta temos a óbvia identificação à personagem feminina do primeiro plano, surgindo a hesitação em relação à sua idade (“mulher”/“menina”/“rapariga”) devido às questões da maturidade sexual, que interferem ao nível da culpabilidade e do conflito edipiano. Podemos ainda dizer que a “mulher” aparece como forma de se distanciar do material latente do cartão, porém a “menina” demonstra uma nítida identificação à personagem do primeiro plano, enquanto a “rapariga” vem novamente demonstrar reforçar a tentativa de distanciamento prévia.

C4

Aqui está um casal+++ que está a conversar sobre a sua vida, e depois a mulher diz que está grávida dele e ele fica contente com a notícia.

Procedimentos: B2 2; B2 9; CFo1; CFo4;CN1; E7.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Ambivalência na relação libidinal e agressiva: Temos a relação de casal libidinal positiva, e uma negação do conflito do cartão, o que de certo modo reflecte uma certa recusa à realidade.

Identificação: Temos a identificação à personagem feminina na medida em que mais uma vez a ambivalência da relação não é tida em conta, sendo apenas contemplada a relação na sua vertente libidinal, como se não fosse suportável este modelo de relação.

C6GF

Aqui tem uma menina com 14 anos e que está a conversar com o Sr. atrás dela, e ele começou-lhe a perguntar se quer que ela vá para casa dele, e ela diz que não! E o Sr. começou a bater-lhe, e depois ela pegou no telemóvel e ligou para a polícia.

Procedimentos: A1 1; A2 13, B2 6; B2 7; B2 9; B2 13; CFo3; E8; E14.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Relação de sedução: Neste cartão podemos observar a relação libidinal de sedução e de agressividade. Há uma notável diferença de gerações, em que o “Sr.” se tenta aproveitar da menina, estando aqui retratada sexualidade como perigosa e violenta o que acaba por ser representado na imagem masculina.

Identificação: Estamos perante a identificação a esta menina que é objecto de desejo e perseguição, o que pode ser explicado por uma fantasia de violação ou trauma e algum masoquismo, e também por um desejo libidinal que se transforma em receio e medo. Em todo o caso a menina activa consegue resolver o conflito evocando um superego externo – “polícia”.

C7GF

A mãe com a sua filha, e a filha está a pegar na sua irmã que tem 4 meses. Ela pensa que às vezes não podia ser mãe naquela idade, por isso tinha de ser mais velha.

Procedimentos: A1 1; B1 4; B2 1; CN1.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Conflito e identificação à mãe: Temos a relação mãe-filha apesar do conflito entre ambas não ser evocado.

Identificação com a rapariga e com o materno: Apesar de o bebé ser inscrito na história como “irmã”, podemos perceber uma certa identificação ao materno na medida em que a Raquel termina a sua história sublinhando o facto de não poder ser mãe tão nova.

Bebé: Temos a presença do bebé, que apesar de ser visto como irmã pode-se subentender a hipótese do bebé poder ser seu filho, uma vez que a Raquel termina a história dizendo que “não podia ser mãe naquela idade” revelando assim a sua imaturidade.

C10

‘Tá um casal a namorar às escuras, depois começam a gozar sexualmente um do outro, e ela depois disso começa a pensar nas consequências e que pode ficar grávida.

Procedimentos: A1 1; A2 7; B1 4; B2 1; B2 6; B2 9; CFo3; E8.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Diferença de sexos: A diferença de sexos é percebida de imediato pelo “casal” – em que se subentende a complementaridade que o mesmo exige.

Diferença geracional: A diferença de gerações não é mencionada, no entanto, o conteúdo da resposta dada leva a crer que essa diferença não é tida em conta, uma vez que temos o “namorar às escuras”, e o “pensar nas consequências”.

Relação libidinal: Temos nesta reposta presente um grande erotismo na relação entre o casal, em que a própria sexualidade aparece de um modo extremamente explícito e cru. Porém aparece-nos um grande medo e sentimento de culpabilidade em relação a esta sexualidade com o “pensar nas consequências”, e no “namorar às escuras” que permite o surgir da sexualidade.

C16

Aqui estou eu a olhar para um rapaz que eu gosto muito, não sei se ele gosta de mim mas eu gosto dele, as minhas amigas dizem pa eu falar com ele mas eu não quero, tenho vergonha. E eu fui-me embora com tanta vergonha que ele até ficou pasmado para mim. E ele depois foi

atrás de mim e perguntou se eu queria namorar com ele, eu disse logo que sim com certeza! E acabou tudo bem (com um grande sorriso).

Procedimentos: A1 1; A2 7; B1 1; B2 3; B2 8; B2 9; CN2; CN3; CN10; CC1.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Fantasia Pessoal e Projecção no Futuro: Encontramos uma vez mais neste cartão o sonho amoroso, onde se realizam todos os desejos romanceados. É também visível nesta história uma atitude feminina passiva. A “vergonha” pela sexualidade representa também a imaturidade em se tornar mulher como objecto sexual.

V. Júlia

C2

‘Tão a trabalhar, esta veio da escola e vai ajudar, e esta ‘tá a ajudar. Esta ‘tá preocupada, ele ‘tá cansado, e esta ‘tá só a olhar.

Procedimentos: A2 1; A2 13; A2 15; A2 17; CFo3; CFo4; CN1; CN4; CFa2; E11.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Triângulo Edipiano: Temos na resposta presente uma evidente fuga ao conflito edipiano, uma vez que, em ordem de não haver relação entre as personagens, encontramos apenas as personagens confinadas às suas funções sociais e mundo factual, sem haver sequer uma clara distinção entre as personagens, nem qualquer tipo de estatuto que as diferencie, podendo-se pôr em causa a sua estabilidade identitária.

Identificação: Podemos dizer que há uma identificação à personagem que figura o cartão em primeiro plano, apesar do discurso vago, parece que esta personagem acaba por ser também desprovida de qualquer desejo ou intenção, o que pode também ser entendido como parte da sua fuga à triangulação edipiana.

C4

Ele traiu ela, não, ela traiu ele, e ele quer ir embora mas ela não deixa e pede pa ele a perdoar, mas ele não quer e vai embora porque se ela o amasse não fazia isso, mas ela também o ama, e não ia voltar a fazer.

Procedimentos: A1 1; A2 11; B2 1; B2 4; B2 8; CFo3; CN3.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Ambivalência na relação libidinal e agressiva: Há uma certa indiferenciação entre o objecto de amor e sexual, na medida em que a busca do objecto sexual significa a perda do objecto de amor, o que do ponto de vista inconsciente pode remeter para a perda dos objectos de amor primários em detrimento da busca pelos objectos libidinais extra-familiares. Podemos ainda constatar também uma certa imaturidade no sentido em que ela deseja a traição mas não quer a perda.

Identificação: Estamos perante a imagem feminina activa mas culpabilizante, que leva ao corte relacional, o homem é visto como castigador na medida em que a abandona.

C6GF

Este Sr. 'tá a fazer mal a ela, e ela 'tá com medo e muito, muito preocupada. Ele parece furioso e ela deve 'tar a pensar que ele lhe quer fazer-lhe mal+++ (int.) maldades, e ela não quer saber dele.

Procedimentos: A2 3; A2 15; B2 1; B2 9; B2 13; CFo1; CFo3; CFo6; E14/9.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Relação de sedução: Estamos então perante a relação de sedução agressiva, temos o masculino agressivo e temido.

Identificação: Mais uma vez neste cartão estamos perante uma identificação a uma figura feminina desejada, vulnerável ao poder do homem. Podemos também relacionar esta história com o desejo e fantasia do masculino violento que acaba por ser projectado e transformado.

C7GF

Ela 'tá a ler uma história à rapariga, mas ela não gostou da história e está furiosa e parece 'tar a segurar um boneco ou um bebé, e ela prefere brincar com o bebé do que ouvir a história.

Procedimentos: A1 1; A2 3; A2 6; A2 15; B2 1; B2 4; CFo3; CN4.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Conflito e identificação à mãe: Temos claramente o conflito entre mãe e filha, uma vez que esta mãe é rejeitada, rejeitando assim a relação infantil, que a deixa “furiosa”.

Identificação com a rapariga e ao materno: Temos então a identificação a esta “rapariga” que apesar de entrar em conflito com a mãe, denota também uma certa imaturidade no sentido em que foge ao domínio e controlo da mãe para “brincar”.

Bebé: O bebé por outro lado aparece-nos na história mas como objecto de brinquedo e não com a função maternal, não sendo também explícita a relação que nutre com este bebé.

C10

Ele sofreu uma desilusão amorosa e este 'tá a tentar ajudar e dar apoio, este 'tá triste, e este apoia, e ele não quer lembrar mais o que aconteceu, e o outro consola-o e diz-lhe que ele vai encontrar outro amor.

Procedimentos: A2 15; B2 1; B2 3; CFo3; CN4; CM1.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Diferença de sexos: Ao contrário do que tem vindo a ser habitual nesta resposta a diferença de género é negada, tratando-se de uma relação homossexual.

Diferença geracional: A diferença de gerações também não é mencionada, no entanto essa diferença parece não existir.

Relação libidinal: Nesta resposta evidencia-se uma fuga ao tema banal, na medida em que é negada a diferença de género e de geração, e sendo que a relação de casal é defendida por uma relação homossexual de suporte e apoio.

C16

É uma rapariga e um rapaz que gostam muito um do outro, mas ele encontrou outra rapariga que também queria algo com ele, e eles foram os dois para casa dela e faziam amor. Então a amiga da namorada avisou a namorada e ela foi atrás dele e vi-os juntos e foi embora. E ele foi atrás dela pedir perdão porque percebeu que gostava muito dela, mas a namorada já não conseguia esquecer o que ele fez e não quis mais. E os pais dela também não deixaram mais. Então ela resolveu que nunca mais se envolver com nenhum rapaz++ até esquecer o outro. E aí ela esqueceu e conseguiu encontrar um novo amor, e passado muito tempo casaram-se, tiveram filhos e viveram felizes para sempre.

Procedimentos: B2 1; B2 3; B2 4; B2 5; B2 9; CFo3; CN3; CM1/2.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Fantasia Pessoal e Projecção no Futuro: Nesta história podemos observar que no cerne do conflito reside uma traição e rivalidade, que se relacionam ainda a alusões à cena primitiva. Nisto sentimos uma certa culpabilidade que se socorre na protecção dos pais (que nos aparecem como figuras superegóicas culpabilizantes). Apesar de todo este enredo, voltamos a encontrar o típico sonho amoroso à moda dos contos de fadas com o aparecimento do “príncipe encantado” que vem trazer a felicidade eterna.

VI. Andreia

C2

Não sei+++ ela veio falar com este homem, mas esta Sr.^a não deixa porque quer que ele esteja a trabalhar.

Procedimentos: A1 1; A2 15; A2 17; B2 3; CFo1; CFo2; CFo5; CN1.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Triângulo Edipiano: Apesar de uma certa indiferenciação das personagens e da própria relação que os une, podemos constatar que estamos perante o conflito edipiano e triangulação. Aliás temos mesmo a presença desta “Sr.ª” rival, que castra e impede o acesso à figura masculina e à relação amorosa.

Identificação: É notória a identificação da Andreia à personagem cujo acesso à figura masculina é travado pela mãe edipiana.

C4

Parece que ele quer bater em alguém e ela ‘tá a segurá-lo++ mas não aguenta muito tempo.

Procedimentos: A2 3; A2 15; B2 1; B2 13; CFo1; CFo3; CN1.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Ambivalência na relação libidinal e agressiva: Temos presente a relação libidinal e agressiva. Não se percebe nitidamente nem a relação que os une nem o conflito, apenas que ele é impulsivo e que ela tenta conter.

Identificação: Temos aqui uma identificação à mulher que tenta conter sobretudo a agressividade representada neste homem violento, porém sem sucesso.

C6GF

Ela+++ ela ‘tá assustada com o pai+++ É só.

Procedimentos: B2 13; CFo1; CFo2; CFo5; E8/14.

Legibilidade: Tipo 3 (legibilidade +-).

Relação de sedução: A relação percebida neste cartão ao contrário do que tem vindo a ser habitual trata-se de uma relação de pai e filha, em que este é sentido como violento e agressivo, surgindo de um modo cru sem qualquer defesa. A relação de sedução é assustadora sendo esta representada na relação pai-filha, no contexto incestuoso. Esta questão edipiana acaba por ser também visível no C2, no qual é travada a relação pai-filha por intermédio da evocação de um superego externo – mãe.

Identificação: Podemos ver através desta resposta, apesar de restrita a identificação à filha, e a representação do modelo relacional com o pai por ela sentido.

C7GF

Parece que a mãe ‘tá a ler para a filha que está a brincar com a boneca.

Procedimentos: A1 1; A2 3; CFo2; CFo4; CN1; CFa1; CFa2.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Conflito e identificação à mãe: Temos presente a relação mãe-filha (duas gerações). No que respeita à relação mãe-filha podemos constatar não haver nenhum conflito na medida em que a Andreia permanece numa relação infantil e no conteúdo manifesto do cartão.

Identificação com a rapariga: podemos dizer que há uma identificação a esta “filha” no entanto, as personagens não são muito investidas, mantendo-se num plano mais factual.

Bebé: O bebé é substituído por um boneco-brinquedo o que vem de algum modo reflectir alguma imaturidade, negando assim a identificação à função materna.

C10

Ele ‘tá-lhe a dizer um segredo+++ é uma coisa boa.

Procedimentos: A2 15; CFo1; CFo2; CFo3; CFo4; CN1; CN4.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Diferença de sexos: A diferença de sexos não é clara, sabemos que uma das personagens é masculina, no entanto o género da segunda personagem fica dúbio.

Diferença geracional: Também a diferença de gerações não é mencionada.

Relação libidinal: Nesta resposta encontramos uma indiferenciação e falta de identidade das personagens, na medida em que não é percebida nem a geração nem o género de uma das personagens. No entanto, podemos dizer que “segredo” subentende uma relação libidinal/erótica não sendo no estado no plano sexual.

C16

+++ É um rapaz e uma rapariga que se apaixonaram e tiveram uma filha, mas acho que não são muito felizes.

Procedimentos: A2 3; B1 1; B2 8; CFo1; CFo2; CFo3; CFo4; CN1.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Fantasia Pessoal e Projecção no Futuro: Ela projecta-se aqui no futuro, estando a relação amorosa presente e concebendo uma filha desta relação, porém, e apesar de não mostrar o motivo do conflito, “acha que não muito felizes”. Tendo em conta que este cartão remete para a representação das relações privilegiadas podemos constatar um certo pessimismo.

VII. Lisandra

C2

Uma Sr.^a com os livros na mão e uma Sr.^a grávida. E estes dois são namorados (o homem e a rapariga dos livros).

Procedimentos: A1 1; A2 15; B2 9; CFo3; CFo4; CC1, CN1.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Triângulo Edipiano: A Lisandra apresenta-nos as personagens de um modo indiferenciado, uma vez que não é especificada a relação das personagens com a “Sr.^a grávida”. No entanto, esta indiferenciação parece surgir de modo a que a relação amorosa entre o homem e a rapariga dos livros seja possível. Esta indiferenciação também pode ser entendida como uma defesa contra a abordagem do conflito edipiano e rivalidade feminina, apesar da triangulação ser evidente.

Identificação: A identificação à rapariga dos livros é clara que triunfa na relação amorosa com a figura masculina.

C4

Um homem e uma mulher. São casados, mas ele não deve gostar muito dela, e ela ‘tá a fazer os possíveis para se reconciliarem, mas não vai conseguir.

Procedimentos: A1 1; B2 7; B2 8; CFo3; CN1.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Ambivalência na relação libidinal e agressiva: Podemos ver nesta história a relação libidinal, o conflito está presente, apesar de não se tratar da vertente agressiva da relação temos a figura masculina que acaba por rejeitar a mulher, verificando-se a ausência de mecanismos de reparação na sua solução.

Identificação: Temos a identificação à personagem feminina que se esforça para que a relação resulte, e o homem que por não “gostar muito dela” impede que isso aconteça.

C6GF

Este Sr. ‘tá a ameaça-la, ela fica assustada, disse que a matava ou assim, mas ela escapa-se.

Procedimentos: A2 4; B2 13; CFo3; CN1; E8; E14.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Relação de sedução: Temos aqui representada a relação agressiva sem ser clara a existência de uma relação libidinal entre as personagens. De qualquer modo temos então a imagem masculina como extremamente violenta e agressiva e a dificuldade em integrar a sedução.

Identificação: A identificação é feita em relação a esta mulher que o teme “Sr.”, mas que activamente se consegue livrar dele.

C7GF

Mãe e filha, a mãe teve uma bebé e a filha mais velha pegou nele, ela não está nada contente porque a mãe não lhe dá tanta atenção, a mãe ‘tá a ler um livro.

Procedimentos: A1 1; B2 1; CN4.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Conflito e identificação à mãe: Podemos observar aqui a presença de duas gerações, mãe – filhos, o conflito entre mãe e filha aparece na medida em que esta mãe não lhe dá a atenção que ela quer, remetendo deste modo para a perda de amor do objecto, que também poderá ser entendida como a repercussão da necessidade de abandonar a relação infantil com a mãe, uma vez que este cartão, pela presença do bebé, pode de certo modo representar a entrada no mundo adulto.

Identificação com a rapariga: No que respeita à identificação podemos dizer que temos aqui a filha que sente que a atenção que a mãe lhe dá não é suficiente, representando assim a sua relação com a mãe.

Bebé: O bebé é aqui percepcionado, mas como irmão, surgindo também aqui um pouco a questão da rivalidade pela atenção da mãe.

C10

+++ Não sei, é um Sr. e uma Sr.^a. É um Sr. e uma Sr.^a e são namorados, e estão a planear o casamento, e vai correr bem (sorri).

Procedimentos: A2 3; B2 3; CFo1; CFo3; CFo4; CFo5; CN1; CC1.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Diferença de sexos: A diferença de sexos é percebida de imediato, tratando-se de um casal de namorados.

Diferença geracional: A diferença geracional não é percebida na medida em que o que nos aparece é um casal a “planear o casamento”.

Relação libidinal: Temos neste cartão o casal com o seu projecto amoroso. Podemos ainda dizer que a sexualidade é integrada de um modo contentor, no casamento. O conflito surge na medida em que há uma relutância em representar a sexualidade no seio do casal.

C16

Sou eu a passear na praia, vejo um rapaz e fico apaixonada por ele, chamo por ele e digo que o quero conhecer melhor, e ficamos amigos, começamos a sair e passamos a namorados. E depois passados dois anos casamos, fizemos uma casa no Algarve e tivemos uma filha. Dez anos depois o casamento não estava a correr bem. Divórcio. Fiquei com a custódia e arranjei outro.

Procedimentos: A1 1; B1 1; B2 10; CN2; CN3; CN10.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Fantasia Pessoal e Projecção no Futuro: Temos como tem vindo a ser costume o sonho amoroso, o lento processo até ao casamento e ao projecto futuro, o conflito representado pelo divórcio e a felicidade representada pela custódia da filha e pela entrada de outro homem na vida dela. Podemos também verificar nesta resposta a instabilidade das relações objectais, que justifica-la pelo facto de que quanto maior a angústia de separação maior a instabilidade nas relações objectais (C7GF).

VIII. Luísa

C2

Elas ‘tão-se a apaixonar, mas vai correr mal porque elas vão começar a brigar e a discutir.

Procedimentos: A1 1; A2 15; B2 1; B2 3; CFo3; CFo4; E1, E11.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Triângulo Edipiano: Apesar da personagem masculina ser escotomizada, sendo assim negada a triangulação e conflito edipiano, parece que é este movimento que permite a entrada no romance entre as duas personagens, e rivalidade entre as duas personagens femininas. Torna-se claro o conflito da rivalidade em que ambas desejam o mesmo objecto e acabam por discutir.

Identificação: Pela indiferenciação das personagens não podemos dizer que há uma clara identificação a nenhuma das personagens, o que há, é sem dúvida, uma identificação a este modelo de rivalidade edipiana.

C4

Ela aqui deve querer dar-lhe um beijo e ele não quer porque ele ‘tá zangado com ela, e ela ‘tá-lhe a pedir desculpa. Ah! Esta aqui atrás fez alguma coisa a ela, e ele não gostou e ‘tá chateado com ela, mas não foi ela que fez a maldade, e ela lá atrás ‘tasse a rir.

Procedimentos: A2 6; B2 3; B2 5; B2 8; B2 9; CFo3; E2, E11.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Ambivalência na relação libidinal e agressiva: Está presente nesta resposta a ambivalência na relação, em que tanto a vertente libidinal como agressiva e conseqüente conflito são percebidos. No entanto este conflito só parece possível com a introdução de uma terceira personagem que vem possibilitar a triangulação e rivalidade.

Identificação: Temos primeiramente a imagem feminina como sendo culpada pelo conflito entre o casal, no entanto, aparece-nos de seguida uma terceira personagem que afinal seria a culpada. Esta terceira personagem traz-nos a triangulação e a rivalidade feminina, na qual ela acaba por se inferiorizar. No entanto levanta-se também a possibilidade de se identificar com a terceira personagem.

C6GF

Ele 'tá a dizer uma coisa que ela não gostou de ouvir+++ Ele tem uns olhos esquisitos+++ e ela 'tá assim (int.) assim (e encolhe os ombros).

Procedimentos: B2 1; B2 13; CFo1; CFo2; CFo3; CFo5; CFo6; CN4; CC1; E14.

Legibilidade: Tipo 3 (legibilidade -+).

Relação de sedução: Nesta história podemos denotar uma indiferenciação nas personagens no sentido em que a relação entre as mesmas não é clarificada, Há uma certa dificuldade em abordar este cartão no sentido libidinal sexual e agressivo que é esclarecido no cartão seguinte.

Identificação: No que respeita á identificação temos apenas o desagrado da personagem feminina que transparece algum receio sobre o olhar assustador masculino que pode remeter para uma relação de objecto persecutória.

C7GF

Esta (rapariga) é filha desta (da Sr.^a com o livro na mão), esta (rapariga) teve um filho daquele homem mau. Esta 'tá a ler, e a filha com o bebé. E 'tão tristes, pode ter acontecido alguma coisa ao pai dela+++ Podia ser uma empregada esta por causa da roupa, não é.

Procedimentos: A2 2; A2 3; A2 6; B1 1; B2 8; B2 11; CFo1; CC1.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Conflito e identificação à mãe: Temos aqui presentes as três gerações, avó, mãe e filha. Há uma dificuldade em descontinuar a história deste cartão do cartão anterior, já que o filho advém da história anterior. Não há o conflito com a mãe, havendo uma identificação à mãe.

A Luísa sente no entanto, a necessidade de fugir ao conflito com a mãe, pondo em hipótese a figura materna ser a empregada, justificando-se com a descrição da roupa, no entanto volta a negar esta possibilidade.

Identificação com a rapariga e ao materno: Tal como a identificação à rapariga é visível nesta história, também a identificação à função maternal está patente.

Podemos também ver uma tristeza, que parece ser justificada apenas pela ausência duma figura masculina no cartão. Podemos dizer também que a imago paterna é clivada em duas partes, num pai incestuoso (pai do filho da menina), e por outro lado o pai não incestuoso que de certa forma se vem misturar na relação com a menina. A relação edipiana pode ser a razão pela qual mãe e filha discutem no entanto é este pai que se inscreve na relação entre mãe e filha, evitando deste modo o conflito entre elas.

Bebé: O bebé é percebido nesta história e confirmado como filho, confirmando assim também a identificação à função materna.

C10

Eles sentem amor um pelo outro, eles ‘tão bem um com o outro+++ se calhar+++ eu acho+++ que eles a seguir vão fazer sexo+++ ai que vergonha!

Procedimentos: A1 1; A2 3; A2 15; B2 8; B2 9; CFo1; CFo3; CFo4; E8.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Diferença de sexos: A diferença de sexos apesar de não ser evocada, é facilmente percebida no sentido da complementaridade do casal.

Diferença geracional: A diferença geracional não é de todo mencionada, e nada nos leva a crer que seja percebida.

Relação libidinal: Estamos visivelmente perante a relação amorosa entre o casal, não há uma clara definição da geração das personagens – como já foi dito, porém por o conteúdo latente do cartão evocar a parentalidade, pode ser este afastamento que permite à Luísa entrar na sexualidade do casal, porém com culpabilidade e vergonha.

C16

Sou eu, vaidosa, educadora de infância ou cabeleireira, vou-me namorar e casar como as outras pessoas, com filhos como as outras pessoas e acho que vou ser feliz.

Procedimentos: B1 1; B2 8; CFo4; CN1; CN2; CN10; CFa4.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Fantasia pessoal e projecção no futuro: Há uma idealização do futuro, em que ela se vê com a profissão que ambiciona e feliz. No entanto tenta normalizar este “sonho” comparando com o que todas as outras pessoas desejam ou que julga ter.

IX. Tânia

C2

É um cavalo, uma rapariga com livros para ir para escola, e a mulher a ver o marido, e ‘tá grávida, este é lavrador.

Procedimentos: A2 1; B2 9; CFo2; CFo3; CFo4; CFa1.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Triângulo edípiano: Temos claramente a triangulação e relação edípiana, apesar de não ser clara a relação da rapariga com o casal. Não é apresentado qualquer conflito, mantendo-se a resposta no plano factual porque há um isolamento das personagens.

Identificação: As personagens nesta resposta não são investidas e mantêm-se no plano do factual, podendo-se no entanto dizer que há uma identificação à “rapariga com livros”.

Podemos também acrescentar que a Tânia começa a sua resposta ao cartão abordando o cavalo, o que pode também representar o seu desejo libidinal.

C4

A mulher brigou com o marido, ou ele com ela, ele andou a beber, e brigaram por causa desta outra mulher.

Procedimentos: A1 1; A2 6; A2 15; B1 4; B2 1; CFo2; E2.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Ambivalência na relação libidinal e agressiva: Temos a relação do casal libidinal, surgindo-nos o conflito entre o casal. Temos a aparição de um terceiro elemento feminino que vem também justificar este conflito, acabando por entrar assim na rivalidade feminina edipiana.

Identificação: Temos uma identificação à figura feminina que no entanto se inferioriza na questão da rivalidade feminina.

C6GF

É um homem com, com, como é que se chama isto? Charuto! E ela ‘tá de boca aberta. Se calhar ele é o ex dela e ela ‘tá admirada de o ver, e vão acabar por brigar os dois.

Procedimentos: A2 1; A2 15; CFo3; CFo4; CN1; CN4; CC2.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Relação de sedução: Estamos perante a relação libidinal, o homem sedutor e a mulher surpreendida, que em última instância conduz à briga do casal.

Identificação: No que respeita à identificação podemos referir a admiração da personagem feminina perante o “ex” sedutor, podendo este representar a imago paterna.

C7GF

A irmã está ciumenta da mais pequena. A mãe 'tá a ler uma história para a mais pequena. A maior não 'tá lá muito contente e deixa cair a bebé no chão.

Procedimentos: B2 1; B2 5; B2 13; E9.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Conflito e identificação à mãe: Temos presentes as duas gerações, mãe e filhas, o conflito é evidente na medida em que a irmã aparece como um entrave à relação com a mãe. O conflito é resolvido deixando a irmã/bebé cair ao chão, o que também vem reflectir uma falta capacidade de *holding* e contenção da imago materna.

Identificação com a rapariga e ao materno: Há uma identificação a esta rapariga que entra em conflito com a mãe e que demonstra a rivalidade com a irmã pelo amor da mãe. A identificação à função materna não aparece nesta resposta.

Bebé: O bebé é percebido, em todo o caso é visto como uma irmã. Tornando-se também o objecto culpado pelo conflito entre mãe e filha.

C10

A mulher e o homem vão-se beijar. Só.

Procedimentos: A2 15; B2 1; B2 9; CFo2; CFo3; CFo4.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Diferença de sexos: A diferença de sexos é prontamente percebida.

Diferença geracional: A diferença geracional não é percebida, como tem vindo a ser costume neste cartão.

Relação libidinal: Podemos observar a relação de casal libidinal neste cartão, porém sem qualquer conflito.

C16

Um cruzeiro, eu. Gostava de ‘tar com mais uma amiga, e vai acontecer uma aventura, tipo o barco avaria-se a meio e têm de chamar reforços e depois as pessoas têm de ir para os botes, o barco afunda-se, e alguns botes também se afundam e depois os reforços chegaram e salvaram a maioria das pessoas.

Procedimentos: A1 2; B1 1; B2 1; B2 8; B2 13; CN1; CN2.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Fantasia Pessoal e Projecção no Futuro: Temos então nesta história a própria como personagem principal, com uma amiga a viver uma aventura muito ao jeito do “Titanic”, temos o conflito em que o barco se avaria e as pessoas têm de ir para os botes (salvas mesmo a tempo), e a solução do problema quando chegam os reforços e salvam a “maioria das pessoas”. É uma história em torno do desejo de autonomia em relação às figuras parentais, entre o desejo de viver aventuras e os perigos do mundo adulto, no final os mecanismos de reparação permitem que esta aventura não seja catastrófica. Há no entanto a dependência de um objecto externo que tem de vir resolver o conflito (à imagem dos pais).

X. Cláudia (12 anos)

C2

Era uma vez uma menina que ‘tava a fazer uma pesquisa sobre agricultura e então foi a uma quinta e falou com vários trabalhadores. Acabou o trabalho e teve uma nota belíssima.

Procedimentos: A2 4; A2 13; A2 15; CFo3; CFo4; CN10.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Triângulo Edipiano: A Cláudia começa na sua resposta por recorrer a um afastamento temporo-espacial e à intelectualização como forma de se defender contra a curiosidade pela cena primitiva, sexualidade e triangulação.

Identificação: Podemos dizer que toda a história gira à volta desta menina sem entrar no conflito edipiano, sem entrar na relação com os pais.

C4

Uma Sr.^a queria ir ver um filme com as suas amigas só que o seu marido era antiquado, então disse-lhe que ia a casa da mãe, só que ele perdeu as chaves e ligou para a sogra e ela disse que ela não estava lá. Então quando a mulher chegou a casa ele chateou-se com ela.

Procedimentos: B1 1; B1 2; B2 3; CFo3.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Ambivalência na relação libidinal e agressiva: Podemos começar por dizer que o “marido” aparece nesta resposta como um equivalente paterno. E que a “mãe” (personagem que ela introduz na sua resposta) nos aparece como um álibi regressivo para que se possa libertar do pai, no entanto acaba por ser pouco activa. Temos o conflito com a relação heterossexual com a presença do modelo de um pai controlador e possessivo.

Identificação: Temos então uma identificação a esta “Sr.^a”, sendo no entanto representado o modelo de relação com os pais. Por outro lado, podemos também acrescentar que a fuga do desejo sexual para as amigas, vem também permitir uma identificação ao seu próprio sexo feminino.

C6GF

Era uma vez uma menina que tinha um pai que a maltratava, ela apaixonou-se por um rapaz, só que o pai não queria que eles namorassem, e eles iam fugir, mas nesse dia o pai apareceu e matou o rapaz.

Procedimentos: A2 4; B1 2; B2 13; CFo3; E8; E10; E14.

Legibilidade: Tipo 3 (legibilidade --).

Relação de sedução: Temos neste cartão a presença de um pai incestuoso e extremamente violento, que estimula o incesto.

Identificação: A identificação é feita a esta “menina” que foge deste pai que rivaliza com o objecto amoroso heterossexual da filha.

C7GF

Uma rapariga que era assim meio arrogante e a mãe queria que ela ficasse boazinha então começou a falar com ela e depois contou-lhe uma história e aí ela percebeu que não podia ser tão arrogante e começou a ser mais boa para os outros.

Procedimentos: A1 1; CFo3; CN1; E1.

Legibilidade: Tipo 2 (legibilidade +-).

Conflito e identificação à mãe: Estamos aqui perante uma formação narcísica – temos uma menina que é arrogante para a mãe mas que acaba por se submeter a ela.

Identificação com a rapariga e ao materno: O conflito presente nesta resposta é o do poder com a mãe, porém, ela regride para fugir à sexualidade e à maternidade, voltando assim à relação mãe-filha da infância.

Bebé: O bebé é nesta história totalmente escotomizado, o que acaba por reforçar a fuga à sexualidade e ao materno.

C10

Um homem que ia para a guerra e no dia que ia a Sr.^a descobriu que estava grávida, então ele foi e teve lá 10 meses+++ no dia em que o bebé nasceu o homem morreu na guerra.

Procedimentos: B2 9; B2 13; CFo1; CFo3; E 13.

Legibilidade: Tipo 3 (legibilidade --).

Diferença de sexos: A diferença de sexos é percebida de imediato, tratando-se de um casal heterossexual.

Diferença geracional: A diferença geracional não é de todo mencionada, no entanto trata-se de um casal jovem.

Relação libidinal: Temos nesta resposta, pela primeira vez um conflito, a gravidez da Sr.^a e a ida para a guerra do marido, fugindo assim aos típicos finais dos contos de fada, dominando a tragédia na história do cartão. Além disto, é de reparar também a confusão entre as datas, já que o marido esteve na guerra 10 meses, e morre no dia em que o seu filho nasce.

C16

São três amigas que estavam no quarto ano, e no quinto queriam ficar todas juntas, só que isso não pode acontecer, ficou uma em cada turma, tentavam-se encontrar nos intervalos, mas nem sempre era possível, só que um dia perceberam que o que interessava era gostarem umas das outras e não ‘tarem sempre perto umas das outras.

Procedimentos: B1 1; B2 3; CN2.

Legibilidade: Tipo 1 (legibilidade +).

Fantasia Pessoal e Projecção no Futuro: Esta história vem reflectir aquilo que parece ser uma história verídica da mesma que ela terá vivido com as suas amigas, da mesma idade, sexo e ao mesmo nível. Foge assim à triangulação e à relação amorosa.

Anexo D

Tabela 1 – Procedimentos utilizados pelas pré-adolescentes de dez anos nos diferentes cartões.

10 Anos	Maria	Dânia	Cátia	Anabela	Lídia	Bia	Fátima	Elsa	Bruna	Inês	Procedimentos comuns
2 C	A2 13 A2 15 CFo1 CFo2 CFo3 CFo4 CFa2 E11	A2 15 B1 2 B2 1 CFo1 CFo4 CFa1 CN10	A2 3 CFo1 CFo3 CFo4 CFo5 CN1 E1	A1 1 A2 3 A2 17 B2 6	A2 2 A2 13 A2 15 CFo3 CFo4 CN1 CN8	A2 15 CFo1 CFo2 CFo4 CN1 CFa1 E1	A1 2 A1 3 A2 4 A2 13 A2 15 B1 2 CFo3 CN1 CN8 CFa4	A2 1 A2 15 A2 17 CFo1 CFo3 CFo4 CN1	A1 1 A2 11 A2 15 CFo1 CFo2 CFo3 CFo4 CN1 CFa2	A1 1 A2 13 CFo4 CN1 CFa1 CFa2	A2 15 A2 13 CFo1 CFo2 CFo3 CFo4 CN1
Leg.	Tipo 2	Tipo 2	Tipo 3	Tipo 1	Tipo 3	Tipo 3	Tipo 2	Tipo 2	Tipo 2	Tipo 2	Tipo 2
4 C	A1 1 B2 3 B2 5 B2 9 CFo1	A1 1 B1 4 B2 1 B2 5 B2 9 CFo3	A2 3 B2 9 CFo1 CFo4 CM2+	A1 1 A2 3 B1 4 B2 6 CFo3 CN4	A1 1 CFo2 CFo3 CFo4	A1 1 B2 8 CFo2 CFo5 CN4 CFa1	A1 2 A2 4 A2 13 A2 15 B1 1 B1 2 B2 5 B2 9 CFo3 CM2- CFa2 E14	A2 15 A2 18 CFo2 CFo3 CFo4 CFo5 CN4	A1 1 A2 1 A2 2 CN4 E2	B2 1 B2 3 B2 9 CFa1	A1 1 B2 9 CFo3 CN4
Leg.	Tipo 1	Tipo 1	Tipo 2	Tipo 1	Tipo 2	Tipo 2	Tipo 3	Tipo 2	Tipo 2	Tipo 1	Tipo 2 e 1
6 C	B2 1 CFo1 CFo2 CFo3 CFo6 E8 E14	A1 1 B1 4 B2 1 B2 9 CFo1 CFo3 CN4 E10	CFo1 CFo3 CFo4 CFo5	A1 1 B2 3 CFo3 CN4	B2 1 B2 4 B2 13 CFo3 E14 E16	A1 1 A2 9 B2 1 CFo1 CFo3 CFo4 CFo5 CN4 E14	A2 3 A2 15 B1 2 B2 12 CFo3 CM2- E8 E14	A2 1 A2 15 CFo1 CFo4 CFo5 CN1 E8 CFa1	A1 1 B1 4 B2 3 B2 7 B2 13	B2 1 B2 3 B2 13	A1 1 B2 1 CFo1 CFo3 E14
Leg.	Tipo 3	Tipo 1	Tipo 3	Tipo 1	Tipo 3	Tipo 2	Tipo 3	Tipo 3	Tipo 1	Tipo 1	Tipo 3 e 1

7 C GF	A1 1 B2 1 B2 3 CFo1 E1	A1 1 A2 15 B1 4 B2 1 CFo3 CFo5 CN4	A1 1 A2 3 B2 1 CFo1 CFo4 CFo5	A2 3 B1 2 B2 1 B2 3 E1	A1 1 B2 3 CFo4 CFa1 E1	A1 1 A2 3 A2 11 CFo1 CFo2 CFo4 CFo5	A1 1 A1 3 A2 13 B2 1 CN8	A2 15 CFo1 CFo2 CFo3 CFo4 CC2 CFa1 E1	A1 1 A2 1 A2 16 CFo1 CC2 CN1 E1	B2 1 B2 9 CFo1 CFo6 CN1 E1 E11	A1 1 B2 1 CFo1 CFo4 E1
	Tipo 1	Tipo 2	Tipo 2	Tipo 1	Tipo 2	Tipo 2	Tipo 2	Tipo 3	Tipo 1	Tipo 2	Tipo 2
10 C	A1 1 A2 3 B2 1 B2 9 CFo1 CFo3 CFo4 CM2+	A1 1 A2 3 B1 4 B2 3 CFo4 CN4 CM1 CM2+	B2 1 B2 3 CFo1 CFo2 CFo3 CFo5	A1 1 A2 3 B2 1 B2 9 CFo4 CM2+	B2 3 CFo3 CFo4 CN4 CFa1	A1 1 B1 4 CFo3 CFo4 CN4 CFa1	A1 2 A1 3 A2 13 B2 8 CFo1 CFo3 CN8 CFa4 E7	CFo1 CFo5 CC1	A1 1 B1 1 B2 3 CFo1 CN3 E13	A2 15 B2 3 B2 9 B2 13 CFo1 CFo5	A1 1 B2 3 B2 9 CFo1 CFo3 CFo4
	Tipo 2	Tipo 1	Tipo 2	Tipo 1	Tipo 2	Tipo 2	Tipo 3	Tipo 3	Tipo 1	Tipo 2	Tipo 2
16 C	B1 1 A2 18 CFo1 CFa3 CN2 CM2+	B1 1 CFo1 CFo4 CN3 CN10 CM2+	B1 1 B2 9 CFo4 CFa4	A1 1 A1 3 B1 1 B2 8 B2 9 CM2+ CN3	CFo1 CN1 CN8	A2 13 B1 1 CFo2 CFo3 CFo4 CFa4 CN1	A1 1 A2 4 B1 1 CFo4 CN1 CFa2 CFa5	A1 1 B1 1 CFo2 CFo4	A1 1 A2 4 A2 7 B1 1 B2 3 B2 9 B2 11 CN3 CM1 CM2+	A1 1 A2 4 B1 1 B2 9 CFo4	A1 1 B1 1 B2 9 CFo4 CM2+
	Tipo 2	Tipo 1	Tipo 1	Tipo 1	Tipo 2	Tipo 2	Tipo 2	Tipo 2	Tipo 1	Tipo 1	Tipo 1 e 2

Tabela 2 – Procedimentos utilizados pelas pré-adolescentes de doze anos nos diferentes cartões.

12 Anos	Manuela	Débora	Carlota	Raquel	Julia	Andreia	Lisandra	Luísa	Tânia	Cláudia	Procedimentos comuns
2 C	A2 4 A2 11 A2 15 CFo3 CFo4 CFa1 CFa2	B2 13 CFo1 CFo6 E1 E7 E8/9 E14	A1 1 A2 4 A2 15 B2 9 CFo3 CFo4 CFa1	A1 1 A2 2 A2 4 B1 4 B2 1 B2 3 B2 7 B2 9 B2 11 CFo3	A2 1 A2 13 A2 15 A2 17 CFo3 CFo4 CFo5 CN1 CN1 CN1	A1 1 A2 15 A2 17 CFo1 CFo3 CFo4 CFo5 CN1 CN1	A1 1 A2 15 B2 9 CFo3 CFo4 CC1 CN1	A1 1 A2 15 B2 1 B2 3 CFo3 CFo4 CFa1 E1 E11	A2 1 B2 9 CFo2 CFo3 CFo4 CFa1	A2 4 A2 13 A2 15 CFo3 CFo4 CN10	A1 1 A2 4 A2 15 B2 9 CFo3 CFo4 CFo4
	Leg.	Tipo 2	Tipo 3	Tipo 1	Tipo 1	Tipo 2	Tipo 2	Tipo 1	Tipo 2	Tipo 2	Tipo 1
4 C	B2 3 B2 8 B2 9 CFo3 CFo5 CN4 CC1/2 E8	B2 1 B2 9 CFo2 CFo3 CFo4 E7	A2 5 A2 13 B2 3 CFo3 CFo4 E7	B2 2 B2 9 CFo1 CFo4 CN1 E7	A1 1 A2 11 B2 1 B2 4 B2 8 CFo3 CN3	A2 3 A2 15 B2 1 B2 13 CFo1 CFo3 CN1	A1 1 B2 7 B2 8 CFo3 CN1	A2 6 B2 3 B2 5 B2 8 B2 9 CFo3 E2 E3 E 11	A1 1 A2 6 A2 15 B1 4 B2 1 CFo2 E2	B1 1 B1 2 B2 3 CFo3	B2 1 B2 3 B2 8 B2 9 CFo3
	Leg.	Tipo 2	Tipo 2	Tipo 2	Tipo 1	Tipo 2	Tipo 1	Tipo 1	Tipo 2	Tipo 2	Tipo 2
6 GF C	B2 3 B2 6 B2 9 B2 13 CFo5 E8 E 14	B2 13 CFo1 CFo6 E9 E14	A1 1 A2 1 A2 15 B2 6 B2 9 B2 13 CFo3 CN4	A1 1 A2 13 B2 6 B2 7 B2 9 B2 13 CFo3 E8 E14	A2 3 A2 15 B2 1 B2 9 B2 13 CFo1 CFo3 CFo6 E9/14	B2 13 CFo1 CFo2 CFo5 E8/14	A2 4 B2 13 CFo3 CN1 E8 E14	B2 1 B2 13 CFo1 CFo2 CFo3 CN1 CFo5 CFo6 CN4 CC1 E 14	A2 1 A2 15 CFo3 CFo4 CN1 CN4 CC2	A2 4 B1 2 B2 13 CFo3 E8 E10 E14	B2 9 B2 13 CFo1 CFo3 E8 E14
	Leg.	Tipo 2	Tipo 2	Tipo 1	Tipo 2	Tipo 2	Tipo 3	Tipo 2	Tipo 3	Tipo 2	Tipo 3
7 GF C	A1 1 A2 6 A2 15 B2 11 CFo3 CFo4 CC2	A1 1 B2 3 CFo4 CFa2 E1	A2 15 A2 17 CFo3 CFo4 CN1 CN4 CFa1	A1 1 B1 4 B2 1 CN1	A1 1 A2 3 A2 6 A2 15 B2 1 B2 4 CFo3 CN4	A1 1 A2 3 CFo2 CFo4 CN1 CFa1 CFa2	A1 1 B2 1 CN4	A2 2 A2 3 A2 6 B1 1 B2 8 B2 11 CFo1 CC1	B2 1 B2 5 B2 13 E9	A1 1 CFo3 CN1 E1	A1 1 B2 1 CFo3 CFo4 CN1
	Leg.	Tipo 2	Tipo 2	Tipo 2	Tipo 1	Tipo 2	Tipo 2	Tipo 1	Tipo 2	Tipo 2	Tipo 2

C 10	A2 15 B2 9 CFo3 CFo4 E8	A1 1 A2 1 CFo1 CFo3 CFo4 CN1 CN4	A2 15 B2 9 CFo3 CFo4 CN4	A1 1 A2 7 B1 4 B2 1 B2 6 B2 9 CFo3 E8	A2 15 B2 1 B2 3 CFo3 CN4 CM1	A2 15 CFo1 CFo2 CFo3 CFo4 CN1 CN4	A2 3 B2 3 CFo1 CFo3 CFo4 CFo5 CN1 CC1	A1 1 A2 3 A2 15 B2 8 B2 9 CFo1 CFo3 CFo4 E8	A2 15 B2 1 B2 9 CFo2 CFo3 CFo4	B2 9 B2 13 CFo1 CFo3 E13	A2 15 B2 9 CFo1 CFo3 CFo4 CN4
Leg.	Tipo 2	Tipo 1	Tipo 1	Tipo 2	Tipo 1	Tipo 2	Tipo 2	Tipo 2	Tipo 2	Tipo 3	Tipo 2
C 16	B1 1 B2 3 B2 7 B2 8 CN1 CN2 CN10	CFo1 CFo5 CC1	B1 1 B2 9 CN1 CN10	A1 1 A2 7 B1 1 B2 3 B2 8 B2 9 CN2 CN3 CN10 CC1	B2 1 B2 3 B2 4 B2 5 B2 9 CFo3 CN2 CN3 CM1/ 2	A2 3 B1 1 B2 8 CFo1 CFo2 CFo3 CFo4 CN1	A1 1 B1 1 B2 10 CN2 CN3 CN10	B1 1 B2 8 CFo4 CN1 CN2 CN10 CFa4	A1 2 B1 1 B2 1 B2 8 B2 13 CN1 CN2	B1 1 B2 3 CN2	B1 1 B2 3 B2 8 CN1 CN2 CN10
Leg.	Tipo 1	Tipo 3	Tipo 1	Tipo 1	Tipo 1	Tipo 1	Tipo 1	Tipo 1	Tipo 1	Tipo 1	Tipo 1